

# A Reforma em Portugal

A historia resumida já publicada  
na «Egreja Lusitana» nos annos  
de 1897 e 1898, revista,  
augmentada e dividida em cinco capitulos.

- I A Antiga Egreja Lusitana.**
- II O Evangelho na Ilha da Madeira.**
- III O Evangelho em Lisboa.**
- IV O Evangelho no Porto.**
- V Organização da Egreja Lusitana, Ca-  
tholica, Apostolica e Evangelica.**

PREÇO... 200 RS.

PORTO

Typographia da Viuva de José da Silva Mendonça

(A VAPOR)

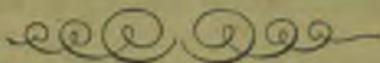
Rua da Picaria, 30

1908

# A Reforma em Portugal

A historia resumida já publicada  
na «Egreja Lusitana» nos annos  
de 1897 e 1898, revista,  
augmentada e dividida em cinco capitulos.

- I A Antiga Egreja Lusitana.**
- II O Evangelho na Ilha da Madeira.**
- III O Evangelho em Lisboa.**
- IV O Evangelho no Porto.**
- V Organização da Egreja Lusitana, Ca-  
tholica, Apostolica e Evangelica.**



PORTO  
TYP. A VAPOR DE JOSÉ DA SILVA MENDONÇA  
RUA DA PICARIA, 30

—  
1906

## A REFORMA CATHOLICA em PORTUGAL

---

● **Rito Bracharense** — E' conveniente saber que a Diocese de Braga é uma das mais antigas, provavelmente a mais antiga Igreja Christã na Peninsula Hispanica e que ainda hoje o Arcebispo conserva o titulo de Primaz das Hespanhas.

Houve Concilios importantes em Elvira (provavelmente Granada) e em Brachara Augusta que decretaram sabios Canones a respeito da disciplina do clero, prohibiram o culto ás imagens etc.

O primeiro Concilio Christão em que se encontra as palavras «*Filioque*» no Credo Niceno é o de Braga (segundo authoridades romanas, em A. D. 412).

Esta noticia a ser verdadeira, como crêmos, é importantissima, porque prova que a antiga Igreja Bracharense não acceitava nem adoptava a heresia Ariana que negava a Divindade de Christo, e que era muito espalhada e talvez dominante n'aquelle periodo.

Em A. D. 561 e 572 tiveram lugar dois importantes Concilios em Braga. O segundo d'estes Concilios, segundo o Cardeal Aguierre, condemnou as heresias dos Priscillianistas e ordenou a adopção do antigo rito Bracharense em todas as Igrejas d'esta provincia ecclesiastica.

E' fora de toda a duvida que a antiga Igreja Bracharense protestava contra a idolatria, que a Confissão auricular não era obrigatoria, que a Sagrada

Communhão era administrada ao povo em ambas as especies, a saber pão e vinho, e que esta Igreja ensinava dogmaticamente os mysterios fundamentaes da verdade Catholica, o da Santissima Trindade, o da Incarnação e o da Redempção.

Tambem parece fóra de duvida que a primeira Liturgia Bracharense foi usada intacta até que D. Afonso Henriques em 1143 sujeitou a Igreja Lusitana á supremacia da Sé de Roma.

Auctoridades C. Romanas confessam que as Liturgias, Bracharense, Mosarabica e Gothica foram usadas na Peninsula Hispanica muito antes da Romana, e que quando o Papa reconheceu a independencia politica de Portugal uma das condições era que a Liturgia e o Rito romano fossem introduzidos no novo reino.

E' certo que quando a Igreja Bracharense ficou sujeita a Roma foram pouco a pouco introduzidas algumas alterações e modificações no primitivo rito, mas a base d'esta Liturgia ainda continuava sendo a mesma.

Sabemos que ultimamente tem havido na Diocese de Braga um movimento pedindo ao Arcebispo e ao Cabido a re-impressão da antiga Liturgia Bracharense.

Não podemos deixar de lêr esta noticia sem jubilo, porque apesár que a edição da Liturgia imprimida em 1558 e actualmente usada, acha-se muito romanizada, e não representa fielmente a Liturgia da antiga Igreja Bracharense, nem póde satisfazer as aspirações d'aquelles que desejam uma Liturgia pura e primitiva, todavia a re-impressão seria um testemunho eloquente que a Igreja Bracharense não esteve sempre sujeita a Roma e que durante muitos seculos não adoptou as innovações de Roma moderna.

Agora que os jornaes Catholicos Romanos pedem a re-impressão da Liturgia Bracharense, aproveitamos a occasião de publicar outra vez um artigo que em Outubro de 1897 já publicámos com a epigrapha, «A Egreja Lusitana».

## **A antiga Egreja Lusitana**

Portugal é agora uma terra pequena, mas já foi um imperio grande.

Os nossos primeiros reis não tinham a luz perfeita, careciam da luz clara que temos hoje em dia, (porque na idade média a sciencia recuou e a Sagrada Escripura ainda não tinha sido traduzida em lingua vulgar) todavia elles obraram segundo a luz que tinham e foram abençoados por Deus.

Desde os primeiros seculos da nossa éra existia na peninsula Hispanica uma Egreja Christã que, segundo a tradição foi fundada por S. Paulo e S. Thiago, sendo a Egreja em Braga fundada por S. Pedro de Rates,

Folgamos tambem com a noticia que nos é transmittida por escriptores fidedignos, de que no tempo das perseguições dos imperadores romanos contra o christianismo não faltaram na nossa patria intrepidinhos seguidores da verdade, que sellaram com o seu sangue a profissão da santa fé de Jesus Christo. Cumpre tambem aqui recordar com ufania o florescente estado do christianismo na nossa peninsula, nos principios do IV seculo, em que se celebrou (no anno 306, pouco mais ou menos) o famoso concilio *iliberitano*, ou de *Iliberis (Elvira)* hoje Granada, cidade da Betica. N'este concilio tomaram parte 19 bispos, que estabeleceram 18 canones connumerados entre

os mais antigos dos promulgados sobre pontos disciplinares. Assistiram áquella sagrada assembleia (alguns annos anteriores ao concilio ecumenico de Nicéa) tres bispos de egrejas situadas dentro dos limites da Lusitania d'aquelle tempo: Libero, bispo de Mérida, Vicente, bispo de Ossonoba (hoje Faro) e Quinciano, bispo de Evora. (Collecção dos Concilios de Hespanha, pelo cardeal Aguirre).

Para sermos breves contentar-nos-hemos com apontar que n'este periodo se celebraram dois celebres concilios em Braga, egreja contada, com razão, entre as mais illustres de toda a Hespanha. O primeiro d'estes concilios em que tomaram assento oito prelados foi presidido pelo bispo Lucrecio em 561; o segundo em 572, prescreveu a adopção do rito bracarense em todas as Egrejas.

Aquella antiga Egreja não era só christã, mas era orthodoxa, Catholica e Apostolica, nunca acceitou a confissão Ariana, conforme fez o Papa Liberio no quarto seculo, e nunca acceitou nem approvou as confissões hereticas, conforme fizeram o Papa Zosimus no quinto seculo, e Virgilio no sexto seculo, sendo condemnado pelo quinto concilio, e Honorio no setimo seculo que foi condemnado pelo sexto concilio Ecumenico como heretico por ter cahido na heresia dos Monothelitas. Sendo notorio que os Papas seguintes reconheceram e acceitaram a sua condemnação.

*N'estes concilios se combateu a idolatria, os espectaculos ferozes, o adulterio, o divorcio, etc.*

Não pretendemos que estes concilios fossem ecumenicos, todavia os Christãos em Portugal devem ainda recordar com jubilo a celebração d'estes Concilios da Egreja Primitiva na peninsula Hespanica,

e devem acatar com respeito as suas deliberações.

Aquella antiga Igreja Catholica e Apostolica não reconhecia a supremacia da Sé de Roma, mas os seus bispos assim como os bispos d'Africa, Gallia, Germania, Bretanha e todos os bispos Orientaes dirigiam e governavam as suas Igrejas por meio de Synodos locaes e o bispo de Roma não tinha direito de interferir, sendo elle mesmo sujeito aos decretos do Synodo e em questões graves que necessitavam da authoridade da Igreja inteira, convocava-se um Concilio Ecumenico que unicamente era e é a authoridade superior na Igreja inteira — tal era a constituição da Igreja. Os bispos eram independentes uns dos outros e inteiramente livres dentro dos seus limites, submettendo se só aos decretos dos Concilios e assentavam-se como eguaes uns ao pé dos outros nos Concilios. Nenhum bispo jámais requeria direitos monarchicos sobre a Igreja inteira e se alguma vez algum bispo arrogante de Roma propunha alguma pretensão de absolutismo desconhecido na Igreja elle era accusado de seu erro e reprehendido. Durante os nove seculos dos Synodos Ecumenicos, as Igrejas Catholicas na peninsula Hispanica nunca reconheceram as pretensões arrogantes dos bispos de Roma a uma primazia e por conseguinte não lhe foram sujeitas.

A parte Oriental da peninsula Iberica teve, como ninguem ignora, o seu rito proprio e nacional conhecido pelo nome de Mozarabe ou Gothico e os Bracaros no occidente da mesma peninsula tiveram tambem o seu, e d'este antigo rito Portuguez restam ainda alguns vestigios na Liturgia e nos usos da Igreja Bracarense.

Na Igreja Mosarabica, provincia ecclesiastica de

Toledo dizem os eruditos na historia ecclesiastica que o presbytero consagrava com o rosto virado para o povo.

A antiga Igreja Bracarense tambem se pôde chamar Mosarabica, isto é formada por christãos hispano-romano-godos no oeste da Peninsula durante a dominação arabica.

Os presbyteros d'aquella antiga Igreja vestiam estola e alva *comprida* conforme ainda se usa na diocese de Braga.

Nem a Igreja Bracarense nem a de Toledo estavam sujeitas a Roma até meados do seculo XII mas a sujeição *completa* de Portugal á Sé de Roma só se effectuou no reinado de D. João III.

A antiga Igreja Bracarense não fazia uso de pão asmo, nem negava o calix ao povo, não acceitava a doutrina do Purgatorio, não ensinava a confissão auricular obrigatoria nem o poder temporal, nem a infallibilidade e absolutismo do bispo de Roma, mas celebrava a Sagrada Eucharistia com pão fermentado (como os proprios theologos romanos admittem) e seguindo o mandamento do Senhor «Bebi *todos* d'elle» dava a todos a sua parte no calix sagrado e *ainda hoje* no dia da Transfiguração em Agosto, segundo a rubrica do Missal Bracarense, o povo communga em duas especies, *Hostia e Uvas*.

A antiga Igreja Bracarense invocava a misericordia de Deus para o perdão e eterno descanso d'aquelles que dormem no Senhor, mas não ensinava as innovações acerca d'um fogo Purgatorial nem acerca dos meritos superfluos dos Santos e a sua distribuição, nem de indulgencias etc., nem obrigava o clero parochial ao celibato perpetuo.

A antiga Igreja Bracarense ensinava dogmatica-

mente a *única* Santa e Immaculada Incarnação do Unigenito Filho de Deus pelo Espirito Santo e pela Virgem Maria e que ella ficou Virgem e deu á luz aquelle que era Deus, mas não ensinava o novo dogma da Immaculada Conceição de Maria, dogma inteiramente desconhecido pela antiga Igreja, e até vehementemente combatido por muitos theologos romanos.

E' verdade que o rei D. Affonso Henriques no seculo XII por motivos politicos sujeitou Portugal á Sé de Roma, offerecendo-se por feudatario da Santa Sé com o censo annual de quatro onças de oiro, mas D. Sancho I isentou Portugal da tutela pontificia e negou pagar tributo a Roma.

Alguns arcebispos de Braga e entre elles Estevão Soares no seculo XIII luctaram pelas liberdades e usos da antiga Igreja.

Os seus esforços não foram inteiramente infructuosos. A Igreja Bracarense perdeu a sua independencia e sua liberdade mas Roma teve de consentir que *parte* do antigo rito e liturgia bracarense (que é muito differente do rito romano) continuasse e ainda continua a ser usado na diocese de Braga.

Alguns reis e mormente D. Affonso II e D. Affonso III no seculo XIII desprezaram as exigencias e excommunhões do Papa, D. Pedro I no seculo XIV ordenou que nenhuma bulla pontifical tivesse valor em Portugal sem o beneplacito regio, D. João V chegou a declarar Portugal independente da Sé de Roma, ordenando que o patriarcha exercesse as funcções do Pontifice, mas a eleição do papa Clemente XII poz termo ao schisma, D. José no seculo XVIII expulsou os Jesuitas de Portugal, e aboliu o Indice expurgatorio.

Antigamente os Israelitas que foram perseguidos em quasi toda a parte buscarão abrigo e tolerancia no solo de Portugal, cada cidade importante tinha sua synagoga, monumento eterno da tolerancia religiosa que existia em Portugal até o reinado de D. Manoel. Ainda mais, quando D. Affonso III poz termo ao dominio dos mouros em Portugal mostrou a sua generosidade consentindo que elles continuassem a viver no reino em bairros separados chamados mourarias e sujeitos ás leis vigentes.

No seculo XV o infante D. Henrique iniciou as descobertas de Portugal; as Ilhas dos Açores e da Madeira surgiram cobertas de verde relva no Oceano Atlantico e os cabos Não e Bojador successivamente vencidos revelaram a audacia dos portuguezes e nos descobriram a costa africana povoada e coberta de luxuriante vegetação. Bartholomeu Dias, Pedro Alvares Cabral e Vasco da Gama atravessaram mares nunca antes navegados e descobriram o cabo de Boa Esperança, a costa do Brazil e uma nova derrota para as Indias orientaes. Portugal chegou ao auge da sua gloria, das suas descobertas e de sua riqueza no reinado de D. Manoel no seculo XVI.

Mas a expulsão dos Judeus, a entrada dos Jesuitas, o estabelecimento da Inquisição e o servilismo á Sé de Roma foram quatro golpes mortaes á liberdade e ao progresso da nossa patria.

Depois da introduccão da Inquisição em Portugal nenhum homem scientifico, banqueiro, negociante arrojado, ou artista habil estava seguro, mas a cada passo eram presos nas trevas da noite, accusados falsamente de feiticaria, artes diabolicas ou algum supposto crime, horivelmente torturados, obrigados a confessar delictos que nunca tinham praticado, ora

assados e queimados nos autos-da-fé nas praças publicas, ora, o que talvez fosse peor, encerrados e murados n'uma pequenissima masmorra, condemnados a uma morte terrivel com falta de pão, agua, ar e luz.

Em uma palavra, a um governo livre, e a uma côrte brilhante, succedeu um governo sacerdotal, uma côrte hypocrita e um povo escravizado sem energia e sem zelo.

Se os nossos paes n'aquelle tempo tivessem mantido a tolerancia religiosa iniciada pelos primeiros reis de Portugal e se tivessem fielmente publicado o Evangelho, na Africa, no Brazil e na India, não teriam seguido trezentos annos de decadencia, tres seculos de fanatismo, tres seculos de Jesuitismo, tres seculos de Dominio da Inquisição, exceptuando toda via o reinado de D. José.

**A instituição das ordens monasticas** deu lugar a muitos abusos, mas não pode ser considerada como uma das innovações da moderna Roma, como são a negação do calix ao povo no Sacramento da Sagrada Eucharistia, a doutrina absurda da immaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria ou a infallibilidade do Papa de Roma.

As ordens monasticas tiveram a sua origem com Santo Antonio no III seculo da era christã, porém os religiosos procuraram no trabalho o seu sustento diario.

Tiveram a sua origem quando os christãos eram perseguidos pela maioria idolatra e muitas vezes eram obrigados a sahir das cidades, refugiando-se nas cavernas e covas da terra. (Heb. XI. 37 e 38.)

Não somos apologistas das ordens monásticas no seculo actual, não desejamos vêr outra vez estabelecido entre nós os conventos, mas não podemos

deixar de confessar que elles tiveram a sua utilidade na idade media.

E' principalmente aos conventos que devemos a conservação de alguma pouca instrucção e de ainda menos sciencia na idade média, quando os reis, os barões, os ricos homens, os suzeranos e os seus vassallos andavam em guerras continuas. N'aquella idade os frades eram os unicos medicos, os unicos professores e quasi os unicos que estudaram as sciencias naturaes, e alguns empregavam o tempo copiando á mão a Sagrada Escriptura e os classicos da antiguidade.

Os conventos eram as escolas, os hospitaes, os azylos e os museus da idade média.

Em Portugal na 1.<sup>a</sup> dynastia os frades sem duvida prestaram alguns serviços relevantes á religião e á humanidade, mas bem depressa a ociosidade e as suas companheiras a libertinagem e a devassidão apoderaram-se dos conventos, e o rei D. Affonso II viu-se obrigado a fechar muitos conventos, e prohibiu algumas ordens, expulsando os frades.

De mal para peor, de peor para pessimo, no tempo de D. João III os conventos (diz Alexandre Herculano) eram o centro do jesuitismo, da intriga, da devassidão e da ociosidade.

A um governo liberal, a uma côrte esplendida, a um exercito de heroes e a um povo industrioso, seguiu-se um governo intolerante, uma côrte hypocrita, um povo escravizado, mas as egrejas multiplicaram-se e os conventos estavam cheios de mandriões.

Se D. João III tivesse mantido a tolerancia religiosa iniciada pelos primeiros reis de Portugal e continuada pelos successores até D. João II, se tivesse mandado ensinar o christianismo immaculado e a

caridade evangelica na Africa, no Brazil e na India, talvez teria poupado á nossa querida patria a decadencia que nos conduziu ao jugo estrangeiro.

A derrota de Alcacer-Kibir, a morte prematura de D. Sebastião não foram as unicas nem as principaes causas da perda da nossa independencia.

A entrada dos Jesuitas, o estabelecimento da inquisição, a expulsão dos judeus, a multiplicação dos conventos, eis as causas da nossa derrota.

A industria estava morta, os campos incultos, todos sonhavam em se enriquecerem na India aonde muitos morreram e alguns sem duvida amassaram fortunas colossaes por meios pouco licitos, roubando e maltratando os indigenas, e depois querendo expiar as suas culpas, voltando á patria fundaram os conventos, e cada convento era um centro de preguiça e libertinagem.

A morte da patria era já inevitavel e tudo achase admiravelmente descripto pela penna de Alexandre Herculano na Historia da Inquisição.

Os jesuitas são os principaes causadores da decadencia do nosso imperio colonial.

Os Fillipes instigados pelos frades introduziram a Inquisição nos Paizes Baixos, mas os Hollandezes tiveram o mau gosto de não quererem morrer queimados e resistiram com felicidade o poder (então colossal) de Hespanha, e como reprezalia apossaram-se das nossas colonias.

Os frades instigaram as guerras religiosas que devastaram o centro e o occidente da Europa e que acabaram com a paz de Augsburgo, o Editto de Nantes e a paz de Westphalia depois da morte de centenas de milhares de victimas.

Os protestantes pediam a liberdade religiosa, mas

os frades tentaram abafar as consciencias e queimar a Sagrada Escripura.

Dos conventos nasceram as intrigas politicas, as guerras civis, a intolerancia religiosa, a ociosidade e a decadencia da industria.

Condemnamos, ou pelo menos devemos condemnar (mas a sociedade nem sempre é justa) o homem que com o seu dinheiro, com a sua presença e o seu vicio sustenta as prostitutas. Com muito mais razão devemos condemnar os conventos, onde debaixo do manto da religião se pratica toda a imundicie, toda a devassidão, todo o crime, o infanticidio em grande escala, a crueldade e até o homicidio, escarnecendo de todas as leis hygienicas, mo-  
raes, Divinas e humanas.

Pode talvez alguém dizer que, protestando contra os conventos estamos protestando contra a Igreja Catholica.

Não, de nenhuma sorte; protestamos contra os conventos, contra todos os abusos, e todas as innovações de Roma, mas não contra a Igreja Catholica.

A Igreja Catholica, o Catholicismo de Jesus, de S. Paulo e S. Pedro, S. Bazilio, S. Ignacio, S. Polycarpo, S. Christovão, S. Agostinho e de S. Athanasio acha-se fundado sobre uma rocha e nunca acabará, mas os abusos e innovações tem de acabar e quanto mais depressa melhor.

Entro o clero Portuguez destacam-se quatro vultos:

S. Francisco Xavier, Frei Bartholomeu dos Martyres, Padre Antonio Vieira e Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

**S. Francisco Xavier** foi Jesuita mas o Jesuitismo nos primeiros annos de sua existencia tinha

por fim espalhar o Christianismo e ainda não tentava assolar a liberdade e captivar a consciencia humana por meio de uma vasta organização politica. Alguns dos novos dogmas da Igreja Romana (apesar de já conhecidos e tolerados) ainda não tinham o carimbo official e não foram promulgados como necessarios para a salvação até ao Concilio Tridentino e o Concilio do Vaticano.

Até quasi todos os escriptores protestantes reconhecem em S. Francisco Xavier um eminente missionario e um zeloso prégador do Evangelho. Xavier, lendo a Sagrada Escriptura e meditando sobre o texto «Que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma», resolveu dedicar toda a sua vida á prégacao do Evangelho. Rejeitou o logar de conego em Pamplona apesar de esta posição lhe ser muito proveitosa. Desde que chegou á India em 1541 de nada cuidou senão de fazer chegar aos corações dos pagãos em toda a simplicidade a sublime doutrina de Jesus. Fundou escolas; foi o amigo do leproso, o soccorro do pobre e o conforto do moribundo.

Traduziu o cathecismo christão, alguns psalmos e os Santos Evangelhos em algumas linguas orientaes. Reprehendia reis e nobres, intimando-os, como inspirado, a abandonarem a sua vida desregrada e negando o baptismo christão aos gentios que não abandonassem a idolatria e a devassidão. As multidões corriam em massa para ouvir o Evangelho e 100:000 almas receberam o christianismo.

Como christãos evangelicos, não podemos approvar tudo que fez e tudo que ensinou este apostolo das Indias, todavia, não podemos deixar de admirar e elogiar a sua abnegação christã, o seu zelo infati-

gavel, a austeridade do seu character, sua imparcialidade, e sobre tudo o seu amor ao Salvador. Este amor foi tão evidente e tão fervoroso que sobressahia a seus erros e ás suas superstições.

Sem a benção divina não podia elle sem dinheiro, sem fausto, (que elle aborrecia) quasi sem coadjuutores, têr feito que dezenas de milhares de gentios na India, Malacca e Japão abraçassem o christianismo e que muitos abandonassem a idolatria e a devassidão e dessem provas pela sua fé e abnegação que a sua conversão era verdadeira.

Morreu quasi abandonado em uma ilha no mar da China, as suas ultimas palavras foram, «Só em ti Senhor tenho confiado, nunca serei confundido».

**Frei Bartholomeu dos Martyres.**—Nasceu no reinado de D. João III, teve uma educação esmerada e destaca-se brilhantemente em relevo entre todos os seus contemporaneos. Foi-lhe offerecido o arcebispado de Braga, que elle regeitou, porque não procurava honras mundanas. Convenceram-o porém de que n'aquella posição podia melhor servir a Deus, á Igreja e á patria e ser util á sociedade.

Acceitou o arcebispado, deixando porém a politica, a sociedade e as honras mundanas, entregou-se unicamente ás cousas sagradas, tentando ser util aos seus semelhantes.

Trabalhava sempre, nunca descansava. Com seu exemplo, com as suas obras, e com sua iniciativa estabeleceram-se na diocese de Braga grande numero de escolas, hospitaes, asylos e irmandades.

Em tempo que Portugal foi visitado pela peste e fome como nunca houve, e, permitta Deus, nunca torne a haver, o arcebispo gastou todos os seus rendimentos particulares, todos os rendimentos da mi-

tra, todos os subsidios publicos e os donativos particulares, que elle pôde angariar, em soccorrer os pobres, os doentes, os famintos e os moribundos.

Milhares e dezenas de milhares foram salvos por sua intervenção, que aliás teriam sido surprehendidos por uma morte inevitavel. Todos na diocese de Braga consideravam, e ainda consideram o grande arcebispo como o pae dos necessitados, do orphão e do desamparado.

Lemos algumas vezes nós Evangelhos que *«Jesus vendo-os ficou movido de compaixão»*. Pois, n'isto estava os merecimentos do arcebispo tanto como philanthropo, como prégador, como pastor de almas.

Elle não só mandava dar esmolmas mas pessoalmente visitava os pobres, os doentes e os moribundos.

E realmente, o pastor de almas pode aprender mais visitando os recintos de doença, de pobreza e do peccado, e alli conhecer a miseria, a desgraça e as maldades que ha no mundo, do que só fechado no seu gabinete, estudando os classicos ou a theologia.

Frei Bartholomeu dos Martyres visitou todas as freguezias da diocese até as mais remotas e inacessiveis nas montanhas, encontrando alguns que nem conheciam as pessoas da Santissima Trindade. Repicava os sinos, chamava o povo ás egrejas, catechisava, ensinava e prégava não uma vez mas muitas vezes cada dia.

Algumas vezes foi esperado por uma troupe de mocetões, filhos do parocho, armados de varas, que, (conhecendo a sua rigidez e rectidão) ameaçaram o arcebispo, pensando que elle ia suspender o seu pae.

Todos ficaram admirados, estupéfactos e commovidos com a mansidão e benignidade do arcebispo, que a todos dirigia palavras meigas e caritativas, aconselhando o parocho que fosse fiel a uma só mulher, que governasse bem a sua casa e tivesse seus filhos em sujeição conforme recommenda S. Paulo em sua epistola a Timotheo ! Mas o que melhor interessa a nós crentes evangelicos é o protesto d'este grande arcebispo contra as innovações de Roma.

Nós protestamos aqui longe dos Concilios, longe do Vaticano, mas elle teve a coragem sobrehumana de protestar em pleno Concilio Tridentino contra o celibato do clero, contra o culto em lingua estrangeira, contra a simonia, (a compra e venda de coisas sagradas), e outras innovações de Roma moderna.

Os historiadores romanos não narram este facto na Historia de Portugal nem na biographia do grande arcebispo, todavia qualquer pessoa que sabe lêr latim pôde verificar a verdade da nossa asserção na Bibliotheca publica da cidade do Porto. Tambem é muito conhecida a seguinte anecdota que copiamos do «Minho Pittoresco» :

«O virtuoso Frei Bartholomeu dos Martyres no concilio de Trento, pronunciando-se contra o celibato do clero disséra a proposito da venalidade carnal dos padres da sua diocese. Só em Prado conheço os que não peccam, mas esses são de barro e se Vossa Santidade quer, para cá lhe mando alguns assim formados».

Os conselhos do Arcebispado de Braga não foram attendidos mas o Papa não se atreveu a excommungal-o, receiando talvez exasperar os Portuguezes que o estimavam como santo.

O Papa ameaçou o Arcebispo a retirar os seus

protestos, e como este não obedecesse, prendeu-o disfarçadamente, tratou-o benignamente mas por muito tempo obistou a que voltasse á sua diocese.

O Papa temia que o Arcebispo se declarasse abertamente Lutherano, tambem receiava perder o seu dominio sobre Hespanha e Portugal, por isso tratou-o meigamente e por fim permittiu que elle voltasse á sua diocese com authoridade de lá fazer as reformas que quizesse logo que não compromettesse a unidade Catholica e a supremacia da Sé de Roma!!

Quando elle morreu todo o povo da sua diocese instou que elle fosse considerado santo, mas os seus protestos contra as innovações de Roma sempre obstaram que elle fosse canonizado e se não fosse o receio de perder a suzerania sobre Portugal (que o acclamava como santo) decerto o Papa teria excomungado o grande arcebispo.

«Descance em paz». Sigamos nós o exemplo do grande prelado, reformador, e philantropo.

**O Padre Antonio Vieira** — Cunprimos um dever exaltando a memoria de Vieira, portuguez de lei e servidor de sua patria como poucos. Não nos envergonhamos d'isso. Não queremos fazer politica facciosa, e não podemos deixar de prestar homenagem a um grande vulto, a um talento extraordinario, só porque não pertença á mesma grei politica, ou porque não milite no mesmo campo religioso.

O padre Vieira, debaixo de sua sotaina foi o maior liberal do seu tempo. Disse verdades amargas ao povo e ao Rei. E mais vale a franqueza de um amigo (que o era dedicadissimo de ambos) do que a hypocrisia dos aduladores.

Padre Vieira era um Christão convicto, um pa-

triotista entusiastico, defensor dos perseguidos, um libertador dos opprimidos. Pouco nos importa se elle era Catholico Romano, Velho Catholico, ou protestante; se era monarchico ou republicano, se era judeu ou grego, rico ou pobre. Padre Vieira foi sem duvida um discipulo de Christo, um prégador do Evangelho, um grande portuguez, um philanthropo sem igual, um bemfeitor da humanidade.

Graças sejam dadas ao Altissimo pela boa vida e bom testemunho que elle nos deixou, e praza a Deus que alguns entre nós possam ainda equipararem-se em suas virtudes e seguir o seu exemplo.

**Monstro de Portugal** — Foi o seu apellido no estrangeiro.

Philosophia, theologia, historia, linguistica, letras sagradas e profanas, a Biblia e principalmente a Biblia, pareciam todas affluídas e reconcentradas n'aquella cabeça portentosa.

Pois, aprendendo de prompto e perfeitamente os idiomas indigenas no Brazil fez cathecismos, escreveu orações e traduziu trechos da Sagrada Escripura em nada menos que sete linguas differentes, demorou cinco annos em todas as aldeias da Bahia, e nove entre as gentilidades do Maranhão e Pará; levantou dezeseite egrejas, percorreu a pé e em canoa milharres de legoas.

Alguns são grandes nas letras, outros nas artes, ainda outros na litteratura ou nas armas, mas Padre Vieira foi grande em tudo; entusiastico patriota, campeão de nossa independencia, diplomata, liberal perseguido pela Inquisição (onde esteve encarcerado por dez mezes) o primeiro antagonista da escravatura, desmascarador dos horrores do Tribunal de Sangue,

defensor da Liberdade da Consciencia, grande classico e eximio orador Sagrado.

Padre Vieira seguiu o exemplo de S. João Baptista, reprehendeu reis e cortezãos, atacou a poderosissima Inquisição, não respeitou pessoas, mas fallou a verdade sem medo.

Padre Vieira avançou 2 seculos á epocha em que vivia. Quasi dous seculos antes que os campeões da liberdade dos escravos, Wilberforce e Fox entraram na liça contra a nefasta escravatura, já Vieira prégava a liberdade dos indios, e a emancipação dos escravos.

Mais que 100 annos antes que a Revolução Franzeza proclamou os direitos do homem, já Padre Vieira prégava a «Liberdade, a Fraternidade e a Igualdade». *Hoje quasi ninguem defende a Inquisição* mas no seculo XVII o Tribunal de Sangue era poderosissimo em Portugal, e mais de 100 annos antes que o marquez de Pombal vibrou golpes contra este poder collossal, já Vieira teve a coragem de lhe mover uma guerra atroz, conseguindo que este nefasto Tribunal de Sangue fosse suspenso durante 7 annos!!

Hoje, no seculo XX, a liberdade de consciencia é principio admittido por todos os liberaes e por todas as nações cultas, mas quasi 200 annos antes que os liberaes de 1820 aboliram a monarchia absoluta e proclamaram a liberdade civil e a liberdade de consciencia, já Padre Vieira defendia os Christãos novos e os Judeus, conseguiu que estes fossem tolerados em Portugal e mostrou a inutilidade das perseguições religiosas que nunca convencem nem convertem: ás vezes fazem hypocritas, mas nunca crentes verdadeiros.

Na Oratoria sagrada o Padre Vieira vae á fonte

limpa, á Sagrada Escripura procurar os textos, e o assumpto da sua eloquencia.

Houremos o nome, respeitemos as cinzas do Padre A. Vieira, campeão da liberdade de consciencia. Descobrámo-nos respeitosamente deante d'este valente patriota e eximio orador sagrado.

Não podemos approvar tudo quanto elle fez, não ha nenhum justo nem sequer um, mas graças sejam dadas ao Altissimo pelo Espirito de Caridade.Christã que obrou n'elle.

**O padre Antonio Pereira de Figueiredo.** Está ainda por fazer o estudo das ideias religiosas d'este fecundissimo theologo do século XVIII, que nos legou a traducção da Biblia actualmente mais em voga em Portugal.

E' nosso parecer que quem fizesse esse estudo chegaria á conclusão de que o padre Pereira, que era como no seu tempo o conheciam melhor, foi, em certo modo, um dos pioneiros da reforma religiosa no nosso paiz.

A sua actividade litteraria foi enorme e em toda ella se manifesta a lucta contra os erros e abusos da egreja romana.

E' difficil apurar as intenções d'esta lucta. Os historiadores, quer amigos quer inimigos do padre Pereira de Figueiredo, são quasi unanimes em dizer que os seus fins eram servir o Marquez de Pombal, que o tinha chamado para seu alliado na grande lucta contra a Companhia de Jesus e por causã d'esta contra Roma. Segundo estes historiadores, a obra do padre Pereira seria uma obra politica. E' certo que este devia ser o fim principal da sua celebre *Tentativa Theologica*, que fez publicar em latim e portuguez

e correr toda a Europa, e com qual queria e conseguiu destruir as abusivas prerogativas do papa e da curia romana.

Mas o padre Pereira de Figueiredo não se limitou a discutir as questões da disciplina ecclesiastica, como n'este caso. Em outras obras entrou a fundo nas questões dogmaticas e de interpretação, e em todas ellas revelou as suas tendencias reformistas e evangelicas. D'esta maneira, em meu modo de vêr, revelou as suas preocupações religiosas e deixou-nos ver que o seu fim era não só politico mas tambem religioso.

A traducção da Biblia não podia ter nenhum fim politico. E tambem não me parece que emprehesse e levasse a cabo esta obra monumental apenas pela preocupação litteraria de ligar o seu nome a uma obra do valor d'aquella.

Inclino-me mais a crer que o fez com o fim de concorrer para a reforma religiosa do seu paiz. As notas que pôz na sua traducção da Biblia foram taes que logo os ultramontanos levantaram contra elle uma campanha formidavel, accusando-o de jansenista, protestante, calvinista, etc. De facto, muitas das suas notas revelam as suas tendencias evangelicas e destroem os erros e as praticas do romanhismo.

Dotado d'uma energia ferrea e d'uma profunda erudicção, o padre Pereira luctou e venceu. As suas obras chegaram a cahir na *Indice Expurgatorio*, mas elle tirou-as de lá com a derrota dos seus adversarios.

Mas a circumstancia que nos convem notar é que a lucta não era, como tantas vezes aconteceu entre os theologos romanos, sobre questões de *lana caprina*. O padre Pereira defendia quasi todos os principios

que separam a igreja evangelica da igreja romana.

Basta um livro para demonstrar esta verdade: *A Analyse da Profissão da Fé*. Este livro destroe ou abala profundamente os erros do primado de Pedro, sacrificio da missa conforme se ensina na Igreja Romana, purgatorio, culto de imagens, orações a santos, transubstanciação, etc., etc.

O livro foi condemnado e queimado, tanto que é raro hoje apparecer um exemplar da primeira edição. Mas tudo isto ás occultas e encontrando sempre a perseverança de Pereira. Para mim é uma circumstancia interessante e importante o saber que o padre Pereira de Figueiredo nunca se retratou das suas affirmações. Nos seus ultimos momentos, teve a coragem de mandar pôr fora de sua casa um confessor que os jesuitas lhe tinham mandado para lhe arrancar uma retratação das suas crenças. Isto prova que embora tivesse havido na obra do padre Pereira o fim politico, houvera tambem a funda convicção religiosa.

O erro do padre Pereira, se assim lhe podemos chamar, e a causa da sua obra não produzir efeitos ainda maiores, foi querer continuar a lucta conservando-se *de dentro* da Igreja Romana. Se isto, porem, não diminue o nosso respeito pelo homem e pela sua obra, serve de lição a qualquer que ainda esteja illudido com a ideia de que pôde ter bom exito na lucta contra essa teia do romanismo, sem, no momento preciso, se libertar d'ella por completo e procurar a santa liberdade do evangelho de Christo.

Vamos contar a seguinte anecdota do padre Pereira de Figueiredo, que mostra a sua viveza d'espírito e prompto expediente. Contou-nos o Snr. Dr. Souza Viterbo, que não se lembrava se a tinha por

tradição oral, se por a ter lido em qualquer livro.

E' esta a anedota:

O padre Pereira de Figueiredo era ruivo.

Em certa occasião, encontrou-se com um jesuita, que, como todos os outros jesuitas não o podia ver.

O esbirro da Companhia de Jesus, querendo avultar e confundir o padre Pereira, deante d'algumas pessoas presentes, perguntou-lhe com uma apparencia de humildade, mas mordido de odio:

— Vossa reverencia, que é tão versado nas Escripturas, poderia dizer-me se é verdade que Judas era ruivo?

— Se era ruivo ou não, não sei, respondeu promptamente o padre, o que eu sei é que elle era da *companhia* de Jesus.

**O rei D. João V** teve desavença com o Papa Benedicto XIII e não só rompeu todas as relações com a côrte de Roma, mas prohibiu toda a communicação com a Santa Sé, ordenando que o patriarcha exercesse as funcções de Pontifice.

Este scisma findou por occasião do novo Papa Corsini.

**No reinado de D. José**, Sebastião de Carvalho, Conde de Oeiras, expulsou do reino a companhia de Jesus, e tanto trabalhou em Roma, com o auxilio da França e da Hespanha, que logrou obter finalmente do papa Clemente XIV uma bulla que o abolia em todo o orbe catholico.

Antes d'esse definitivo triumpho, já o ministro de D. José mostrara as suas relações com a côrte de Roma, uma energia a que estava pouco habituada a curia. O nuncio foi expulso de Portugal por ter mostrado menos cortezia com o nosso governo e só 10 annos depois as nossas relações se restabelece-

ram quando a companhia de Jesus foi definitivamente abolida, e entretanto o Conde de Oeiras, já nomeado Marquez de Pombal, coarctava muito as attribuições do poder pontificio, secularisava a sociedade, tirava ao poder ecclesiastico a censura dos livros, punha obstaculos á profissão de um numero demasiado de frades e de freiras, supprimia conventos, abolia confrarias, tornava emfim o poder civil o mais independente que era então possivel das invasões do poder religioso.

**Durante o dominio da Inquisição em Portugal** não só toda a reforma religiosa mas mesmo todo o estudo scientifico e empreza commercial era totalmente impossivel.

Com este estado de coisas não é d'admirar que mesmo aos inglezes residentes em Portugal não era permittido reunirem-se para celebrar culto, mesmo em casa particular.

Durante o Protectorado de Cromwell foi assignado um Tratado em Westminster entre Inglaterra e Portugal em 10 de julho de 1654, provendo que o povo da Republica Ingleza tivesse plena liberdade para professar sua religião em casas particulares, em qualquer parte dos dominios do Rei de Portugal, e finalmente que lhes fosse concedido um logar para a sepultura dos seus mortos. Todavia este Tratado ficou quasi como letra morta. O Consul Inglez e o Capellão inglez foram chamados por varias vezes diante do tribunal da Inquisição, ameaçados e forçados a deixar o paiz.

No Consulado Britannico em Lisboa existe a copia de uma carta datada de 9 de janeiro de 1715, da colonia Britannica ao snr. Worsley então embaixador inglez na Côrte de Lisboa, na qual os negociantes

tes se queixam que varios artigos do Tratado de 1654 eram transgredidos e que «a Inquisição Portugueza roubava sem piedade e levava nossos filhos com a intenção de os fazer Catholicos Romanos».

Até quasi o fim do seculo passado, aos marinheiros e negociantes inglezes que falleciam no Porto, a segunda cidade do reino, não era concedida sepultura em cemiterio algum, mas eram enterrados ás escuras e em silencio n'um lugar exposto e não vedado por muro algum, e sem lousa ou campa alguma para marcar o sitio da sepultura.

Durante a mocidade do auctor d'estas linhas este lugar descoberto passava pelo nome de cemiterio inglez.

Este lugar fica defronte de Massarellos e acha-se agora uma fabrica edificada alli.

**Um inglez na Inquisição.** — No principio do seculo p. p. vivia na cidade do Porto um inglez, negociante de vinhos, bem conhecido, que em conversa particular, quando alguem fallava de religião, sempre tinha a coragem para mostrar que não tinha sympathia alguma pelas superstições e innovações romanas.

Um dia este negociante desapareceu, ninguem sabia como nem aonde. Sua familia e seus amigos procuraram-no em vão, não conseguiram descobri-lo nem sabiam onde estava, mas era facil conhecer que elle não tinha sahido do reino porque n'aquelle tempo os meios de transito por mar e por terra eram muito limitados.

Passados bastantes mezes elle appareceu outra vez cheio de medo e terror!

Em respoça ás perguntas dos seus amigos elle nunca disse onde tinha estado nem quem o raptou

mas a referencia a este assumpto sempre o enchia de espanto e medo. Agora nunca falla da religião, d'antes era protestante mas agora cumpre com os preceitos externos da religião catholica romana!! Antes da sua morte poucos annos depois, os seus amigos descobriram que tinha elle sido feito prisioneiro da Inquisição, torturado, obrigado a professar o romanismo e depois libertado sobre juramento de nunca divulgar onde foi recluso nem como tinha sido tractado.

Mencionamos este factó apenas para mostrar o poder ainda que tinha a Inquisição no principio do seculo XIX.

**Os Iniciadores da Reforma em Portugal** depois da promulgação dos novissimos dogmas da Immaculada Conceição e a Infallibilidade Papal.

**D. Antonio Martins** Bispo de Vizeu.

O eximio Historiador e Patriota liberal, **Alexandre Herculano**.

**O Padre Angel Herreros de Mora.**

Em 1842 depois do estabelecimento de um governo constitucional em Portugal, o Rev.<sup>o</sup> Dr. Gomes, ecclesiastico Hespanhol, perseguido em seu paiz, começou a prégar o Evangelho em Lisboa, fóra do gremio da Egreja Catholica Romana, usando a Liturgia da Egreja Anglicana.

Durante alguns annos os Officios Divinos celebrados por este ecclesiastico (que sempre tiveram um character particular) foram tolerados, mas em 1852 foi publicado o Codigo Penal que prohibia que os nacionaes professassem qualquer rito a não ser o romano e o Dr. Gomes foi intimado a não continuar o culto *Schismatico* e a sua congregação foi dispersa.

Por muitas vezes antes de 1870 os vendedores

ambulantes da Sociedade Biblica foram perseguidos, maltratados e encarcerados, em opposição directa á Carta Constitucional Art. 145 que diz «Ninguém pôde ser perseguido por motivos de religião uma vez que respeite a do Estado e não offenda a moral publica».

Manoel Vieira de Souza foi encarcerado durante muitos mezes na villa de Barcellos.

Manoel Francisco da Silva e outros foram presos e encarcerados dezenas de vezes, frequentemente sem fiança, em diversas cidades e villas do reino pelo *crime* (?) de offerêcer á venda Biblias segundo a Vulgata traduzidas pelo celebre padre Antonio Pereira de Figueiredo, em flagrante opposição á razão, á Carta Constitucional, e ás portarias do governo. Isto prova o grande poder da reacção em Portugal antes que o Ultramontanismo e a intolerancia foram combatidos pelo Bispo de Vizeu e por Alexandre Herculano e é especialmente devido aos esforços heroicos d'estes dois vultos, tanto na politica como na imprensa, que em Portugal desde 1870 tem sido melhor comprehendida e praticada a liberdade religiosa do que no reino visinho.

No anno 1868 um joven industrial, homem obscuro da freguezia de Mafamude, concelho de Gaya, costumava presidir a uma Aula Biblica e lêr a Ladainha em lingua vulgar em sua casa todos os Domingos á tarde, (quando os templos estavam fechados) sem ter préviamente o cuidado de fechar as portas da sua habitação para que não assistissem ás suas preces nem chegassem a tomar parte n'ellas alguns Catholicos Romanos.

Isto bastou para que os Jesuitas se puzessem em campo, os reaccionarios começaram a tremer e foram bater ás portas das Secretarias do Estado, di-

zendo que a religião do reino estava em perigo; os padres denunciaram-no ao poder judicial, procuraram falsas testemunhas e o joven industrial foi preso, processado e julgado «por haver formado reuniões em sua casa de gente, a quem tentava, por meio de palavras e predicas a seguir doutrinas contrarias aos dogmas catholicos, fazendo proselytos e conversões para a Religião Protestante», e foi condemnado a seis annos de desterro fóra da sua patria.

O processo foi annullado por informalidades pelo Tribunal da Relação, e no anno de 1869 elle foi novamente julgado e absolvido mas não indemnizado do incommodo que teve e dos prejuisos que soffreu.

Narramos aqui estes factos quasi incriveis que tiveram lugar ha trinta e oito annos sem commentario algum, só para mostrar que antes de 1870 não existia tolerancia religiosa em Portugal e que as liberdades concedidas pela Carta Constitucional eram letra morta. Não havia então periodicos liberaes n'este paiz mas todos os jornaes estavam mais ou menos dependentes do poder ecclesiastico e dos sectarios da intolerancia! Nenhum jornal defendia a liberdade religiosa nem os direitos sagrados conquistados pela lucta da liberdade e que foram violados pelos sectarios da perseguição e intolerancia, isto em nome da religião de Christo e da unidade Catholica.

Em 1870 o Bispo Strossmayer, Dr. Dollinger, D. Antonio Martins Bispo de Vizeu e mais alguns poucos tiveram a coragem de protestar contra a Infalibilidade Papal. O ultimo, como é geralmente sabido, recusou a sua assignatura ao novo dogma e teve de sahir precipitadamente de Roma, e não sem difficuldade conseguiu livrar-se do imminente perigo de vida em que se achava como consequencia de seu arrojo.

**O Bispo de Vizeu** nunca sahio do gremio da Igreja Romana, todavia por causa da coragem sobre humana com que combateu a promulgação dos novos dogmas, a sinceridade de seu character, a intimidade que teve com os conselhos que deu aos rev.<sup>os</sup> Henrique Ribeiro d'Albuquerque, Antonio Ferreira de Miranda e Antonio Pereira (um dos redactores de «O Primeiro de Janeiro») e outros, e sobretudo a tenacidade com que defendia e sustentava, tanto quando ministro do reino como em opposição, os grandes principios da liberdade da consciencia, tudo isto obriga-nos a respeitar a memoria d'este bispo liberal e venerar a memoria de um dos vultos da Reforma em Portugal nas bases da antiga Igreja Catholica.

Quando Antonio Telles, amigo pessoal e antigo condiscipulo do eminente Bispo, o padre Mora e outros começaram a fazer conferencias Evangelicas n'um Salão á Moeda, Lisboa, quando os fanaticos assaltaram o salão, quebrando os candieiros e os bancos, e quando os Ultramontanos, o clero e os fidalgos clamaram contra o *escandalo* de obscuros christãos, atreveram-se a fazer conferencias e protestaram contra tamanha tolerancia religiosa, o Bispo liberal, então ministro do reino, mandou chamar os promotores das conferencias, prometeu-lhes o apoio da lei e assegurou-lhes a liberdade de consciencia que d'alli em diante tem sempre sido concedida em Lisboa aos dissidentes da Igreja Romana.

Quando depois de 1870 foi organizada a Igreja Evangelica Hespanhola presidida pelo rev. padre Angel Herreros de Mora, foi ainda por influencia directa do Bispo de Vizeu que a posição legal d'esta

Egreja foi reconhecida pelos Governos de Portugal e de Hespanha e a profissão de fé e o casamento legal de oito ecclesiasticos tornou-se não só possível mas um factó consummado.

Durante algum tempo esperava-se que o Bispo de Vizeu viesse a ser o chefe da Reforma em Portugal, mas esta esperança não chegou a realizar-se porque o velho Bispo como chefe do partido Reformista achava-se tão occupado em projectadas reformas politicas e tão envolvido na politica militante e secular que não chegou a ter tempo para dedicar-se á Reforma religiosa.

Em 16 de Janeiro de 1872 o partido reformista apresentou ás Côrtes um projecto para a reforma da Carta Constitucional, concedendo não só a tolerancia como a liberdade religiosa, mas infelizmente foi regeitada a admissão á discussão da proposta por 52 votos contra 41.

**O Padre Angel Herreros de Mora**, fundador da Reforma Catholica em Portugal, visitou Villa Nova de Gaya no anno de 1868 e fundou uma Egreja em casa do joven industrial na freguezia de Mafamude, administrando pela primeira vez a Sagrada Comunhão a algumas pessoas ás quaes tinha sido negado este Sacramento por alguns parochos *unicamente* por causa de assistirem á Aula Biblica em casa do joven industrial!

D'este factó resultou uma forte perseguição como já explicamos. Tambem teve por consequencia a edificação da Capella — Escola do Torne que annos depois foi reedificada, augmentada e intitulada Capella de S. João Evangelista.—

**Alexandre Herculano**, eximio classico, eminente historiador, desmascarador dos horrores da

Inquisição, grande patriota e sincero crente «*Velho Catholico*», collocando ao lado dos symbolos da democracia,—*A Liberdade, a Fraternidade e a Igualdade*» os symbolos do Christianismo —*a Fé, a Esperança e a Caridade*» fez mais que outro qualquer para conservar intactos os grandes mysterios da religião Catholica —*a Santissima Trindade, a Incarnação e a Redempção* —ao mesmo tempo protestando contra as innovações de Roma e dogmas novissimos do Concilio do Vaticano nas Conferencias no Casino em Lisboa e em todos os seus livros e opusculos.

Aproveitamos a occasião de trancrever o seguinte do seu opusculo «*A Supressão das Conferencias ao Casino em 1871*».

«Sem duvida, durante a idade media, grande numero de abusos se tinham introduzido na disciplina, no machinismo da sociedade catholica. Houve sempre homens grandes e virtuosos que luctassem contra esses abusos, mas nem sempre alcançavam moderá-los e mormente vencêl-os. Na epocha dos concilios de Constança e de Basilea, <sup>(1)</sup> os dous ultimos concilios sinceros e livres que a historia ecclesiastica memora, sorriu para a igreja uma esperanza de reforma: mas essa esperanza desvaneceu-se em breve. Os abusos adquiriram novo vigor quando o renascimento veio substituir as tendencias christãs pelas tendencias pagans, e se tornaram possiveis papas como Alexandre VI e Leão X, mais devotos da trindade de Momo, Venus e Baccho do que da trindade evangelica. Então, em logar da reforma, veio a revolução: veio Lutherero. O catholicismo, mutilado, tornou-se fragmento, embora grandioso fragmento.

---

(1) Emquanto ecumenico.

Mas, no meio da decadencia exterior, a essencia do catholicismo — o dogma — mantinha-se intacta. O symbolo salvo pelo concilio de Nicéa e pelos esforços de S. Athanasio continuou até nós immutavel. Na propria disciplina, o poder temporal, quando n'isso interessava, reprimia as tendencias abusivas de Roma, e até, não raramente, o episcopado, momentaneamente desperto, recordava-se da sua instituição divina.

Ao promulgar-se a Carta, Portugal achava-se n'esta situação religiosa. A Carta, convertendo o catholicismo em instituição politica, adoptava-o como elle existia no paiz — essencia e fórma; dogma e disciplina. Disse o legislador que a religião catholica apostolica romana *continuará* a ser a religião do reino: não disse que essa instituição seria uma cousa nova, fluctuante, mudavel, conforme aprouvesse aos jesuitas ir supprimindo ou annexando dogmas á doutrina catholica. O que continua não é o que vem de novo; é o que existe no acto de continuar. Ora os factos estão desmentindo esta doutrina irrefragavel. Desde a promulgação da Carta tem-se realizado gradualmente uma revolução na igreja catholica. Com assombro da gente illustrada e sincera, vimos transformar em dogma uma superstição dos seculos de trevas, rendoso mealheiro de franciscanos, tinctura de pelagianismo, aproveitada hoje para aviar receitas na botica de S. Ignacio, a immaculada conceição de Maria, dogma que forçadamente conduz ou á ruina do christianismo pela base, tornando inconcebivel a Redempção, ou á deificação da mulher, á mulher deus, á mulher redemptora, recurso tremendo nas mãos do jesuitismo, que, lisongeando a paixão mais energica do sexo fragil, a vaidade, o converte em instrumento seu para dilacerar e corromper a familia, e pela fa-

milia a sociedade. Depois, ludibrio d'esses homens de trevas, vemos o papa, celebrando uma especie de concilio disperso, mandar perguntar pelas portas dos bispos que tal acham aquelle appendiculo á fé catholica. Os bispos, pela maior parte, encolhem os hombros ou riem-se, dizem-lhe que está vistoso, e vão jantar. Depois, os que falam em nome do pontifice, tendo tornado virtualmente absurdo, por inutil, o sacrificio do Golgotha para a redempção da humanidade, ou dando ao Christo um adjuncto na sua obra divina, divertem-se em negar no *Syllabus* os dogmas, um pouco mais verdadeiros, da civilisação moderna, e tendo elevado o erro, apenas tolerado, e ainda mal que tolerado, nos dominios do opinativo, o dogma indisputavel, e sanctificado assim uma opinião peor que ridicula, convidam a sociedade temporal á guerra civil. E' a companhia de Jesus na sua manifestação mais caracteristica. Os principios da Carta, como de todas as constituições analogas, são condemnados, anathematisados, exterminados *in petto*. E' a communa de Paris, perfigurada em Roma, a arrasar e queimar, em vez de edificios, todas as conquistas do progresso social, todas as verdades fundamentaes da philosophia politica. Ao concilio vagabundo segue-se então o concilio parado. E' que falta ao *Syllabus* a sancção divina. Dar-lha ha a infallibilidade indossada pelo episcopado ao papa ou á sua ordem. Ajunctam-se não sei quantos bispos, muitos bispos; uns reaes, outros pintados: agremiam-se; e o papa pergunta ao gremio, em vez de o perguntar a si mesmo, se é infallivel. Os bispos tornam a encolher os hombros ou a rir-se, dizem-lhe que sim, e vão ceiar. O papa infallivel, que não sabia se era fallivel, fica emfim descançado, e os bispos ceiados, dormidos e desap-

tro dos muros do Vaticano e as palavras vehementes e patrioticas do eximio historiador e eminente classico Alexandre Herculano contra os novissimos dogmas proclamados pelo Concilio do Vaticano e ao mesmo tempo o devido respeito em toda a sua inteireza e pureza pela doutrina da antiga Igreja Catholica produziram fructo; e as raizes da arvore da liberdade de consciencia rebentaram no povo, na imprensa patriotica \* e até no fóro ecclesiastico, e onze ecclesiasticos sahiram de Roma protestando contra os novos dogmas e quasi todos filiaram-se na congregação intitulada «*Igreja Evangelica Espanhola*», visto que a lei portugueza só permittia o reconhecimento official de congregações estrangeiras, e alli consorciaram-se em legitimo matrimonio, e a legalidade dos casamentos nunca foi contestada.

Hoje em dia, no seculo XX, existe de facto a tolerancia religiosa em Portugal, e os dissidentes da religião official, regra geral, não são perseguidos pelo estado por motivos de religião, mas mesmo agora um simples leigo que sahe da Igreja Romana, (que é uma vasta organização politica disciplinada e regida com uma vara de ferro) se não é perseguido pelas leis, perde muitas vezes a sua posição, é desprezado pela sociedade, rejeitado pela familia, alvo de calumnia e zombaria dos falsos sabios, objecto de horror para a plebe e classificado como impio e incredulo. Se tudo isto é frequentemente a sorte dos Velhos Catholicos em Portugal, mal se pode comprehender a abnegação, a heroicidade, a coragem e

---

\* Nota. Desde 1870 começaram a publicar-se em Lisboa e no Porto jornaes pronunciadamente liberaes.

o zelo que estes ecclesiasticos houveram mister para sahir abertamente da Igreja Romana.

Alguns, durante annos, foram os primeiros pastores de diversas Congregações Reformadas, só dois voltaram para a Igreja Romana, mas outros foram obrigados a angariar sustento, procurando um emprego secular.

E' facil criticar e dizer que deviam ter feito mais, mas, na verdade, ha motivos para admirar a grande coragem que tiveram em conservar intactos os sagrados dictames da consciencia e rejeitando todos os interesses e promessas mundanas ficar na sua maior parte firmes no posto que tomaram.

Em primeiro lugar perderam muitos interesses pecuniarios, mas isto não foi o principal, perderam a sua posição official e toda a esperanza de serem promovidos, perderam, na maior parte, os amigos, foram regeitados pela grande roda, e até pelas suas proprias familias e *falsamente* considerados como renegados e herejes.

Que sacrificios foram necessarios, que paciencia nos padecimentos, e que ardor nas palavras attestaram a sua virtude! Que testemunhas vivas de verdade não eram aquelles ecclesiasticos, servos da sua missão e confessores da antiga fé catholica!

Eis os nomes d'estes heroes:

**O Rev.º Angel Herreros de Mora**, presbytero hespanhol, foi fundador não só da congregação Evangelica Hespanhola mas da Reforma Catholica em Portugal em 1870.

Foi muito perseguido na Hespanha, soffreu grandes privações e necessidades em Lisboa, mas foi muito abençoado por Deus. Falleceu em 1876.

**O Rev.º João Joaquim da Costa Almeida**

foi durante longos annos o ministro da congregação Reformada em Rio de Mouro na mesma freguezia aonde outr'ora fôra parochio Catholico Romano. Falleceu em 1897.

O **Rev.º Henrique Ribeiro Ferreira d'Albuquerque**, eximio orador sagrado, foi durante muitos annos ministro da Egreja Evangelica Hespanhola. Falleceu em 1898.

O **Rev.º Antonio Ferreira de Miranda** foi ministro de uma Congregação Reformada em S. José de Riba Mar. Falleceu em 1894.

O **Rev.º Antonio Pereira**, foi durante annos ministro da Congregação Reformada de S. Paulo, Lisboa. Falleceu em 1905.

O **Rev.º Antonio Ribeiro de Mello**, foi durante annos ministro co-adjutor da Egreja Evangelica Hespanhola e depois d'outra Congregação Reformada em Lisboa. Soffreu muitas tribulações e privações e reduzido á miseria foi obrigado a procurar um emprego secular.

O **Rev.º José Ignacio Pinheiro**, nunca foi pastor, e passados alguns annos voltou para a Egreja Romana.

O **Rev.º Dr. José Joaquim Rechoso**, nunca foi pastor, mas abriu banca d'advogado em Portalegre. Falleceu em 1896.

O **Rev.º Manoel Jeronymo Cordeiro**, nunca foi pastor; annos depois voltou para a Egreja Romana.

O **Rev.º Guilherme Dias da Cunha**, afamado orador sagrado, foi durante muitos annos ministro de diversas Congregações Reformadas no Porto. Agora reside no Brazil aonde faz Conferencias religiosas.

O **Rev. José Nunes Chaves**, foi ministro da Congregação de Jesus e depois na Igreja Presbyteriana em Lisboa. Falleceu em 1893.

Ainda outros ecclesiasticos sahiram da Igreja Romana, mas *aqui* só fallamos dos que sahiram no anno de 1870 ou nos immediatos.

Recapitulamos: A Reforma Catholica em Portugal foi iniciada pelo Bispo de Vizeu protestando no Concilio do Vaticano contra os novissimos dogmas, apesar que tanto este Bispo como o Bispo Stross-mayer (que fez um eloquentissimo e irrefutavel discurso contra a infallibilidade papal no Concilio do Vaticano) nunca sahiram da Igreja de Roma.

A Reforma Catholica em Portugal foi alimentada e poderosamente auxiliada pelo grande historiador e eximio classico Alexandre Herculano, protestando eloquentemente na imprensa contra todas as innovações de Roma moderna.

Os onze ecclesiasticos que sahiram da Igreja Romana pouco depois da promulgação dos novos dogmas no Concilio do Vaticano nunca pretenderam fundar uma nova religião, mas sómente expurgar a Religião Christã das corrupções seculares e reivindicar as liberdades da Igreja Lusitana por tanto tempo sujeita ao jugo estrangeiro de Roma, e diffundir por todo este paiz uma doutrina que fosse *Catholica e Apostolica n'uma Igreja Portuguesa e não Romana*. O movimento era essencialmente Catholico e nacional.

Longe de abandonar, resolveram desde o principio manter intacta a Ordem Apostolica e conservar inviolavel o ministerio antigo de Bispos, Presbyteros e Diaconos, e quando perderam a esperanza de o Bispo de Vizeu se unir á Reforma, elegeram o Rev.º P.º Angel Herreros de Mora, Bispo da Igreja Refor-

mada. Procedendo assim sabiam que poderiam passar bastantes annos até que elle fosse consagrado, mas desejavam affirmar a sua adhesão á ordem Apostolica que consideravam de instituição Divina.

Desejavam manter e conservar *toda* a doutrina catholica, e a prova é que emquanto não fosse preparada uma Liturgia nacional em lingua vulgar sobre a base dos antigos ritos, Bracarense, Mosarabica, Romana e Anglicana, usaram uma traducção da Liturgia da Igreja Episcopal Reformada dos Estados Unidos.

O movimento era inteiramente e essencialmente nacional e não dependia nem de inspiração, nem de instrucções, nem de subsidio do estrangeiro; era um brado inteiramente nacional, contra as innovações de Roma. E' verdade que o Padre Angel Herreros de Mora era cidadão do reino visinho, mas como os naturaes d'aquelle paiz são da mesma raça latina, falam quasi o mesmo idioma, perfeitamente intelligivel e na sua maioria professam a mesma religião, n'este caso o Rev. Mora não podia ser considerado como estrangeiro.

Não limitamos o poder de Deus que pode fazer tudo, mas examinando o ensino do grande Apostolo das gentes (I. Cor. XI. 20 23 e II. Cor. XI. 22 etc.) compulsando a historia da Igreja Christã na idade media e na idade moderna, e a historia das missões evangelicas no seculo XIX, notando o testemunho unanime dos missionarios christãos na China, ouvindo a narração do Bispo Tucker de Uganda, na Africa Central, sobre o *Sustento, desenvolvimento e governo proprio* da mais notavel e maravilhosa missão christã no mundo, e sobre tudo lendo as Conferencias feitas pelo actual Bispo de Gibraltar, o mais emi-

nente theologo em Historia Ecclesiastica, não podemos deixar de emittir a nossa opinião que cada Igreja distincta deve ser solidamente edificada sobre a Fé Catholica (no sentido mais lato da palavra) e sobre uma base essencialmente nacional emquanto ás suas aspirações e aos seus usos.

Já se vê, a fé Catholica é immutavel, fundada sobre a rocha Jesus Christo, mas as tradições, as co-remonias e ritos podem ser alterados segundo a diversidade de paiz, e não é essencial que sejam os mesmos em toda a parte (Artigo da Fé XXXIV).

Qualquer movimento fomentado por estranhos acabará quando fôr retirado o auxilio estrangeiro, mas uma Reforma nacional, ganhando raizes solidas no paiz e alimentando-se nas tradições nacionaes se conservará firmemente.

A maior parte d'estes onze ecclesiasticos filiaram-se na Igreja Evangelica Hespanhola, estabelecida na Praça das Flôres, Lisboa, e esta congregação **nunca** recebeu direcção alguma nem subsidio algum de qualquer sociedade estrangeira, foi inteiramente e unicamente sustentada pelos seus congregados.

A posição d'esta congregação era legalmente reconhecida pelo governo portuguez, mas como já dissemos, qualquer padre Romano que se sujeite a abraçar a Reforma n'este paiz aonde a religião do reino é Catholica Romana e aonde ainda não é reconhecida a liberdade dos cultos mas apenas alguma tolerancia religiosa, necessita grande coragem e muita fé em Deus, pois tem de luctar com muitas difficuldades, vencer fortes inimigos e sujeitar-se a ser desprezado, perseguido e aborrecido por causa do Evangelho, sem fallar dos interesses materiaes que

tem de largar, e ninguem pode fazer isto sem o auxilio e a graça do Espirito Santo.

O Rev. A. H. de Mora não foi agente de sociedade alguma, nunca pediu auxilio a pessoa alguma, nem para si nem para a congregação que formou, porisso passou grandes privações, mas era poderoso nas Sagradas Escripturas e ensinava seus congregados a amar e lèr a Biblia. Era cheio de fê, de grande piedade e de abnegação christã, passando muitas vezes fome e miseria, mas Deus estava com elle, e apesar que sem recursos humanos, conseguiu reunir uma numerosa congregação e fundar a Reforma Catholica em Portugal.

Quasi todas as congregações reformadas n'este paiz de qualquer rito foram principiadas por crentes filhos da congregação do Rev. Mora.

O Rev. Mora e todos os outros ecclesiasticos que sahiram de Roma no anno de 1870 ou pouco depois, nunca pensaram em fundar uma religião nova mas sómente em expurgar as corrupções seculares e reivindicar as liberdades da primitiva Igreja Lusitana. A sua posição era semelhante á dos reformadores em Inglaterra, Suecia e Noruega no seculo XVI, e identica á dos Velhos Catholicos em Allemanha e Suissa depois do Concilio do Vaticano, que regeitaram as innovações de Roma moderna mas conservaram a Ordem Apostolica e a doutrina Catholica.

Para provar isto dizemos: A 1.<sup>a</sup> Conferencia dos Velhos Catholicos teve lugar em Bonn em 1874 presidida pelo Rev. Dr. Dollinger e alli foi unanimamente resolvido *«que a Igreja não estava ligada ou presa aos decretos do Concilio Tridentino»*.

Tambem foi por unanimidade approvada uma declaração que *«a Celebração da Sagrada Eucharistia*

não é uma continua repetição ou renovação do grande Sacrificio propiciatorio».

No grande congresso da Igreja Velha Catholica celebrado em Lucerna (Suissa) em 1892 as Igrejas da Peninsula Hispanica eram representadas pelo Lord Plunket, Arcebispo de Dublin, presidente do conselho dos Bispos da Igreja Lusitana Catholica, Apostolica e Evangelica, já organizada, e pelo Rev. Cabrera então bispo eleito da Igreja Hespanhola.

N'aquelle congresso Internacional aonde havia representantes das Igrejas Russa, Catholica Grega, (ou orthodoxa), Allemã, Suissa, Hollandeza (ou Janzenista), Franceza, Austriaca, Anglicana, Irlandeza, Americana, Italiana e Hespanhola, foram adoptadas entre outras as seguintes resoluções que julgamos muito interessantes e por isso as transcrevemos.

O caracter Internacional d'este congresso, a caridade fraternal manifestada entre seus membros, e o fim que todos tinham em vista, a saber, promover a união entre todas as Igrejas christãs sob a base da Igreja primitiva, não só é muito importante, mas não pode deixar de produzir grande bem.

Eis o resumo de algumas resoluções tomadas :

I O Catholicismo Velho não é unicamente um protesto contra os dogmas do Vaticano, nem sómente contra a «Infallibilidade» do Papa, mas é a volta ao verdadeiro Catholicismo da Igreja unida e primitiva em rejeitar todos os erros do Ultramontanismo e Jesuitismo. E' um appello a todas as Igrejas christãs para se reunirem sobre a base da Igreja primitiva.

II A obrigação de todo o christão é crer na doutrina de Nosso Senhor Jesus Christo e não nas opiniões das diversas escolas de theologia ou quaesquer outras opiniões, pias que sejam. Confessamos

ser doutrina de Christo e por isso como dogma christão só aquella doutrina que foi transmittida pela tradição universal e unanime da Igreja christã.

III Em conformidade com a pratica antiga das Igrejas christãs nacionaes e as regras geraes da disciplina da Igreja Universal, reconhecemos e este congresso proclama o seguinte:

«Que existe um direito inadiavel em cada Igreja individual quer seja no Oriente, quer seja no Occidente, para determinar o seu modo de pensar e obrar independentemente de *qualquer influencia estrangeira* e na sua administração ter em conta os costumes nacionaes, e as differenças na educação e tradições.

V. Emquanto confessamos que existe na Igreja Romana um grande numero de catholicos fieis declaramos que o termo «Catholico», não se póde applicar aos dogmas officiaes do Concilio do Vaticano nem ao systema actual do Ultramontanismo. Este nome pertence a todos aquelles que acceitam a fé christã da igreja antiga e universal. Por isso appellamos para os protestantes de todas as classes para não dar nome de Igreja Catholica ao systema official da Igreja Romana e muito menos de a considerar como a unica Igreja Catholica, visto que ella nem representa o ensino nem segue a disciplina da Igreja antiga e primitiva.

VIII Este congresso recommenda especialmente que os fieis não deixem de se reunir nos Serviços Divinos aos domingos e dias de festa, e convida a todos para tomarem parte na entoação dos canticos da Lithurgia.

IX. Este congresso faz saber que os Velhos Catholicos sempre anciosos para mostrar o espirito de tolerancia tem francamente offerecido e continuam

a offerecer o uso de suas Igrejas e Capellas a qual-quer Igreja christã com a unica condição d'estas fazerem o mesmo, e consideram isto como um excellente meio de restaurar a paz e fortalecer a liberdade de consciencia.»

Mas apesar que a fé da Reforma Catholica em Portugal é a mesma da Igreja Anglicana e das Igrejas Velhas Catholicas em Allemanha e Suissa, ha grande differença n'um ponto, não em doutrina mas em sua posição social ou official.

As Igrejas reformadas no norte da Europa e as Igrejas Velhas Catholicas em Hollanda, Allemanha e Suissa, são sustentadas e protegidas pelo Estado, enquanto que a Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica é humilde e pobre e muitas vezes despresada, mas porventura será isto motivo para não auxiliá-la ou para não mostrar-lhe a sympathia que carece?

A Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica foi organizada em 1879, mas a historia de sua organização será narrada em outro capitulo, se Deus assim o permittir.

## Fim do capitulo I

## II

### **As perseguições na Ilha da Madeira**

O Dr. Roberto R. Kalley M. D. foi licenciado medico em 17 de Junho de 1839 pela Escola Medica Cirurgica em Lisboa.

Em Outubro do mesmo anno fixou a sua residencia na cidade do Funchal, Ilha da Madeira, elle procurou esta Ilha por causa do estado de saude de sua esposa, e como era um medico afamado e um experiente cirurgião, em pouco tempo chamou a si uma numerosa clientella, mas não se limitava a tractar doentes que podiam pagar; todos os dias dava consultas gratuitas a grande numero de pobres.

Abriu uma casa de saude onde admittia gratuitamente os doentes que não podiam pagar.

Dr. Kalley não era sacerdote, nem agente de qualquer sociedade, era um homem philantropico e desinteressado, era um christão repleto de abnegação e caridade verdadeira, e vendo o deploravel estado de ignorancia do povo da Ilha, estabeleceu á sua custa escolas de instrucção elementar onde 800 pessoas e entre ellas grande numero de adultos aprenderam a lêr; sendo o Novo Testamento e a cartilha authorisada pelo governo os unicos livros de leitura usados nas escolas sustentadas por este eminente clinico.

Ao principio os seus esforços philantropicos foram presenciados com satisfação e até louvados pelas authoridades.

O governo central publicou uma portaria que abaixo transcrevemos com data de 17 de outubro de 1842 auctorisando a importação e distribuição dos

exemplares da Sagrada Biblia publicada pela Sociedade Biblica.

A Camara Municipal do Funchal em maio de 1841 deu-lhe um voto de agradecimento por ter durante mais de 18 mezes da sua residencia n'aquelle concelho empregado constantemente o seu tempo no que a camara se dignou chamar «actos da mais desinteressada philantropia» «e mantendo á sua custa, escolas de primeiras letras em varias freguezias d'este concelho e districto, receitando e ministrando remedios de graça a todas as pessoas que o procuravam, sustentando com o seu dinheiro, nas immedições de sua casa, um hospital, onde conserva constantemente diversos doentes, lendo e explicando ás pessoas que o quizerem ouvir o sagrado texto do Evangelho, e sem tomar parte em polemicas que possam ferir de algum modo o dogma ou disciplina da communhão catholica; dissertando principalmente sobre a necessidade de cumprir com os preceitos moraes da religião».

Transcrevemos aqui a Portaria acima mencionada: Ministro do Reino — quarta repartição n.º 331, livro 7.º—Sendo presente a Sua Magestade a Rainha, os officios do administrador geral de Angra do Heroismo de 22 de março de 1840, e 3 de janeiro de 1842, sobre os exemplares da Sagrada Biblia, que, para serem distribuidos n'aquelle districto, lhe haviam sido entregues pelo vice-consul inglez, da parte da Sociedade Biblica de Londres.—E considerando a mesma augusta senhora, que o exemplar que veio remettido a este ministerio, contem textualmente a versão dos Livros Sagrados do Antigo e Novo Testamento feita pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, sobre a vulgata latina, approvada pela egre-

ja: Ha por bem, conformando-se com o parecer do patriarcha arcebispo eleito, permittir que os mencionados exemplares da Sagrada Biblia, que forem da dita edição, sejam distribuidos gratuitamente a pessoas pobres, que mais cuidado e zêlo tiverem de a lêr, para com isso se conseguir maior proveito da sua instrucção moral e religiosa. O que participa ao governador civil de Angra, para que assim se execute. — Paço das Necessidades, em 17 d'outubro de 1842. — *Antonio Bernardo da Costa Cabral.*

Durante os annos que Dr. Kalley esteve na Ilha da Madeira, elle não estabeleceu Egreja nem administrou os Sacramentos, mas dedicou-se a ensinar a caridade christã, o amor a Deus e ao proximo pelo amor de Deus com o seu exemplo e as suas virtudes, inculcando no animo do povo o desejo de amar e estudar o livro por excellencia, o livro inspirado por Deus, a Sagrada Escriptura.

Se os padres Catholicos Romanos não tivessem cahido no erro de se oppôr á leitura e ao estudo da Biblia, é provavel que a maior parte das pessoas que aprenderam a lêr nunca teriam sahido da Egreja Romana. Padres fanaticos e ignorantes não só prohibiram a leitura das Sagradas letras, mas fizeram mais, instigaram as authoridades a fechar as escolas para evitar que o povo aprendesse a ler, prohibiram os clientes do Dr. Kalley a consultal-o, e accusaram este bom homem de ter idéas hereticas relativamente:— 1.º á Santissima Trindade; 2.º á Virgindade de Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Christo; 3.º á adoração dos Santos; 4.º á adoração das Imagens; 5.º de ter falado com desprezo da Sagrada Communhão; 6.º de ser protestante.

Tudo isto era falso, o Dr. Kalley nunca atacou a

Egreja Catholica Romana, mas mantinha doutrinas orthodoxas conforme elle mesmo mostra na sua «*Exposição de Factos relativos á aggressão contra os Protestantes na ilha da Madeira*».

I. Emquanto á primeira accusação, declara mui solemnemente, que crê, e sempre tem ensinado, que ha um só Deus, que creou e sustenta todas as coisas; que ha tres pessoas distinctas, o Pae, o Filho, e o Espírito Santo; cada uma das quaes é por sua natureza Deus, possuindo todas as perfeições divinas, co-eternas e co-eguaes; e que todavia não ha tres Deuses, mas sim um só Deus,—distincto em pessoas, um em substancia, conforme ao que se ensina nos cathecismos da Egreja romana.

II. Emquanto á segunda, elle tem por muitas vezes declarado, que está firmemente convencido, que a bemaventurada Mãe de Nosso Senhor Jesu-Christo era Virgem antes do parto, no parto, e depois do parto de Jesus, Salvador do mundo.

III. Emquanto á terceira, elle se referirá ao cathecismo publicado por Carlos Joaquim Colbert, Bispo Catholico Romano de Montpellier:

**Pergunta.**—E' permittido adorar a Santissima Virgem, os Anjos, ou os Santos?

**Resposta.**—Não; PORQUE ISTO SERIA IDOLATRIA. A EGREJA NÃO ENSINA, NÃO APPROVA NEM TOLERA UMA TAL ABOMINAÇÃO.»

*Parte segunda, pag. 110. (1)*

---

(1) O Cathecismo do Bispo de Montpellier foi impresso em Lisboa em 1776, com licença da Mesa Real Censoria.

O Dr. Kalley nunca disse cousa alguma a este respeito mais forte do que assim foi dito por um Bispo catholico romano. Elle tem por diversas vezes declarado que os homens devem amar, honrar e imitar os santos, mas que estes não tem adoração, como Jesus diz: *Ao Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás.* S. Matheus, iv, 10.

IV. Relativamente ás imagens, elle tem lido as palavras da Lei de Deus, gravadas em Taboas de pedra e registadas no Exodo (XX, 4, 5), que diz: *Não farás para ti imagem de esculptura, nem figura alguma de tudo o que ha em cima no céu, e em baixo na terra, nem de coisa, que haja nas aguas debaixo da terra. Não as adoraras, nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade etc.* e outras passagens semelhantes nas Sagradas Escripturas; e tambem tem repetidas vezes lido aos seus amigos as palavras do Concilio Tridentino, Sessão xxv: «Non quod credatur inesse aliqua in eis (i. e. imaginibus) divinitas vel virtus propter quam sint colendæ, vel quod ab eis sit aliquid petendum, vel quod fiducia in imaginibus sit figenda veluti olim fiebat a Gentibus, quæ in idolis spem suam collocabant». Esta passagem vertida litteralmente, diz: «Não que se deva crer que haja n'ellas (imagens) divindade ou virtude alguma, que lhes dê jús a serem adoradas; nem que se lhes deva pedir coisa alguma; nem que se deva pôr confiança n'ellas como antigamente faziam os Gentes, que nos idolos punham suas esperanças.»

Mais do que isso nunca o dr. Kalley disse.

V. Emquanto ao Sacramento da Sagrada Communhão, o dr. Kalley tem por muitas vezes declarado, que crê, que Deus está verdadeiramente presente n'aquelle Sacramento; que elle o considera como um

poderoso e eficaz meio de graça; e que os emblemas sensíveis, empregados n'elle, tendo sido estabelecidos por Nosso Senhor Jesus para representar o seu corpo e sangue, «*tudo aquelle que comer este Pão, ou beber o Calix do Senhor indignamente: será réo do Corpo e do Sangue do Senhor* (1 Cor. xi, 27), e por outro lado, aquelles que os recebem com fé, alimentam-se verdadeiramente, e de maneira espiritual, do Corpo e Sangue de Christo. Estas idéas não encerram o menor vislumbre de desprezo para com a Sagrada Communhão. O Dr. Kalley mui positivamente nega ter jámais fallado com a menor falta de respeito d'aquella instituição tão solemnemente estabelecida por N. S. Jesu-Christo.

VI. Relativamente á accusação N.º 6, o Dr. Kalley diz: que *protesta* contra todos os que se atreverem a accrescentar á Revelação, que Deus nos deu da sua vontade, pois que o homem não é mais sabio que Deus, nem se deve imaginar que Este podesse omitir coisa alguma que quizesse ter revelado. Elle acha que S. João debaixo do ensino divino *protesta*, dizendo: «*Eu protesto a todos os que ouvem as palavras da prophécia d'este livro: que se alguém lhe ajuntar qualquer coisa, Deus o castigará com as pragas que estão escriptas n'este livro. E se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro d'esta prophécia, tirará Deus a sua parte do livro da vida e da cidade santa, e das coisas que estão escriptas n'este livro.*» Apoc. xxii, 18, 19.

Se protestar, como S. João protestou, é ser Protestante, o dr. Kailey é protestante: aliás, não é.

Se qualquer individuo, seja elle quem fôr, das egrejas de Roma, Inglaterra, Escossia, ou de outra qualquer confiar em JESUS, como seu Salvador, e

se esforçar por cumprir os seus preceitos e conselhos, o dr. Kalley o reconhece por seu irmão.

O resultado d'este fanatismo da parte dos padres e deploravel cegueira da parte das authoridades foi que o Dr. Kalley, o benemerito Apostolo da instrucção, o philantropico amigo dos doentes, foi atrozmente perseguido durante muitos mezes, preso e por fim obrigado a fugir; e que mais de mil pessoas honestas, virtuosas e activas *que amavam a sua patria* mas que não podiam acceitar a imposição e prohibição de não ler a Sagrada Escripura, depois de muito perseguidas e maltratadas nominalmente em prol da religião mas realmente em opposição a toda a lei, a toda a moral, e sã doutrina, foram obrigados a fugir de sua patria e procurar em terras estrangeiras a liberdade religiosa que lhes era negada na sua patria.

E' inteiramente impossivel contar no limitado espaço d'este opusculo a metade das crueis perseguições que este povo soffreu pelo *crime* de lér a Palavra de Deus na lingua vulgar, mas quasi todos ficaram firmes no tempo de perseguição, dando prova de sua fé pelas suas obras e com a paciencia com que soffreram.

Em janeiro de 1843 o Governador Civil da Madeira prohibiu o Dr. Kalley de fallar com pessoa alguma em assumptos de religião, mas como a ordem era illegal e inteiramente contraria á Carta Constitucional artigo 145.º § 3.º que diz: «Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa sem dependencia de censura, comtanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'esto direito», o Dr. Kalley não obedeceu.

Então a auctoridade fez uma proclamação aos habitantes, publicando esta nas esquinas e tambem nas praças publicas ao som de tambores, ordenando que não fossem á casa do medico! Muitos não obedeceram e foram açoutados barbaramente e encarcerados em opposição á lei fundamental do Estado, á civilização e á moral.

As auctoridades deixaram os aggressores ficar impunes! O Dr. Kalley offereceu alviçaras de 100\$000 reis a quem descobrisse os aggressores, e um cabo de policia e o sobrinho de um padre vieram desmascaradamente reclamar-as dizendo que elles tinham açoutado alguns dos *herejes!!!*

O bispo do Funchal fez publico que a Biblia estava cheia de erros, e ameaçou excommungar todos que se atrevessem a lê-la!

Um conego annunciou do pulpito que a Biblia era um livro do inferno!! Não commentamos.

Os empregados subalternos do Governador Civil entraram nas escolas e tiraram á força todos os exemplares do Novo Testamento que encontraram, não obstante os protestos dos donos d'estes livros, fecharam as escolas e ordenaram aos professores que não continuassem a ensinar sob pena de prisão!

Em 31 de Janeiro de 1843 uma mulher, Maria Joaquina Alves foi presa e levada á cadeia do Porto da Cruz e d'alli para Funchal, accusada de apostasia, heresia e blasphemia! Em maio do mesmo anno, foi julgada e condemnada á morte, mas ella appellou para a Relação de Lisboa que não confirmou a sentença.

Alguns dos clientes do D. K. foram tão cruelmente assaltados e açoutados que ficaram em perigo de vida. Os feridos queixaram-se ás authoridades, nar-

raram os factos, e entregaram uma nota das testemunhas oculares, mas nenhum caso foi feito de suas queixas, apesar que o artigo 870.º da Novissima reforma Judiciaria obriga as authoridades a instaurar processos contra todos os aulhores de crimes que sejam de seu conhecimento.

Até os advogados do foro temeram offender o governador e os juizes de direito, e negavam accusar os officiaes de justiça que exorbitaram os seus poderes e suas attribuições.

Por outro lado, quando uma mulher foi accusada de ter chamado ás imagens «monos», foi summariamente preza, enviada á cadeia, e depois condemnada em seis mezes de prizão. E um homem que foi accusado de não beijar um trapo velho com o emblema do Espirito Santo, e de recusar dar esmolas a este trapo sujo, foi condemnado a dous mezes de prisão.

O Dr. Kalley, tambem foi preso em 26 de julho de 1843 e levado para a cadeia do Funchal porque o juiz lhe negou prestar fiança, allegando que os crimes de heresia e blasphemia, dos quaes elle era accusado, eram puniveis com a morte e por isso a fiança era inadmissivel.

Em Dezembro de 1843 a Relação de Lisboa accordou que a prisão do Dr. Kalley era illegal e mandou pôl-o em liberdade, porisso no 1.º de Janeiro de 1844, elle sahiu da cadeia onde tinha sido illegalmente retido durante cinco mezes.

Em 23 de setembro de 1844, o juiz Dr. Negrão, o mesmo que condemnou Maria Joaquina á morte, o delegado, um tabellião, officiaes de justiça, 56 soldados e trez officiaes sabiram de Funchal á noite e foram até Santo Antonio da Serra; alli foram espe-

rados pelo vigario com quem o juiz e o delegado ficaram a conversar enquanto os soldados, guiados pelo sachristão e outros, apontava-lhes os domicilios das victimas.

As casas de todos aquelles que tinham alcançado bom aproveitamento nas escolas foram cercadas e invadidas por sessenta soldados, foram presos *durante a noite*, alguns quasi nús, pois nem lhes deram tempo de se vestirem; tudo isto contrario á doutrina da Carta, art. 145 ° § 6.º que claramente diz que todos teem em sua casa um asylo inviolavel e que ninguem pode lá entrar de noite, e que de dia só será tranqueada a entrada nos casos e pela maneira que a lei determinar!

Madeira estava em estado de sitio; era a Inquisição restabelecida em territorio portuguez!!

Envergonhamo-nos de confessar que em nossa querida patria fosse possivel praticar os actos de tão covarde selvageria que vamos narrar, factos que nem na Turquia deveriam ser tolerados, muito menos n'um paiz livre e civilisado.

Trinta pessoas foram presas no logar chamado Lombo das Fayas na madrugada do dia 24 de setembro e todas sem mandato de prisão assignado por qualquer juiz e por isso contra a doutrina do art. 145.º § 9.º que diz «A' excepção do flagrante delicto a prisão não pode ser executada, senão por ordem escripta da authoridade legitima.» Todos os presos foram conduzidos á presença do juiz e contados por um dos officiaes que n'este acto deu uma pancada na cabeça de cada um.

Depois que os soldados entregaram os presos á auctoridade, marcharam de novo ás casas d'estes e

lá ficaram aboletados durante os dias 24, 25 e 26 de setembro.

Não sabemos o pretexto d'este procedimento, mas provavelmente era para castigar os habitantes de Lombo das Faias, muitos dos quaes costumavam visitar o dr. K. e outros tinham frequentado uma das escolas sustentadas por este prestimoso cidadão.

Os soldados aboletados nas casas d'estes inoffensivos camponezes, na maior parte pequenos lavradores, que absolutamente nada tinham dito ou feito contra as leis da nossa terra, não só comeram e beberam o que queriam, mandando matar porcos, carneiros, cabras e gallinhas, como estragaram e deitaram fóra o que não poderam comer, mas peor ainda, arrombaram portas e armarios a pretexto de procurarem criminosos, titulos ou outros documentos; roubaram o que lhes fazia conta e estragaram, deixando roubar o que não queriam, de maneira que tudo ficou em ruinas!!

Alem d'isto desfloraram donzellas e prostituiram mulheres casadas. N'uma casa ficaram apenas 2 moças bonitas e elegantes porque os seus paes e irmãos estavam entre os presos, ellas tinham desejo de ficarem em casa e tentar guardar os seus haveres, mas sabendo o grande perigo que corriam se lá ficassem, resolveram fugir para a róssa ao anoitecer. Foi bom que ellas conseguiram fugir, porque durante a noite alguns soldados tentaram entrar na casa, mas encontrando difficuldade em arrombar a fechadura da porta, entraram pelo telhado em procura das suas victimas e vingaram-se estragando tudo quanto encontraram.

No dia 25 de setembro alguns soldados bateram estrondosamente á porta de Josepha das Liças enfermeira do Hospital do dr. K. e intimaram-na a en-

tragar-lhes o seu ouro e as moças que ella tinha em casa. Josepha entreteu os soldados durante algum tempo entregando-lhes os seus brincos e um cordão de ouro. Depois intimaram o seu marido (que era já velho) a entregar o seu dinheiro, mas como elle persistisse em dizer que nada tinha, castigaram-n'o, tentando obrigar-o a confessar onde tinha escondido o dinheiro; e como isto de nada valia, porque elle não possuia dinheiro algum, estrangularam-n'o com uma corda deixando-o sem falla, banhado em sangue e quasi morto, e effectivamente o velho morreu dos efeitos do mau tratamento algum tempo depois.

Emquanto os soldados roubaram e maltrataram os velhos, a sua unica filha e mais 2 moças conseguiram fugir de casa pelas trazeiras, escondendo-se no monte e assim salvaram a sua honra.

Ainda outras mulheres escaparam, fugindo para a rôssa e lá ficaram alguns dias expostas ao tempo e alimentando-se com fructos bravos; mas nem todas foram bem succedidas porque foram apanhadas pelos soldados e forçadas; os vizinhos ouviram os seus gritos pedindo socorro, mas era impossivel livral-as.

Agora voltemos nossos olhos aos prezos. Oito foram logo postos em liberdade não havendo pretexto algum que justificasse a sua prisão, mas os restantes, a saber: 17 homens e 5 mulheres foram remetidos á cadeia publica do Funchal e lá tratados com mais rigor que quaesquer outros presos.

Passaram muita fome, e foi um verdadeiro milagre não terem morrido, porque o Juiz não lhes deu ração de qualidade alguma nem permittia que pessoas caritativas lhes enviassem algum alimento; permittia, é verdade, que os seus parentes e suas familias lhes

mandassem comida, mas como Lombo das Fayas é quasi cinco leguas distante do Funchal, como quasi todos os chefes de familia se achavam presos e que os soldados tinham roubado e esbanjado tudo que encontraram nas casas dos presos, era muito difficil trazer mantimentos de Lombo das Fayas á cadeia do Funchal.

Um homem pobre coseu uma panella de batatas e feijões e levou-a á cadeia mas negaram-lhe entrada. Um negociante rico mandou um padeiro levar um pão a cada preso, mas isto tambem foi regeitado pelo governador da cadeia. Uma senhora titular e estrangeira requereu licença ao juiz para mandar alimento aos presos visto que ella sympathisava com elles tendo passado um mez na sua aldeia, mas isto tambem não foi permittido pelo juiz que disse com escarneo «Que só agora ella pensava em exercer philantropia.»

A petição em papel sellado e a resposta assignada pelo dr. Negrão ainda se acha em poder da viuva do dr. Kalley.

A leitura da Sagrada Escriptura era inteiramente prohibida na cadeia. Um homem que não entregou o seu Novo Testamento com promptidão foi mettido no calabouço, uma especie de catacumba que mais parecia destinada aos mortos que aos vivos.

Outro preso fez uma petição pedindo licença para conservar o seu Novo Testamento, mas isto foi-lhe negado. A petição e despacho assignado pelo dr. Negrão ainda se acha em poder da familia do dr. Kalley.

Na cadeia os presos gostavam de cantar o hymno:

«Cá soffremos afflicção,  
Cá desgostos perto estão,  
Mas lá no céu ha paz.

Oh! será alegre!  
Alegre; sim, alegre!  
Oh! será alegre!  
Onde não ha separação•.

Os presos ficaram na cadeia cêrca de 18 mezes, quando emfim foram postos em liberdade por decisão do tribunal superior em Lisboa.

Bom foi que esta perseguição injusta não fosse confirmada pelos tribunaes superiores, mas infelizmente se a innocencia dos presos foi provada, tambem está claro que foram illegalmente perseguidos e soffreram injustamente.

Durante o anno de 1846 a casa do Dr. Kalley foi muitas vezes cercada, de dia e de noite, por cabos. O pretexto d'esta medida era protegel-o contra a populaça, mas realmente era para impedir que seus clientes e amigos o visitassem. O estado de sitio era tão rigoroso que até impediram os seus creados de entrarem em casa.

Na madrugada do dia 9 de agosto o Dr. Kalley achou que seria perigoso ficar alli e conseguiu sahir disfarçado em camponez para a quinta dos Pinheiros; a sua fuga n'esta occasião foi providencial.

A's 11 horas subiram ao ar dois foguetes e as autoridades, o conego Telles, soldados e officiaes acompanhados por uma multidão de povo, partiram da cathedral para Santa Luzia, onde o Dr. residia, arrombaram as portas de sua casa na esperanza de prendel-o e como não o encontraram pegaram nos livros e papeis e lançaram-os á rua onde foram queimados. Roubaram e estragaram o que quizeram.

Os amigos do Dr. Kalley, conhecendo que a sua permanencia na ilha era impossivel, conseguiram per-

suadil-o a fugir, deitaram-n'o n'uma rêde disfarçado em enfermo, e d'esta maneira alcançou a praia. Assim o mais prestimoso, caritativo e philantropico cidadão que jámais pisou o solo da Madeira, foi obrigado a fugir porque não convinha aos padres e aos fanaticos que o povo lêsse a Sagrada Escriptura em lingua vulgar.

Esta feroz perseguição é ainda mais para estranhar quanto é certo que o dr. Kalley nunca administrou sacramentos nem tentou fundar igreja e nunca atacou a igreja catholica romana, mas limitou-se a soccorrer doentes, derramar a instrucção e animar a leitura da Sagrada Escriptura, e a unica vez que fez uma prelecção publica foi n'nma reunião convocada pelo rev. Vigario Francisco I. R. Pereira, o qual estava presente, apoiou o discurso do eminente facultativo e publicou uma declaração, e n'ella disse, que bem longe de ter o dr. Kalley fallado n'aquella occasião coisa alguma offensiva ou illegal, «felizmente n'aquella pratica, que quasi toda consistiu na leitura da Sagrada Biblia, segundo o que ouvi e me informaram pessoas fidedignas, nada appareceu contrario á sã Doutrina que a Santa Igreja Catholica, Apostolica, Romana nos manda crer e ensinar». (*Imparcial*. N.º 129, de fevereiro de 1843).

Na mesma noite que o dr. Kalley conseguiu sahir da Madeira, centenaes de pessoas foram obrigadas a abandonar as suas casas e seus haveres e refugiar-se nos montes para escapar á ira e vingança dos amotinadores. A elles são applicaveis as palavras de S. Paulo na sua epistola aos Hebreus, X, v. 36 a 38. «Soffreram ludibrios, e açoutes, e além d'isto cadeias, e prisões:

Elles foram apedrejados, foram serrados pelo

meio, foram tentados, foram mortos ao fio de espada, elles andaram vagabundos, cobertos de pelles de ovelhas, de pelles de cabras, necessitados, angustiados, afflictos:

Uns homens de que o mundo não era digno; errantes nos desertos, nos montes, e escondendo-se nas covas, e nas cavernas da terra».

**Refugio e Salvamento** — Apparentemente por acaso, mas diante de Deus não ha acaso, se achavam fundeados na bahia do Funchal os navios «William» e «Lord Seaton» para levar trabalhadores para a ilha da Trindade e outras ilhas das Indias Occidentaes. Durante a semana os perseguidos foram a bordo d'estes navios e no dia 23 de Agosto mais de 400 pessoas partiram da Madeira. Nos seguintes mezes mais 500 pessoas abandonaram a patria por causa d'esta perseguição religiosa.

Os emigrados não se deram bem com o clima das Indias occidentaes, por isso 400 pessoas deixaram a ilha da Trindade e foram-se estabelecer em Jacksonville e Springfield no estado de Illinois onde ainda existem 4 florescentes egrejas, formadas pelos filhos d'estes emigrados nas quaes se préga na nossa lingua.

Graças sejam dadas ao Altissimo pela liberdade que agora gosamos; mas se aquelles christãos serviram o Senhor no meio de tanta difficuldade e tantas perseguições, muito melhor devemos agora servir-o em tempo de paz e liberdade.

As perseguições ainda não acabaram de vez.

No mez de fevereiro de 1888 os srs. Henrique M. Wright e o sr. Manuel Melim foram presos na Villa de Santa Cruz, ilha da Madeira, accusados de prégar o Evangelho, ensinando doutrinas contrarias aos dogmas da Igreja Catholica Romana, mas feliz-

mente em 18 de novembro do mesmo anno foram julgados e absolvidos pelo jury.

**Nota.**—Com referencia á portaria transcrita em p. p. 48. 49, publicada pelo ministro Antonio Bernardo da Costa Cabral em 17 de Outubro de 1842, temos de accrescentar o seguinte :

A Biblia traduzida pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo da Vulgata Latina foi primeiramente impressa em Lisboa em 1778, passando por diversas edições até 1818 conforme se lê no interessantissimo livro «A Biblia em Portugal» pelo major Guilherme L. dos Santos Ferreira.

Em 1818 foi publicada pela Sociedade Biblica em Londres uma edição do Novo Testamento, traducção do Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

Em 1821 foi tambem publicada pela Sociedade Biblica em Londres a Biblia inteira n'um só volume pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

Como em o *Novo Testamento* de 1818, supprimiram-se n'esta *Biblia* as prefações, notas e commentarios, conservando-se, porém, os summarios dos capitulos.

E' muito notavel esta edição por conter, além dos livros canonicos, todos os livros apocryphos mandados incluir no canon das Escripturas pelo concilio de Trento, em 1550, por influencia do papa Pio IV. Por ella se prova que os protestantes não receiam tornar conhecidos estes livros, posto affirmem e pro vem que elles foram compostos depois de encerrado o verdadeiro canon, que não foram recebidos pela igreja judaica, nem foram citados por Jesus e pelos apostolos nos differentes livros do Novo Testamento.

A Biblia de Figueiredo foi reimpressa pela Sociedade Biblica em Londres, no anno de 1828, com es-

te titulo: «*A Santa Biblia; contendo o velho e o novo testamento. Traduzidos em portuguez segundo a Vulgata. Pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, Londres: na typographia de Bagster e Thoms, Bartholomeu Close. 1828.—I vol. em 8.º de 752-240 pag.*»

Esta edição não contém os livros apocryphos. Posto que não sejam raros os seus exemplares, é ella singularmente notavel, e tem um lugar assignado na collecção biblica portugueza, por haver sido esta a edição approvada pelo patriarcha de Lisboa e pelo governo portuguez, não obstante a sua origem e a omissão d'aquelles livros.

## Fim do capitolo II

III

**A Reforma em Lisboa**

Depois do estabelecimento d'um governo constitucional no segundo quartel d'este seculo, a primeira pessoa que evangelizou em Portugal fóra da Igreja Romana, foi o rev. dr. Gomez, ecclesiastico hespanhol, que sendo perseguido e expulso do reino visinho por causa das suas ideias liberaes, refugiou-se em Portugal e começou cerca do anno 1842 a celebrar cultos evangelicos na cidade de Lisboa em uma sala appropriada, semelhante a uma Capella. Celebrava officios divinos segundo o rito da Igreja Episcopal Reformada, baptisava creanças, sendo o seu attestado de baptismo acceite pelas authoridades, administrava a Sagrada Communhão, e visitava regularmente os membros da Congregação cujos nomes estavam no rol da Igreja.

Mas em 1852 foi publicado o Codigo Penal que prohibia que os nacionaes professassem qualquer lei a não ser a Catholica, Apostolica, Romana. Os cultos foram prohibidos e a congregação dispersa, todavia alguns que tinham ouvido o Evangelho da bocca do dr. Gomez, deram bom testemunho e morreram na fé Evangelica, e outros especialmente na classe media, continuaram occultamente no seio de suas familias, não só em Lisboa, mas em Vianna do Castello, Porto, Setubal, e nas ilhas adjacentes, a lêr os officios Divinos da Igreja Reformada. Entre outros podemos apontar os nomes de Guilherme Pimentel, negociante na cidade do Porto, e dr. João José da Graça Junior, advogado em Lisboa, depois Reitor do Lyceu na cidade da Horta, que sempre

liam as Orações da Manhã e da Tarde aos Domingos juntamente com suas familias.

Tambem ainda hoje sabemos que ha em diversas partes de Portugal familias crentes, ovelhas sem pastor, aonde não ha Igreja estabelecida; a estes aproveitamos a occasião de lhes dar o conselho que tomamos a liberdade de copiar do Livro de Oração da Igreja Methodista Brasileira e que se refere egualmente á Igreja Lusitana:

«Onde houver em qualquer cidade, villa, aldeia ou vizinhança, dez pessoas que se compromettam a congregarem em um lugar conveniente, de manhã, ou de manhã e de tarde, nos Domingos, obtenham este livro, e uma d'ellas faça as vezes de ministro, dizendo no competente lugar as partes que lhe pertencem e as outras dando as *respostas*, e juntamente com a primeira, fazendo as *confissões geraes*, etc.»

No anno de 1849 o Christian Knowledge Society de Londres imprimiu a Liturgia da Igreja Anglicana na nossa lingua, sendo a traducção feita pelo snr. Eduardo de Moser, depois conde de Moser.

O fim d'esta excellente Sociedade em publicar este livro em portuguez, não era de maneira alguma querer impôr a Liturgia da Igreja Anglicana aos Reformadores Portuguezes, mas unicamente mostrar-lhes um Manual Liturgico repleto de sã doutrina, extrahido e inteiramente conforme com as Sagradas Escripturas, e na sua maior parte copiado das antigas Liturgias em uso nas Igrejas Catholicas tanto no Oriente como no Occidente.

No anno 1860 D. Helena Roughton, senhora ingleza, abria nos arrabaldes de Lisboa uma Escola aonde ella diariamente administrava o ensino Biblico, e pouco depois abriu as portas da sua sala de visitas

áquelles que quizessem frequentar uma Aula Bíblica, e algumas vezes ouvir um sermão por seu filho, o rev. Francisco Roughton, presbytero da Igreja Episcopal e então residente em Lisboa.

A' vista da Biblia na lingua vulgar, os jesuitas se pozeram em campo e os papistas principiaram a temer e foram bater ás portas das secretarias do governo, dizendo que o reino estava em perigo, que a sociedade estava ameaçada se as Biblias não fossem logo mettidas nas fogueiras dos autos da fé, e trancas collocadas na porta da escola evangelica! Carlos Testa deputado da nação protestou nas Camaras no dia 8 d'Agosto de 1867 contra tamanha tolerancia religiosa, e exigiu que a escola fosse fechada.

Clamaram porém no deserto os devotissimos oradores parlamentares. O governo mandou inspecionar a escola pelo snr. Graça Affreixo do qual tornaremos a fallar, que informou que a escola era admiravelmente administrada e a doutrina ensinada a mais pura e a mais evangelica possivel.

No anno de 1867 o rev. Angel Herreros de Mora ex\*padre, hespanhol de nascença, que tinha sido muito perseguido e encarcerado em seu paiz por motivos de religião tendo conseguido depois de muitas vicissitudes e soffrimentos evadir-se d'um convento e chegar á cidade de Gibraltar onde foi auxiliado e instruido no Evangelho pelo venerando dr. Rule, celebre linguista e theologo da Igreja Methodista, passou para os Estados Unidos onde foi recebido na Igreja Episcopal Reformada d'aquelle paiz, mas tendo grande desejo de prégar o evangelho a seus patricios, voltou depois d'alguns annos á Europa, e chegou a Lisboa, tencionando ir á Hespanha, mas o homem propõe e Deus dispõe! Hespanha estava

então inteiramente fechada á Igreja Evangelica, e em Lisboa se achava uma numerosa colonia hespanhola favoravelmente disposta a ouvir o Evangelho.

O Rev. A. H. de Mora, o apostolo da Reforma em Portugal no seculo passado, chegou a Lisboa sem dinheiro e sem protecção; não era agente de nenhuma sociedade, e a sua visita a Portugal foi devida a um irresistivel impulso Divino. Era homem excentrico, sem duvida tinha suas faltas, nunca pediu auxilio a pessoa alguma nem para si nem para a congregação que formou, por isso passou por grandes privações, mas era poderoso nas Sagradas Escripturas, e ensinava seus congregados a amar e lêr a Biblia. Era cheio de fé, de grande piedade e de abnegação christã, passando muitas vezes fome e miseria, mas Deus estava com elle e, apesar que sem recursos, conseguiu chamar a si uma numerosa congregação, entre outros alguns padres, e lançar a primeira pedra da Igreja Reformada em Portugal.

Todas as Igrejas Reformadas de todos os ritos em Lisboa principiaram por crentes, filhos da congregação do Rev. Mora.

Logo que o Rev. Mora chegou a Lisboa, D. Helena Roughton convidou-o para prégar em sua casa na Cruz da Taboada aos Domingos, e o ministro escossez franqueou-lhe o uso d'um salão perto da Moeda todas as segundas-feiras. A perseguição experimentou a obra, a casa do culto foi assaltada, vidros e candieiros voaram pelos ares, bancos e cadeiras foram feitos em miudos pedaços, o pastor foi ameaçado, mas Deus estava com elle; e o ministro dos Estados-Unidos, apesar de Catholico Romano, exigiu uma indemnisação pelo prejuizo causado pelos fanaticos, e sustentou que Mora, como cidadão americano esta-

va no gozo dos seus direitos, prégando áquelles que quizessem ouvil-o, e effectivamente o então ministro do reino, ordenou que a prégação do Evangelho não fosse interrompida.

Depois d'alguns contratempos e bastantes difficuldades, os membros da sua congregação, em grande parte hespanhoes, conseguiram alugar um armazem na rua de Nossa Senhora da Conceição, que mobilaram e transformaram em uma Capella simples mas decente; tambem alugaram um andar proximo para servir de presbyterio. Convem lembrar que os membros de sua congregação eram todos pobres e os sacrificios que fizeram para mobilar a Capella e sustentar o seu pastor eram provas convencentes de seu gosto e fé christã.

Todos os mezes pagavam-lhe uma quantia sufficiente para poder viver modestamente, mas este zeloso ministro dava quasi tudo aos pobres, de maneira que teria passado fome se a Junta da Igreja não tivesse lançado mão do alvitre de lhe mandar o jantar todos os dias, e se um zeloso christão por nome Mauricio não tivesse offerecido servir seu pastor sem salario algum, o que effectivamente fez durante alguns annos.

No anno de 1870, depois da expulsão da rainha D. Isabel e o estabelecimento da tolerancia religiosa no reino visinho, todos os membros hespanhoes d'esta congregação Evangelica fizeram um requerimento ao ministro Hespanhol perante a côrte de Lisboa, pedindo que obtivesse do governo portuguez o reconhecimento legal da sua Igreja.

O resultado foi a publicação d'uma portaria do governo portuguez, reconhecendo a existencia legal da Igreja Evangelica Hespanhola, e auctorisando o

ministro a registrar nascimentos e casamentos e ler os officios funebres sobre os seus filiados nos cemiterios publicos. A Igreja era chamada Hespanhola porque seu ministro era Hespanhol e prégava e lia parte dos officios Divinos n'aquella lingua, todavia cerca da metade dos congregados eram portuguezes.

Este Apostolo da Reforma em Portugal foi atacado de uma molestia aguda e padeceu muito por algum tempo, mas continuava a prégar o Evangelho com a sua palavra e com o seu exemplo até que Deus o chamou para a sua recompensa no anno de 1876, e a sua morte mesmo foi um triumpho para o Evangelho porque n'aquella occasião o municipio de Lisboa emancipou-se e dois camaristas que estavam presentes na occasião de seu enterro mandaram deitar abaixo um tapamento que dividia a parte reservada para os acatholicos romanos do resto do cemiterio, e desde aquelle dia não só em Lisboa mas em todo o patriarchado não existe divisão alguma nos cemiterios.

Já dissemos que bastantes padres Catholicos Romanos se filiaram na congregação do Rev. Mora.

Eis os nomes de alguns ecclesiasticos que tem abraçado a Reforma em Portugal.

**O Rev. Angel Herreros de Mora**, presbytero hespanhol foi fundador não só da congregação Evangelica Hespanhola, mas da Reforma Catholica em Portugal em 1870.

O Rev. João Joaquim Costa d'Almeida em 1870.

O Rev. Henrique Ribeiro Ferreira d'Albuquerque em 1871.

O Rev. José Ignacio Pinheiro.

O Rev. Manoel Jeronymo Cordeiro.

O Rev. Antonio Ferreira de Miranda em 1872.

O Rev. Manoel Antonio Pereira em 1874.

O Rev. Antonio Ribeiro de Mello em 1875.

O Rev. Dr. José Joaquim Rechoso em 1876.

Todos estes fizeram profissão na Igreja Evangelica Hespanhola.

Tambem adheriram á reforma os seguintes ecclesiasticos :

O Rev. José Nunes Chaves, que fez profissão na Igreja de S. Paulo, Lisboa, em 1876.

O Rev. Guilherme Dias da Cunha fez profissão de fé na Igreja de Villa Nova de Gaya em 1875.

O Rev. Joaquim dos Santos Figueiredo em 1891 na Igreja Methodista, no Porto.

O Ex.<sup>mo</sup> Snr. José Maria Barreto, terceiranista do seminario de Portalegre e sub-diacono, fez profissão de fé na Igreja do Cascão, Lisboa em 1899.

O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Augusto Nogueira, terceiranista do seminario do Porto e sub diacono fez profissão de sua fé na Igreja de S. João Evangelista em Gaya em Agosto de 1898.

O Rev. Dr. Antonio do Prado de Souza Lacerda, formado em direito, fez profissão de fé, e casou-se na Igreja de S. Paulo, Lisboa em 1900.

O Rev. Conego Manoel Gonçalves de Souza, fez profissão de sua fé e casou-se na Igreja de S. João Evangelista em Gaya em 1901, agora residente na ilha de S. Thomé.

O Rev. Manoel Pinto dos Santos, que fora abbade de Anobra, Condeixa, casou-se e foi admittido como membro da Igreja de S. Paulo, Lisboa em 1903.

O Rev. José Julio de Miranda e Castro, que fora padre no Minho, em 1903.

O Rev. Alfredo Joaquim de Castro, que fora prior de Magdalena, Gaya, casou-se e foi admittido como

membro da congregação da Capella do Prado em 1906.

Além d'estes, que tendo sido padres romanos abertamente abjuraram, abraçando a religião christã reformada, muitos outros teem abandonado o exercicio do sacerdocio, conservando, embora, *phisionomia ecclesiastica*; e outros, em grande numero, nem esta conservaram. Encontram-se em toda a escala social; no alto functionalismo; no professorado superior e secundario; na advocacia; no commercio e industria; na simples vida civil; etc.

Nem todos estes ecclesiasticos se conservaram sempre pastores.

Alguns foram forçados a se empregarem em serviços seculares para sustentarem suas familias, mas todos elles deixaram os seus interesses materiaes, sua posição official e social, todos foram perseguidos e desprezados pelo mundo, alguns foram processados como criminosos quando abandonaram o fanatismo, e o erro para abraçar o Evangelho. Se ainda hoje em dia os ricos e todos na primeira sociedade tem receio de ouvir o Evangelho, um ecclesiastico não só perde tudo, mas ainda mais, sujeita-se a ser processado e perseguido como criminoso por causa de seguir os dictames de sua consciencia.

Recapitulamos: A Reforma Catholica em Portugal foi iniciada pelo Bispo de Vizeu protestando no Concilio do Vaticano contra os novissimos dogmas, apesar que tanto este Bispo como o Bispo Stross-mayer (que fez um eloquentissimo e irrefutavel discurso contra a infallibilidade papal no Concilio do Vaticano) nunca sahiram da Egreja de Roma.

A Reforma Catholica em Portugal foi alimentada e poderosamente auxiliada pelo grande historiador e

eximio classico Alexandre Herculano, protestando eloquentemente na imprensa contra todas as innovações de Roma moderna.

Os onze ecclesiasticos que sahiram da Egreja Romana pouco depois da promulgação dos novos dogmas no Concilio do Vaticano, nunca pretenderam fundar uma nova religião, mas sómente expurgar a Religião Christã das corrupções seculares, e reivindicar as liberdades da Egreja Lusitana por tanto tempo sujeita ao jugo estrangeiro de Roma, e diffundir por todo este paiz uma doutrina que fosse *Catholica e Apostolica n'uma Egreja Portuguesa e não Romana*. O movimento era essencialmente Catholico e nacional.

Longe de abandonar, resolveram desde o principio manter intacta a Ordem Apostolica e conservar inviolavel o ministerio antigo de Bispos, Presbyteros e Diaconos, e quando perderam a esperança de o Bispo de Vizeu se unir á Reforma, elegeram o Rev.º P.º Angel Herreros de Mora, Bispo da Egreja Reformada. Procedendo assim sabiam que poderiam passar bastantes annos até que elle fosse consagrado, mäs desejavam affirmar a sua adhesão á ordem Apostolica que consideravam de instituição Divina.

Desejavam manter e conservar *toda* a doutrina catholica, e a prova é que emquanto não fosse preparada uma Liturgia nacional em lingua vulgar sobre a base dos antigos ritos, Bracarense, Mosarabico, Romano e Anglicano, usaram uma traducção da Liturgia da Egreja Episcopal Reformada dos Estados Unidos.

O movimento era inteiramente e essencialmente nacional, e não dependia nem de inspiração, nem de instrucções, nem de subsidio do estrangeiro; era um brado inteiramente nacional, contra as innovações de

- Roma. E' verdade que o Padre Angel Herreros de Mora era natural do reino visinho, mas como os naturaes d'aquelle paiz são da mesma raça latina, fallam quasi o mesmo idioma, perfeitamente intelligivel, e na sua maioria professam a mesma religião, n'este caso o Rev.º Mora não podia ser considerado como estrangeiro.

Deus pode fazer tudo, não limitamos o seu poder, mas examinando o ensino do grande Apostolo das gentes (I. Cor. IX. 20-23 e II. Cor. XI. 22 etc.) compulsando a historia da Igreja Christã na idade media e na idade moderna e a historia das missões evangelicas no seculo XIX, notando o testemunho *unanime* dos missionarios christãos na China, ouvindo a narração do Bispo Tucker de Ugunda, na Africa Central sobre o *Sustento, desenvolvimento e governo proprio* da mais notavel e maravilhosa missão christã no mundo, e sobre tudo lendo as Conferencias feitas pelo actual Bispo de Gibraltar, o mais eminente theologo em Historia Ecclesiastica, não podemos deixar de emittir a nossa opinião que cada Igreja distincta deve ser solidamente edificada sobre a Fé Catholica (no sentido mais lato da palavra) e sobre uma base essencialmente nacional emquanto ás suas aspirações e aos seus usos.

Já se vê, a fé Catholica é immutavel, fundada sobre a rocha Jesus Christo, mas as tradições, as ceremonias e ritos podem ser alterados segundo a diversidade de paiz, e não é essencial que sejam os mesmos em toda a parte (Artigo da Fé XXXIV).

Qualquer movimento fomentado por estranhos acabará quando fôr retirado o auxilio estrangeiro, mas uma Reforma nacional, ganhando raizes solidas no paiz e alimentando-se nas tradições nacionaes se conservará firmemente.

A maior parte d'estes onze ecclesiasticos filiaram-se na Igreja Evangelica Hespanhola, estabelecida na Praça das Flôres, Lisboa, e esta congregação **nunca** recebeu direcção alguma nem subsidio algum de qualquer sociedade estrangeira, foi inteiramente e unicamente sustentada pelos seus congregados.

O Rev. Mora e todos os outros ecclesiasticos que sahiram de Roma no anno de 1870 ou pouco depois, nunca pensaram em fundar uma religião nova mas sómente em expurgar as corrupções seculares e reivindicar as liberdades da primitiva Igreja Luzitana. A sua posição era semelhante á dos reformadores em Inglaterra, Suecia e Noruega no seculo XVI, e identica á dos Velhos Catholicos em Allemanha e Suissa depois do Concilio do Vaticano, que regeitaram as innovações de Roma moderna, mas conservaram a Ordem Apostolica e a doutrina Catholica.

Para provar isto dizemos: A 1.<sup>a</sup> Conferencia dos Velhos Catholicos teve lugar em Bonn em 1874 presidida pelo Rev. Dr. Dollinger e alli foi unanimamente resolvido «*que a Igreja não estava ligada ou presa aos decretos do Concilio Tridentino*».

Tambem foi por unanimidade approvada uma declaração, que «a Celebração da Sagrada Eucharistia não é uma continua repetição ou renovação do grande Sacrificio propiciatorio».

No grande congresso da Igreja Velha Catholica celebrado em Lucerna (Suissa) em 1892, as Igrejas da Peninsula Hispanica eram representadas pelo Lord Plunket, Arcebispo de Dublin, presidente do conselho dos Bispos da Igreja Luzitana Catholica, Apostolica e Evangelica, já organizada, e pelo Rev. Cabrera então bispo eleito da Igreja Hespanhola.

O nome do **rev. João Joaquim da Costa Al-**

**meida** fica para sempre gravado nas paginas da historia da Egreja Evangelica em Portugal.

Nasceu em 25 de maio de 1825, em Santa Marinha de Avanca, concelho de Estarreja, bispado do Porto. Foi ordenado diacono em 21 de setembro de 1849 e presbytero em 16 de março de 1850, pelo bispo do Porto, D. Jeronymo José da Costa Rebello. Como ecclesiastico da egreja romana foi cura de Santa Marinha, Villa Nova de Gaya e parochiou a freguezia do Rio do Mouro desde 1851 a 1852. Foi capellão da armada desde 1855 até 1870, anno em que realiso o seu casamento e se filioi na egreja evangelica. Neste mesmo anno abriu um collegio e deu começo á congregação, hoje existente, na casa da sua residencia, em Rio do Mouro, onde se conservaram, com character particular, até 1876, sendo então definitivamente organisada a congregação, que, conjunctamente com o collegio, continuou a reunir-se na mesma casa até 1879, anno em que foi edificada a actual capella da Santissima Trindade, em terreno offerecido por este ministro e sua esposa dentro da sua quinta.

Para abraçar o puro Evangelho de Christo, foi em Portugal o primeiro a abandonar o ministerio ecclesiastico da Egreja Romana, tendo logar esse acto solemne perante o rev. D. Angel Herreros de Mõra e uma numerosa congregação, na ex-Egreja Evangelica Hespanhola. Desde então foi um dos que mais trabalhou e mais soffreu no desempenho da sua missão.

Não era eloquente orador nem muito versado em theologia, mas era um verdadeiro e sincero christão e com o seu exemplo e a sua sympathia attrahiu uma congregação relativamente grande.

O rev. J. J. Costa d'Almeida foi durante muitos

annos o decano do Synodo da Egreja Lusitana, e foi sempre muito amado e respeitado por todos.

Foram quatro as excommunhões que o ex.<sup>mo</sup> patriarcha de Lisboa se dignou lançar a elle e á sua esposa, a qual, como exemplar companheira, partilhava por igual tanto dos gozes como dos dissabores do seu marido. E porque assim o entendia, aquelle digno prelado, sempre que se dispunha a mimosear um, tinha por justo não privar o outro de igual beneficio.

Essas notas d'anathema porém, que nada mais eram, sob o ponto de vista espirital, do que innocentes documentos demonstrativos da fraqueza e puerilidade da sua origem, é certo que, dada a infeliz circumstancia de ser a egreja romana a egreja do Estado e de existir ainda um codigo penal improprio dos tempos que decorrem, não deixavam de produzir, em parte, algum resultado desagradavel para aquelles contra quem eram expedidas, pois que, além do vexame a que ficavam expostos em presença dos ignorantes, eram obrigados ao dispendio de quantias relativamente avultadas, a titulo de fiança.

Em 30 de Maio de 1895 os dois infatigaveis obreiros do Evangelho foram chamados a tomar logar no banco dos reus, no tribunal de Cintra. Baseava-se o processo no facto de sustentar o rev. Costa na freguezia de Rio do Mouro um collegio para creanças, ás quaes elle, conjunctamente com sua esposa, segundo rezava o libello accusatorio, ensinava doutrinas contrarias ás da religião do Estado, e a quem, como a outras pessoas, fazia bem, com o fim de angariar adeptos para a sua religião.

A' inanidade de tal accusação responderam os accusados com a serenidade de quem confia me

Deus e está seguro da justiça da sua causa. Sahindo do tribunal pela porta da absolvição, receberam sobejas provas de sympathia, geradas na convicção unanime de terem sido ambos levados alli unicamente para serem julgados pelo *crime* de serem bons.

Assim era effectivamente. O nosso fallecido deixou de si gratas e salutaes recordações, pela bondade do seu coração, pela firmeza do seu character e pela sinceridade e simplicidade da sua fé. E não era só entre os seus correligionarios, mas igualmente entre os estranhos á sua religião, que elle possuia os seus amigos. E' universal a estima pela saudosa memoria do extincto e respeitavel pastor da congregação da Santissima Trindade.

O seu funeral realisou-se no dia 5 de Novembro de 1897, ás 3 e meia horas da tarde. Officiaram os ministros das congregações de S. Paulo e de S. Pedro. Teve logar a primeira parte do officio de sepultura na capella da SS. Trindade, e a segunda parte no cemiterio de Rio de Mouro. De casa para a capella e d'esta para o cemiterio foi o cadaver conduzido á mão. Compunham o prestito, que era numeroso, muitos estranhos e irmãos. Muitos d'estes eram de Lisboa, entre elles estava o digno presidente do synodo, conservando-se todos no cemiterio até ao momento de ser fechado o tumulo, em que ficou depositado o cadaver e que foi espontaneamente offerecido á viuva pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Antonio Luz, digno e estimado proprietario do Rio de Mouro.

*Foi sepultado na parte geral do cemiterio, pois felizmente no patriarchado não ha divisões nos cemiterios.*

**Henrique Ribeiro** era natural de Parada de Gonta, bispado de Vizeu. Foi ecclesiastico catholico romano, desempenhando por alguns annos o cargo de

abbade de Silgueiros, d'aquelle bispado. Era homem de talento e orador distincto. Prégou tres annos na Igreja dos Congregados, cidade do Porto, na Sexta-feira Santa, sermão que é sempre prégado por um dos mais notaveis oradores do paiz. Em 1871 apresentou-se em Lisboa ao rev. Angel Herreros de Móra para ser recebido na Igreja Evangelica Hespanhola, como effectivamente foi. Conseguiu então naturalisar-se hespanhol, realisando em seguida o seu casamento com uma senhora de nome D. Maria da Encarnação de Mello Ribeiro, de quem houve quatro filhos, dos quaes existem dois. Pouco depois foi com sua esposa para Sevilha, onde se demorou cerca d'um anno, prégando algumas vezes n'uma capella evangelica d'aquella cidade. Voltando a Portugal, onde passou a exercer um logar de escripturario n'uma das conservatorias de Lisboa, trabalhou por reaver os seus direitos de subdito portuguez, o que effectivamente conseguiu. Vagando o logar de ministro na Igreja Evangelica Hespanhola, em 1879, passou a exercer este logar a convite da mesma Igreja, que então existia como congregação independente e que em 1880, anno em que foi organisada e constituida a Igreja Evangelica Lusitana, ficou formando parte d'esta Igreja e com a actual denominação de Congregação de S. Pedro.

Continuando á testa d'esta congregação até 1886, desde então até ao momento de terminar a sua existencia, desempenhava Henrique Ribeiro o logar de recebedor da comarca de Villa Franca de Xira.

O fallecido, comquanto estivesse desligado do ministerio da Igreja Lusitana, conservou-se e morreu membro d'ella. Certo de que estava proximo o seu dassetamento, dias antes mandou chamar o ministro

da congregação de S. Pedro. Conversando largamente com elle ácerca da sua proxima viagem para a eternidade, para o que dizia estar preparado, por isso que jámais se esquecera de Jesus, em cujo amor descansava tranquillo, fez-lhe depois varios pedidos relativos ao seu enterro, uns dos quaes era que, tanto quanto possivel, logo apoz o seu fallecimento, o seu corpo fosse depositado na capella da congregação de que fôra ministro e a que estava ligado, já pela sympathia que lhe dedicava, já pela fé que, como ella, depositava no Salvador. Assim se fez.

130 **○ Rev. Antonio Ferreira de Miranda** foi durante algum tempo ministro d'uma missão Evangelica em S. José de Ribamar, mas como a congregação não podia sustental-o foi obrigado a procurar meios de subsistencia na qualidade de solicitador.

131 Morreu no anno de 1893 e foi enterrado no cemiterio Evangelico da colonia allemã, Necessidades, Lisboa, aonde elle tinha comprado um jazigo.

132 **○ Rev. Manuel Antonio Pereira** foi durante alguns annos ministro da congregação de S. Paulo, perto da Moeda, Lisboa, mas faltando os meios para o seu salario, tambem foi obrigado a procurar em occupações seculares, os meios para sustentar sua familia.

Foi Redactor da Acta na Camara dos Deputados. Falleceu em 1905.

133 **○ Rev. Antonio Ribeiro de Mello** succedeu ao Rev. Mora como pastor da Igreja Hespanhola, lugar que elle exerceu durante alguns annos. Em consequencia de algumas desintelligencias entre elle e a junta da mesma Igreja, teve de resignar este posto no anno de 1879. Foi ministro d'outra congregação evangelica, depois durante alguns annos passou

por muitas e grandes tribulações e privações, chegando até a viver em *miseria* por causa da doença prolongadissima da sua esposa e por não querer voltar á Igreja Romana. Foi durante alguns annos empregado em trabalho secular e falleceu em 1902.

● **Rev. Dr. José Joaquim Rechouso** nunca foi pastor de congregação alguma mas estabeleceu banca d'advogado em uma cidade da provincia. Falleceu no anno de 1895.

● **Rev. José Nunes Chaves** foi durante muitos annos capellão da Igreja do Loreto, Lisboa. Depois de abraçar o Evangelho formou a congregação de Jesus em 1877, e durante muitos annos foi zeloso e activo pastor da mesma. Era pessoa muito intelligente e versado na litteratura, não só da nossa patria, mas tambem d'outras terras e diligente estudante das Sagradas Escripturas.

Em 1889 acceitou o lugar de pastor na Igreja Presbyteriana estabelecida no extincto Convento dos Mariannos que ha estava bastante tempo sem pastor. Falleceu no dia 24 de Dezembro de 1893.

Foi sempre muito estimado por todos que o conheciam.

● **Padre Guilherme Dias da Cunha** foi orador de nome na Igreja Catholica Romana, e depois de se filiar na Igreja Evangelica foi por diversas vezes offerecido ricas abbadias, tentando-o assim para voltar á Igreja de Roma, mas elle sempre repudiou estas offertas com desdem.

Foi auctor de diversas obras, entre as mais importantes, «Echos de Roma» (antes de entrar na Igreja Evangelica).

«Resposta á Instrucção Pastoral», do Ex.<sup>mo</sup> Bispo do Porto. D. Americo em 1879.

«O que é a Missa?» em 1888.

«A confissão Auricular» 1889.

«Vozes da Historia» em 1885, etc.

Foi processado mais de uma vez, mas nunca chegou a ser julgado.

Em 1882 passou para a Igreja Lusitana e foi pastor da Igreja do Redemptor até 1892, quando elle resignou este logar e desde então tem se entregado ao trabalho litterario, residindo no Brazil, aonde tem feito conferencias, e prégado em diversas Igrejas Evangelicas.

**O Rev. Joaquim dos Santos Figueiredo** foi muito estimado em Coimbra, sua cidade natal aonde estudou no Seminario, sendo depois cura da Igreja de Santa Cruz e prégador de fama. Sahiu, depois de muito pensar, da Igreja de Roma e unicamente por motivos de consciencia. Filiou-se na Igreja Methodista, cidade do Porto, no anno de 1891, onde foi ministro coadjutor durante 3 annos sendo seu caracter sincero muito estimado por todos os ministros e congregações da cidade do Porto.

No anno de 1894 vagando o lugar de ministro da Igreja Presbyteriana em Lisboa foi muito instado a acceitar esse encargo, o que effectivamente fez e onde foi muito abençoado por Deus, pois essa congregação cresceu tanto em numero como em vida espiritual depois que elle assumiu a sua superintendencia.

Em 1899 passou para a Igreja Lusitana Catholica Apostolica e Evangelica, sendo nomeado ministro da congregação de S. Paulo, extincto convento dos Marianos.

Em 1905 depois do falecimento do Rev. Candido Joaquim de Souza foi nomeado presidente do Syno-

do, lugar que permitta Deus elle conserve por largos annos.

Mais noticias sobre a **reforma em Lisboa**. — Já démos uma relação de alguns dos clérigos Catholicos Romanos que em Portugal rejeitaram as innovações e acrescimos de Roma, e já dissémos que qualquer padre Romano que se sujeitasse a abraçar a Reforma n'este paiz onde a religião do reino é Catholica Romana, e aonde ainda não é conhecida a liberdade dos cultos mas apenas alguma tolerancia religiosa, necessita de grande coragem e muita fé em Deus, pois tem de luctar com muitas difficuldades, vencer fortes inimigos e sujeitar-se a ser desprezado, perseguido e aborrecido por causa do Evangelho sem fallar dos interesses materiaes que tem de largar, e ninguem pode fazer isto sem o auxilio e a graça do Santo Espirito.

Um ecclesiastico Catholico Romano quando sae da Igreja official do estado perde os interesses materiaes e a sua posição official, por isso quando um padre romano préga o Evangelho na Igreja reformada a sua palavra tem mais peso do que a de qualquer leigo e sobre tudo do que a pregação de qualquer estrangeiro por mais sabio, intelligente e zeloso que seja.

Agora vamos mencionar os nomes de mais algumas pessoas que trabalharam na implantação da Reforma em Lisboa, e as Igrejas fornalmente organisadas alli e no sul de Portugal.

● **Rev. Roberto Stewart**, ministro da Igreja Escoseza (Presbyteriana) em Lisboa, não só emprestou a Capella da sua congregação ao Rev. Angel Herreros de Mora, mas ainda continuou a franquear gratuitamente a mesma Capella a todos os nossos

patricios que lá quizessem adorar o Senhor em espirito e em verdade.

O Rev. R. Stewart foi durante muitos annos representante da Sociedade Biblica e n'esta qualidade prestou grandes serviços a todas as congregações da Igreja reformada em Portugal.

**A Igreja Presbyteriana Portugueza** foi formada em 1870. O primeiro ministro d'esta congregação foi o rev. Antonio de Mattos, natural da ilha da Madeira, e um dos emigrados d'aquella ilha por causa da forte perseguição religiosa em 1846 quando centenaes de pessoas tiveram de fugir e procurar agasalho e liberdade nos Estados Unidos.

Estudou theologia quando ainda era joven, ordenou-se e foi muitos annos ministro da colonia Portugueza em Springfield Illinois, depois voltou para Portugal em 1870 e pouco depois acceitou o logar de pastor da congregação presbyteriana.

Em 1872 a Igreja Presbyteriana fez aquisição do vasto edificio dos extinctos Carmelitas, vulgarmente chamado Convento dos Marianos, e n'aquelle mesmo anno principiou-se a celebrar culto publico no magestoso e amplo templo que fazia parte do predio do Convento.

A venda d'este templo a uma congregação Evangelica é uma prova do espirito liberal e da tolerancia religiosa que animava o governo que era então presidido pelo habil estadista Fontes Pereira de Mello.

A aquisição d'este antigo templo Catholico Romano muito animou a Reforma em Lisboa.

O snr. Manoel dos Santos Carvalho, o rev. Manoel Antonio de Menezes, snr. Vieira, o rev. José Nunes Chaves ex-padre Catholico Romano, e o Rev. Joa-

quim dos Santos Figueiredo, tambem ex-padre Catholico Romano, foram ministros d'esta congregação.

A Igreja Presbyteriana Portugueza mudou a sua séde em 1899 para um templo bastante espaçoso que foi inaugurado em 3 de Novembro d'aquelle anno.

O rev José Augusto Santos e Silva é o seu actual pastor e segundo a estatistica apresentada pelo mesmo ha 55 membros commungantes, uma congregação de 150 pessoas e uma escola diaria com uma frequencia de 35 crianças.

**A Igreja Evangelica Hespanhola, actualmente de S. Pedro** é a mais antiga de todas as congregações reformadas estabelecidas em Portugal.

Era chamada Hespanhola porque o seu primeiro ministro e muitos dos seus membros eram hespanhoes e tambem porque como Hespanhola foi primeiramente reconhecida e tolerada em Portugal, visto que a liberdade dos cultos ainda não é um principio reconhecido pelo nosso codigo fundamental.

Foi n'esta Igreja, estabelecida durante muitos annos n'um armazem transformado em capella na rua de de N. Senhora da Conceição, que a maior parte dos padres Catholico-Romanos que adheriram à Reforma, fizeram a sua profissão de fé.

Esta Igreja sempre seguiu o rito e a ordem apostolica e um serviço lithurgico no culto publico e todos os seus ministros tiveram ordens episcopaes.

E' digno do maior elogio o zelo e caridade christã com que os membros d'esta congregação sustentaram os seus ministros, porque durante muitos annos não receberam amparo algum de qualquer sociedade auxiliadora.

Os ministros d'esta Igreja foram: o Rev. Angel H. de Mora, o Rev. Antonio Ribeiro de Mello, e o

Rev. Henrique Ribeiro de Albuquerque, todos ex-padres Catholicos Romanos, o Rev. Candido Joaquim de Souza e actualmente o Rev. Josué Ferreira de Souza.

No anno de 1880 foi organisada a Igreja Lusitana Catholica, Apostolica e Evangelica e a Igreja Hespanhola ficou formando parte d'esta e com a denominação de S. Pedro.

A Igreja Lusitana tem luctado e continua a luctar com falta de meios e não tem sido possivel comprar nem edificar tantos templos como ella necessita para accomodar as diversas congregações e numerosos membros que desejam adorar a Deus em espirito e verdade conforme o culto simples mas edificante do seu ritual.

A falta de templos foi em parte remediada no anno de 1886 pela generosa acção do Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Cleif que á sua custa edificou um lindo templo, bonito e espaçoso com assentos para mais de 300 pessoas no Largo das Taipas e presenteou-o inteiramente livre á congregação de S. Pedro. Oxalá que mais alguém, que tenha meios a dispôr, seja tocado por Deus para imitar esta acção meritoria, edificar outro templo e presenteal-o a uma outra congregação da Igreja Lusitana. Na Igreja de S. Pedro ha agora 96 membros commungantes e uma numerosa congregação.

**O Rev. Candido Joaquim de Souza**, foi professor da Escola do Torne em Villa Nova de Gaya. Em 1878 passou a exercer igual lugar na Escola da Igreja de S. Paulo em Lisboa. Foi assiduo estudante de theologia e foi leccionado n'esta disciplina pelo rev. dr. Pope, digno presidente do Synodo da Igreja Lusitana.

No anno de 1879 recebeu ordens sacras que lhe foram conferidas pelo ex.<sup>mo</sup> e rev. Bispo Riley da Igreja Mexicana de Jesus, e foi instituido como ministro da congregação de S. Paulo.

Em 1886 foi nomeado pelo Synodo da Igreja Lusitana ministro da Igreja de S. Pedro e desde então exerceu o ministerio sagrado n'aquella congregação com muito proveito dos membros e foi muito e justamente estimado.

Em Maio de 1902 depois do fallecimento do Rev. Dr. Godofredo P. Pope, o rev. Candido Joaquim de Souza foi unanimamente eleito presidente do Synodo e continuou a manter intactas as tradições de seu professor, o 1.<sup>o</sup> presidente.

Em 26 de Janeiro de 1905, quando pela ultima vez presidiu ao Synodo, o Rev. Candido Joaquim de Souza, infelizmente muito debilitado no corpo por uma molestia prolongada, ainda ergueu a sua voz sempre auctorisada, e em tom penetrante com todo o ardor e vehemencia da mocidade exhortou a todos os seus collegas e aos representantes seculares de sempre manter intacta a independencia da Igreja Lusitana, dizendo que o digno ex-Presidente Dr. Pope poucos dias antes de fallecer tinha-o chamado á cabeceira da cama dizendo-lhe: «A Igreja Lusitana é independente, diligenciai manter intacta esta independencia e *continuai a manter os principios iniciados por mim*».

As entusiasticas e eloquentes palavras do Rev. Candido ainda estão vibrando em nossos ouvidos.

Em 24 de Abril de 1905 foi Deus servido chamar para Si depois de uma molestia prolongada acompanhada de muita fraqueza, a alma d'este muito zeloso

e muito estimado ministro e dignissimo presidente do Synodo da Igreja Lusitana.

Saudade ao nosso irmão fallecido que luctou pela Igreja e pela patria, e que deixou uma lacuna que mal póde ser preenchida.

**A Igreja da SS. Trindade** em Rio de Mouro, concelho de Cintra foi organisada em 1876 pelo rev. João Joaquim da Costa Almeida, outr'ora parochico catholico Romano da mesma freguezia, e durante vinte dois annos, isto é até á sua chamada para o ceu, foi sempre ministro d'aquella congregação rural.

Foi muito e justamente estimado, não só pelos membros da sua congregação como tambem por todos os habitantes da freguezia em geral.

Em 1879 foi edificada a actual Capella da SS. Trindade em terreno espontaneamente doado para este fim pelo rev. João Joaquim da Costa Almeida.

Desde a morte d'este venerando campeão do Evangelho a Escola continúa a funcionar regularmente á testa da qual ainda se acha a infatigavel viuva d'este chorado ministro, e cultos Divinos foram celebrados todas as semanas pelo rev. Snr. Josué F. de Souza que durante bastantes annos estudou theologia com o Rev. Dr. Godofredo Pope.

O Rev. Costa Almeida e sua esposa e os membros da congregação foram muito perseguidos, chegando os jesuitas a estabelecer uma Escola e Recolhimento perto da Igreja da SS. Trindade de proposito para afastar o povo da sã doutrina prégada na Igreja Reformada.

O zeloso diacono o rev. José Pereira Martins foi ultimamente nomeado pelo synodo, ministro interino d'esta antiga congregação.

**A Igreja de S. Paulo** foi estabelecida pelo

Rev. Manoel Antonio Pereira ex-padre Romano em 1876.

O Rev. Candido Joaquim de Souza foi tambem ministro d'esta congregação durante alguns annos, e quando foi transferido para a Igreja de S. Pedro o snr. Augusto F. Torres foi nomeado ministro pelo Synodo da Igreja Lusitana.

Este foi primeiramente em 1881 professor da Escola Evangelica annexa á Capella de S. Paulo.

Foi licenciado como prégador em 1884, estudou theologia com o Rev. Dr. Godofredo Pope e recebeu ordens de diacono em 1889 e de presbytero em 1892, sendo as ordens conferidas em Lisboa por Sua Eminencia Lord Plunket, um dos membros do Conselho dos Bispos da Igreja Lusitana, e a pedido do Synodo da mesma Igreja.

Esta congregação luctou com grandes difficuldades por falta de templo quando estabelecida no 2.º andar d'um predio n'um beco perto da Moeda, lugar immundo e improprio para attrahir uma congregação, por isso foi só frequentada por aquelles que tinham muita fé e gosto de ouvir o Evangelho.

Mesmo assim em circumstancias tão adversas, a congregação augmentou, sendo esse facto devido á muita dedicacão e zelo da parte dos ministros.

O rev. Torres foi chamado á sua recompensa celestial em 1898. «Descance dos seus trabalhos em paz».

Em 1899 a Igreja de S. Paulo foi mudada para o grandioso e magestoso templo no ex-Convento dos Marianos, ás Janellas Verdes, hoje propriedade da Igreja Lusitana, sendo o ministro o rev. Joaquim dos Santos Figueiredo, ex-padre Catholico Romano e agora

presidente do Synodo. Ha actualmente 60 membros commungantes e numerosa assistencia.

Annexa a esta Igreja ha uma florescente escola mixta, o «Collegio Lusitano» dirigido por duas professoras e com uma frequencia de mais que 100 alumnos d'ambos os sexos.

**A Igreja de Jesus** foi fundada em 1876 pelo Rev. José Nunes Chaves, ex-padre Catholico Romano e ex-capellão da Igreja do Loreto em Lisboa que durante treze annos foi ministro d'esta congregação.

Desde 1889 esta Igreja não teve ministro propriamente seu, sendo esta falta interinamente supprida pelos ministros das Igrejas de S. Pedro e de S. Paulo, que durante annos lêram os serviços e prégavam alli duas vezes cada semana.

**Igreja em Setubal.** N'esta missão da Igreja Lusitana estabelecida na rua de S. Christovão tem havido regularmente durante bastantes annos Serviços Divinos, e Aulas Biblicas regidas pelos ministros de Lisboa.

O numero dos assistentes tem chegado por vezes a ser superior ao que comporta a capacidade da sala, havendo sempre respeito e attenção.

A escola mixta annexa tem uma frequencia de cerca de 40 alumnos.

Esta Igreja tem passado por algumas perseguições atrozes, mas por falta de espaço não nos é possível agora fazer uma narração das mesmas, mas folgamos muito em registrar que alguns irmãos alli teem dado um bom testemunho quando foram provados.

A professora é D. Julia Irwin Torres, viuva do rev. Augusto Torres, sendo um ministro interino nomeado pelo synodo.

**O rev. Godofredo Pope**, doutor em theologia

foi eleito presidente do Synodo da Igreja Lusitana em 1880 e durante 30 annos gosou a confiança e a gratidão de todo o clero e leigos da Igreja Lusitana.

Este douto e infatigavel obreiro não só ensinou theologia a alguns dos pastores da nossa Igreja, mas tambem durante alguns annos ensinou Grego, Latim e Theologia a alguns estudantes que se preparavam para o ministerio sagrado.

Ao dr. Pope a Igreja Lusitana deve principalmente a sua excellente organização e o seu actual desenvolvimento. Foi Presidente d'uma commissão nomeada pelo Synodo para preparar um Livro d'Oração Commum e aos vastos conhecimentos linguisticos e liturgicos d'este senhor se deve em grande parte a compilação da Liturgia usada em nossa Igreja.

Todos depositavam n'elle a mais perfeita confiança, e a influencia moral que exercia, deu á Igreja nascente uma posição respeitavel em Portugal.

Os inglezes (que infelizmente não são promptos a sympathisar com a obra do Evangelho entre os nacionaes) respeitavam um movimento auxiliado pelo Conego Pope, e os Reformadores Portuguezes que partilham da desconfiança nacional de estrangeiros, tratavam-no sempre como um de elles. Quando a interferencia de qualquer outro seria tido como uma impertinencia, a vontade do Conego Pope era sempre respeitada, e a sua presidencia nas reuniões do Synodo sempre asseguravam uma discussão, livre de toda a conversa alheia e um tratamento serio dos assumptos que tinham de ser considerados.

No seu Prefacio ao nosso livro d'Oração commum elle escreveu:

Emquanto á forma do governo escolhemos a Episcopal porque julgamos ser aquella mais conforme á

Sagrada Escripura e á pratica da Igreja primitiva; todavia não queremos condemnar as outras Igrejas Reformadas Christãs que, abraçando a mesma fé essencial, tem adoptado outra forma de governo, e alegramo-nos em ver que os dons do Espirito Santo de Deus são derramados sobre essas Igrejas tambem. Desejamos viver sempre em paz e harmonia com todos os que prégam o Evangelho de Jesus Christo em sinceridade e verdade e rogamos a Deus que por todo e qualquer que seja prégada, a sua benção seja derramada sobre a Sua palavra e que ella abunde para a salvação de muitos crentes.

Conego Pope alegrava-se com os pontos d'união que existem mesmo entre as Igrejas não Episcopaes em lugar de lastimar as suas differenças e chamava a attenção de todos para a unidade da fé como mais importante do que uniformidade de governo.

Este espirito Catholico era caracteristico do Conego Pope que sempre se regosijava em ouvir fallar dos triumphos da Cruz em todas as Igrejas e em todos os paizes. Uma senhora Catholica Romana disse na occasião do fallecimento do Rev. Conego:

«Elle era um Christão que amava o Salvador, e eu amava a elle porque elle amava o Senhor».

Em 1894 o Conego Pope foi eleito Bispo da Igreja Reformada e vamos transcrever as suas proprias palavras sobre esse acontecimento n'uma carta ao Arcebispo de Dublin.

«Quando fui unanimamente eleito Bispo, levantei-me, agradei a todos a minha eleição e disse-lhes que tendo pensado que isto talvez viesse a acontecer, eu, logo que foi conhecida a decisão dos Bispos, tinha pensado sobre os passos que deveria dar no interesse da Igreja Lusitana; que me parecia,

por varias razões que lhes então declarei, que era decididamente melhor que a Igreja tivesse um Bispo nascido no paiz. Frisei-lhes muito a importancia de evitar qualquer coisa que fizesse este movimento parecer como uma implantação Anglicana. Disse-lhes tambem que teria o maior gosto em continuar a trabalhar para o bem da Igreja, tanto advogando a causa da Reforma em Inglaterra como tambem servindo de Thesoureiro, auxiliando a publicação de «O Evangelista» e servindo de membro honorario no Synodo etc. e disse-lhes mais que tinha transmitido a minha decisão a vós e aos outros Bispos e que apesar de toda a consideração e amor da vossa parte para commigo, vós tinheis dito que consideraveis a minha decisão como justa.

Houve então silencio por alguns momentos, todos estavam admirados e tristes, depois levantou-se o Rev. Cândido que fez um discurso pedindo-me com instancia para tornar a pensar sobre a minha decisão, dizendo que emquanto á minha observação que devia ser eleito um Portuguez, se o elegessem a elle, com certeza recusaria. Os Rv.<sup>os</sup> Costa e Torres disseram o mesmo, e o snr. Costa chorou. Foi deveras uma scena commovente e senti-me muito tocado com a amabilidade de todos quando me disseram que depositavam em mim toda a confiança, que eu tinha experiencia, que era conciliador quando surgia qualquer differença, que eu obrava com toda a imparcialidade nas minhas decisões etc. etc. *Todavia persisti em recusar com toda a firmeza, apesar que, confesso, se não tivesse a vossa opinião do meu lado, creio que talvez tivesse cedido, tão fortes eram as suas instancias.*

Finalmente recusaram-se a fazer nova eleição, dizendo que preferiam continuar assim, sendo eu seu

presidente e que esperariam ainda annos, se necessario fosse, até que Deus lhes mandasse outra pessoa idonea para ser o seu Bispo.

Foi proposto que eu tornasse a considerar a minha decisão e que entretanto se officiasse aos Bispos pedindo-lhes que me instassem a acceitar o cargo».

**Seu Trabalho Liturgico.** Todos reconheciam que a Liturgia Anglicana que então se usava não era idonea para a Igreja Lusitana, e durante dez annos o Conego Pope trabalhou na compilação de um Livro de Serviços Divinos para uso dos Reformadores. A Liturgia Anglicana não é inteiramente adequada a todos os tempos e paizes, e em Portugal existia na Igreja Primitiva uma Liturgia bem conhecida como a Liturgia Bracarense.

Ancioso por reter quanto fosse possivel do antigo uso nacional, foram extrahidas muitas orações do Missal Bracarense, mas como a Igreja Romana tinha viciado o Livro, foi necessario rejeitar o que era mau e reter o que era bom e conforme á Escriptura Sagrada. Quem tem frequentado os Serviços Evangelicos em Portugal sabe como os Reformadores apreciam a sua Liturgia que é um dos mais preciosos thesouros n'este genero, e os criticos inglezes louvam muito os seus serviços variados e o seu espirito Evangelico.

Durante muitos annos o Conego Pope trabalhou em preparar este livro, auxiliado por uma commissão de entre os membros do Synodo, e como prova do seu grande cuidado encontramos a traducção dos Psalmos cuidadosamente revista.

O espirito solemne de devoção que reina em todo o livro e o facto das orações serem tiradas de tantos usos differentes, faz com que os crentes quando ado-

ram a Deus se sintam como na companhia dos Santos de todos os seculos.

Pode-se dizer como uma prova do trabalho e espirito de indagação que houve na compilação d'esta Liturgia, que ella contem orações de fontes diversas taes como Bracarense, Mozarabica, Gelasiana, Leonina, Romana, Gallicana, Sarum, Anglicana, Suissa, Allemã, Velha Catholica, etc.

**Dormiu no Senhor** em Abril de 1902 o rev. Dr. Thomas T. G. P. Pope D. D. presidente do Synodo da Igreja Lusitana, Igreja que elle muito amava e á qual dedicava grande parte de seu tempo, seu amor e sua actividade. A sua perda parece-nos irreparavel, elle morreu mas Deus está vivo e pode supprir a sua falta, apesar que a lacuna que elle deixou é muito grande; todavia o poder e a caridade de Deus ainda é maior.

O seu passamento foi profundamente sentido pela colonia ingleza, entre a qual o rev. Pope gosava de muita sympathia, e não menos por muitos portuguezes a quem do coração amava. As suas ultimas palavras foram — *Amor a todos.*

Ha em Lisboa *outra Igreja Evangelica* que foi estabelecida pelo snr. *Manoel dos Santos Carvalho*. Este snr. primeiramente ouviu o Evangelho em 1868 no logar do Bom Successo, cidade do Porto.

Em 1871 foi reconhecido como prégador secular licenciado e colporteur da Igreja Methodista. Em 1874 mudou a sua residencia para Lisboa onde durante mais alguns annos exerceu o logar de ministro interino da Igreja Presbyteriana. Em seguida fundou uma Igreja independente na Calçada do Cascão perto de Santa Apollonia. Este infatigavel Evangelista não só prégua o Evangelho em diversas casas em

Lisboa e seus arredores, mas tambem nas cidades de Setubal, Portalegre, Figueira da Foz, etc., e em toda a parte tem sido muito abençoado por Deus e instrumento em suas mãos a trazer muitos a ouvir e professar o Evangelho.

Pedimos a Deus que a benção do Altissimo seja sempre derramada sobre elle e sobre a sua congregação, e que a sua vida seja prolongada por longos annos.

Na Calçada do Cascão, Lisboa, em Chellas, e na cidade de Setubal ha Escolas muito frequentadas annexas a estas congregações.

**Egreja Methodista no Bairro Estephania.** Em 1898 o evangelista Sr. Julio Francisco da Silva Oliveira principiou a celebrar cultos evangelicos em sua casa, assistindo grande numero de pessoas; porisso no anno seguinte elle alugou para este fim um vasto salão na rua Angra do Heroismo e convidou a Egreja Methodista para tomar posse d'esta missão, sendo o primeiro ministro o Rev. Arthur H. Wilks e o actual desde 1903 o Rev. Thomaz A. Simpson. Segundo a estatistica fornecida pelo mesmo ha 54 membros commungantes, 2 professoras, 98 almos na escola diaria e 136 na escola dominical.

**Na Cidade de Portalegre** no Alemtejo tambem existe desde 1878 uma Egreja Independente que primeiramente reuniu-se na casa do fallecido Jorge Robinson, rico industrial e proprietario d'aquella cidade.

A congregação augmentou e a sala das reuniões era pequena para conter todos os que desejavam assistir ao Culto Divino, por isso o snr. Jorge Robinson comprou um theatro capaz de conter 450 pessoas e converteu o theatro em Templo.

Em 25 d'abril de 1889 foi inaugurado o novo tem-

pto Evangelico e desde aquelle dia têm-se alli regularmente celebrado Cultos Divinos todas as semanas que são bem concorridos.

O snr. Alvaro Robinson, filho do snr. J. Robinson, estudou para o ministerio sagrado e chegou a ser ordenado e principiou a exercer o ministerio na Igreja em Portalegre; mas o homem propõe e Deus dispõe.

Uma mysteriosa Providencia chamou o joven pré-gador para o céu, e a nascente Igreja ficou, e ainda continua, sem ministro. Fervorosamente desejamos que brevemente seja chamada pela familia Robinson outra pessoa para exercer o logar de pastor n'esta Igreja, e especialmente desejamos isto, visto que o terreno se acha preparado, que existe um amplo e appropriado templo, e que a familia Robinson gosa de justa e geral sympathia, pois a cidade de Portalegre é uma das mais liberaes em Portugal.

**A Igreja em Abrantes** foi estabelecida pelo snr. Manoel dos Santos Carvalho em 1902 n'um salão que tem assentos para 180 pessoas.

Ha 17 membros professos, sendo os assistentes em muito maior numero. A União annexa á mesma conta 9 membros e abriu uma escola de instrucção primaria. O evangelista encarregado da congregação foi o snr. Raul Gonçalves.

**Em Figueira da Foz** ha tambem uma missão evangelica que foi estabelecida ha annos pelo infatigavel evangelista Manuel dos Santos Carvalho.

Segundo o **Manual Politico do Cidadão Portuguez** publicado este anno (1906) por Trindade Coelho, existe agora em Portugal e nas ilhas adjacentes nada menos que 55 Igrejas reformadas, 31 Escolas Evangelicas, e 24 Uniões Christãs da mocidade, e 7 Publicações da Igreja reformada, duas das quaes, a

saber “*O Amigo da Infancia*” e “*A Igreja Lusitana*” terem sido publicadas sem interrupção durante um longo periodo de annos.

Para mostrar o desenvolvimento que a Igreja Lusitana já tinha em Lisboa em 1876, vamos fechar este capitulo sobre «**O Evangelho em Lisboa**» transcrevendo o seguinte do correspondente de Lisboa do «*Commercio do Porto*», folha inteiramente insuspeita, de 11 de abril de 1876:

«Uma das questões que mais devem preoccupar os nossos homens publicos e merecer especial estudo dos partidos opposicionistas, que se preparam para apresentar brevemente o programma das suas ideias, dos seus principios e das suas doutrinas, é decerto a questão religiosa.

Esta questão é hoje a questão universal que se debate em todos os paizes e que chega a incommodar os governos desprevenidos e descuidados que não se lembraram a tempo de que havia de chegar uma epocha em que o principio da liberdade da consciencia seria o mote de todos os partidos avançados. Esta epocha é a actual, e faça-se o que se fizer, o principio ha-de triumphar inevitavelmente. Todo o cuidado dos que governam ou possam vir a governar deve ser o de dirigirem as cousas de modo que esse triumpho não custe perturbações e conflictos. Entre nós está-se dando um facto notavel que é ainda pouco conhecido porque a imprensa não se tem occupado d'elle.

Refiro-me aos progressos que vae fazendo a propaganda da igreja reformada. Até á proclamação da republica em Hespanha, podia dizer-se que não havia em Portugal portuguezes protestantes. Hoje já não

é assim. Hoje em Lisboa ha umas poucas d'egrejas d'aquella religião, as suas congregações vão augmentando todos os dias, os officios são muito concorridos e cresce tambem o numero d'alumnos nas suas aulas diurnas e nocturnas.

Temos aqui na capital, a igreja evangelica hespanhola, na rua da Conceição, á praça das Flores, da qual é ministro o rev. Angel Herrero de Mora, padre hespanhol e subdito americano. Esta igreja tem uma congregação mixta de portuguezes e hespanhoes e tem tambem aulas.

Foi n'esta igreja, fundada pelo padre D. João Joaquim da Costa e Almeida, que foram recebidos, ao afastarem-se da igreja de Roma, os padres Henrique Ribeiro e Antonio Ferreira de Miranda, que, bem como o padre Costa e Almeida, se naturalisaram hespanhoes.

O primeiro presbytero que renunciou alli sem querer perder a sua nacionalidade, foi o padre Manoel Antonio Pereira Junior, natural de Villa do Conde.

Este esclarecido padre fundou a igreja evangelica que funciona no becco das Campainhas, á Moeda.

Esta igreja, conhecida pelo nome de S. Paulo, tem character perfeitamente nacional, visto que o seu chefe conservou a sua nacionalidade de portuguez.

Tem esta igreja aula diurna com ensino gratuito para creanças d'ambos os sexos, frequentada por 60 alumnos, e aulas nocturnas para adultos, nas quaes estão matriculados perto de 40 individuos.

Ha n'ella dois serviços ao domingo, um ás 11 horas da manhã e outro ás 7 da tarde, e ás quintas-feiras um serviço nocturno ás 7 horas.

A casa do culto é um salão espaçoso, que pode conter umas 500 pessoas. No fundo do salão está uma

especie d'altar forrado de velludo encarnado, adiante do altar duas estantes e genuflexorios e ao lado o pulpito.

Nas dependencias d'este salão estão as aulas, com capacidade para o grande numero d'alumnos que já tem, não obstante conter apenas 3 mezes d'existencia.

Em S. José de Riba-Mar (suburbios de Lisboa) na quinta da Piedade, propriedade do rev. D. Antonio Teixeira de Miranda, ha outra igreja reformada da qual é ministro o mesmo D. Antonio, hespanhol naturalizado.

Ha tambem alli aulas para ambos os sexos, frequentada, a diurna, por 40 e tantas creanças, e a nocturna por 50 adultos, que alli vão instruir-se dos logares mais proximos.

Esta igreja tem dois serviços no domingo e um á quinta-feira.

Em Rio de Mouro, na estrada de Cintra, ha outra igreja reformada, da qual é ministro o padre Costa. As suas aulas são frequentadas por 70 alumnos.

Ha a notar a circumstancia de que foram estas tres igrejas creadas em janeiro d'este anno, e que apesar das duas ultimas serem dirigidas por presbyteros que se nacionalisaram hespanhoes, tem o character nacional e podem considerar-se, apesar da sua independencia, irmãs da igreja evangelica de S. Paulo, dirigida pelo padre Pereira Junior, cujo culto, doutrina e disciplina seguem e adoptaram.

Na igreja de S. Paulo foi recebido no dia 2 d'este mez, o padre José Nunes Chaves, que fôra capellão da igreja do Loreto, e que não quiz perder a sua nacionalidade.

Proximamente abrir-se-ha outra igreja da qual

será ministro o mesmo padre Chaves, devendo ter também aulas para creanças e adultos.

Pelo que fica dito, vê-se que tem progredido notavelmente a propaganda da igreja reformada em Portugal, e que os poderes publicos do nosso paiz devem attender ás consequencias de que este novo estado de cousas deve necessariamente produzir para as familias.

Ha já uns poucos de casamentos feitos segundo aquella religião, e se para os filhos dos conjuges naturalisados não pôde haver duvidas na questão da successão, por isso que estão sujeitos ás leis dos paizes a que pertencem, não succede o mesmo com os filhos dos paes portuguezes que não seguem a religião catholica apostolica romana, que é a religião do Estado. E bem a proposito vem aqui lembrar um facto que se deu na ultima sessão. O snr. Marianno de Carvalho apresentara uma proposta convidando o governo a publicar em janeiro do proximo anno o regulamento para o registo civil.

O snr. ministro da justiça, quando se tratou de discutir essa proposta, comprometteu-se a apresentar antes de se encerrar a sessão uma proposta de lei para o governo ser authorisado a estabelecer regularmente o serviço do registo, e esse compromisso foi tão solemne e tão reiterado, que o snr. Marianno retirou a sua proposta. Mas como todos sabem, a camara fechou-se sem s. ex.<sup>a</sup> levar a promettida proposta de lei!

Estamos, pois, sem registo civil; temos na Carta um artigo que permite a liberdade de consciencia por isso que declara que ninguem pôde ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado e não offenda a moral publica; por outro

lado, temos o código penal a contradizer essa doutrina; e ao mesmo tempo progride e desenvolve-se a Igreja reformada em Portugal, fazendo-se grande numero de proselytos entre os portuguezes.

Este estado verdadeiramente anarchico não pôde continuar e os homens publicos teem obrigação de contribuir para que elle acabe.

A' propaganda da Igreja reformada devem elles responder com a propaganda da sua Igreja, não com doestos e insultos no pulpito e nos seus jornaes contra os liberaes, mas com a palavra evangelica, verdadeiramente evangelica e principalmente com o exemplo.»

### Fim do capitulo III

## IV

### **A Reforma no Porto**

No anno 1866 dois colporteurs da Sociedade Bíblica pela primeira vez visitaram a cidade do Porto e fixaram a sua residencia em Villa Nova de Gaya.

Entre aquelles que compraram a Sagrada Escripura havia um padre catholico romano então Capellão da Igreja de Mafamude. Este principiou a lèr e explicar o Evangelho durante a primeira missa todos os Domingos e dias de festa. Esta explicação muito agradou a alguns que folgavam em ouvir a palavra de Deus na sua propria lingua, outros porém não gostavam da doutrina exposta e queixaram-se a sua Ex.<sup>a</sup> o Prelado do Porto, que esta pratica fazia a missa demasiadamente comprida. O resultado foi que sua Ex.<sup>a</sup> mandou chamar este sacerdote, intimando-o a não lèr mais o Evangelho, em lingua vulgar e que renegasse a doutrina que tinha ensinado.

Os desejos do Bispo foram inteiramente satisfeitos porque o Capellão não tinha as raizes da fé bem firmes e arraigadas no Evangelho, e receiava ser suspenso se não cumprisse com as ordens recebidas; por isso no Domingo seguinte, em lugar de lèr o Evangelho conforme o costume, mimoseou os seus ouvintes com uma descripção dos erros e excessos em que tinha cahido o Protestantismo pela leitura da Sagrada Escripura, e aconselhou a todos os fieis que recorressem á Santissima Virgem, a *única* que os podia amparar contra os nefastos erros em que os berejes tinham cahido pela leitura do Sagrado Texto. Depois fez um longo panegyrico do poder excelso da sempre Virgem mãe do Salvador.

Disse que ella era «cheia de graça», «bem dita entre as mulheres», «bemaventurada entre todas as gerações», amada por Jesus, que a entregou a S. João Evangelista, dizendo «eis ahi a tua mãe» e que os Apostolos perseveravam unanimemente em oração com Maria mãe de Jesus. (Até aqui o orador andou perfeitamente bem porque ensinou o que se encontra no Sagrado Texto).

Mas continuou que a Santa Virgem estava assentada n'um throno egual, quando não fôsse superior, ao de Jesus, e que ella só nos podia livrar do erro, e continuou, dizendo em palavras que sempre ficaram em nossa memoria, que se a fé catholica não ensinasse que havia tres pessoas na Santissima Trindade elle acreditaria que a Santa Virgem fazia parte da Trindade Divina!!!

Esta novissima doutrina não é só contraria á Sagrada Escriptura que diz «Ha só um Deus e só um mediador entre Deus e os homens que é Jesus Christo homem» I. Timotheo II. 5. «Ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos ceus, na terra e nos infernos.» II. Filippenses II. 10.

Mas ainda mais é contrario ao texto do Concilio Tridentino.

E a ultima supposição é inteiramente contraria á doutrina contida nos Credos dos Apostolos e do Concilio de Nicea.

E' verdade, e folgamos em confessal-o, que os Canones de muitos Concilios e alguns Cathecismos Catholicos Romanos authorisados condemnam a adoração dos santos, a idolatria e o culto ás imagens, porém infelizmente é tambem verdade que todo o clero catholico romano em Portugal e Hespanha longe de combater, sempre toleram e animam o

culto ás imagens que n'este paiz é um dos mais largos rendimentos da Igreja Romana.

N'esta mesma occasião os colporteurs foram presos e processados, accusados de venderem Biblias falsas apesar que estas eram da traducção auctorisada da Vulgata Latina pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo e o mesmo texto auctorisado pelo Cardeal Patriarcha de Lisboa. As Biblias foram remetidas á Camara Ecclesiastica que informou que ellas eram truncadas e falsas por não terem as notas da Igreja.

Apesar d'esta informação que mostra o aborrecimento á Palavra de Deus, os reus foram despronunciados pelos Juizes da Relação do Porto que não quizeram acceitar a tutela da Camara Ecclesiastica, mas reconhecendo os grandes principios da liberdade de consciencia e liberdade de imprensa mandaram os vendedores em paz e recusaram impedir a venda da Sagrada Escriptura.

Para mostrar que o proprio Concilio Tridentino e alguns Cathecismos authorisados approvam e aconselham a leitura da Escriptura Sagrada, condemnam a idolatria e a adoração dos Santos, e reconhecem a validade do Sacramento do Baptismo, mesmo quando administrado por herejes, vamos transcrever os seguintes trechos.

«A leitura da Sagrada Escriptura, e principalmente do Novo Testamento, dos Psalmos, e dos livros de Moral do antigo Testamento, deveria ser a occupação e a consolação ordinaria dos Christãos, que procuram alimentar a sua piedade e não satisfazer á vaidade e á curiosidade. Tal é o espirito e o desejo da Igreja.» (Cathecismo de Colbert bispo de Montpellier, segunda parte, traduzido na lingua portugueza

para o uso do bispado do Porto, impresso em Lisboa no anno de 1770, reinando D. José, com licença da Real Mesa Censoria pagina 49).

«Os mandamentos de Deus assim como se acham no Capitulo XX do Exodo e assim como Deus os deu aos Israelitas pelo ministerio de Moisés são os seguintes:

1.º Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egypto, da casa de servidão: não tereis outro Deus deante de mim; não fareis imagem, nem figura alguma das cousas que estão no Ceu, na terra, ou nas aguas para adoral-as ou servil-as.» (Cathecismo de Montpellier pagina 101).

P.—Quaes são os peccados oppostos ás Virtudes da Religião?

R.—A idolatria, o sacrilegio e a superstição.

P.—Que quer dizer a palavra *idolatria*?

R.—É' uma palavra grega que significa adoração dos idolos.

P.—Que quer dizer a palavra *idolo*?

R.—É' uma palavra grega que quer dizer *imagem*, *figura*, e que se acha determinada nos Livros santos para significar os falsos deuses; porque os Gentios adoravam não sómente as creaturas, mas tambem as imagens, e as figuras d'estas creaturas como nos adverte S. Paulo.

P.—Que cousa é a idolatria?

R.—É' a adoração que se dá á creatura. Deus só deve ser adorado; adorar outra cousa é ser idolatra.

Ora os homens podem ser idolatras de dous modos, interior ou exteriormente.

Ser idolatra interiormente é pôr o seu amor, confiança, e affecto dominante em outra cousa que não seja Deus.

Os Gentios que adoravam os idolos eram interiormente idolatras, porque punham a sua confiança em os seus idolos.

Os que amam o mundo são também de algum modo interiormente idolatras, porque põe o seu amor, confiança e affecto dominante nas honras, riquezas e deleites. A luxuria e avareza são uma idolatria, segundo S. Paulo.

Ser idolatra exteriormente é dar a outra cousa, que não seja Deus, a honra e o culto exterior e soberano, que unicamente lhe são devidos: assim o faziam os Gentios quando se prostravam diante de seus idolos para adoral-os e tributar-lhes as honras divinas...»

P.—E' permittido adorar a Santissima Virgem, os Anjos, ou os Santos?

R.—Não. Porque isso seria idolatria. A Igreja não ensina, não approva, nem tolera uma tal abominação. (Cathecismo de Montpellier pag. 109 e 110)

«Se alguma vez acontecer exprimir, e figurar em presença do povo indouto, as historias e narrações da Sagrada Escripura, quando assim convier; seja instruido o povo, que nem por isso se figura a Divindade, como se pudesse vêr-se com os olhos, ou exprimir-se com figuras ou côres algumas. Toda superstição pois na invocação dos Santos, veneração das Reliquias, e sagrado uso das Imagens seja extinta; todo o lucro sordido, desterrado; toda a lascivia evitada; de modo que as imagens não sejam pintadas com formosura dissoluta, e os homens não abusem da celebração dos Santos e visita das Reliquias para glotonerias e embriaguezes: como se os dias festivos empregados em luxo e lascivia fossem em honra dos Santos. Emfim ponham os Bispos n'esta

materia tanto cuidado, que nada se veja desordenado, transtornado ou posto em confusão, nada profano, nada deshonesto appareça, pois á casa de Deus só convem a santidade». (Concilio Tridentino sessão XXV, nona e ultima em tempo de Pio IV a 3 de Dezembro de 1563).

«Se alguém disser que o baptismo que tambem os Hereges conferem em nome do Pae, do Filho, e do Espirito Santo, com intenção de fazer o que faz a Igreja não é verdadeiro Baptismo: seja excommungado.» (Concilio Tridentino sessão VII do Baptismo, Canon IV).

«Se alguém disser, que o verdadeiro Baptismo devidamente conferido, se deve reiterar n'aquelle que negou a Fé entre os Infieis, quando se converte á penitencia: seja excummungado.» (Sessão VII, Canon XI).

Não commentamos. Só perguntamos aos nossos leitores quaes são aquelles que agora ensinam estas doutrinas que a Igreja Romana authorisava ainda no seculo passado; são porventura os ministros da Igreja Catholica Romana ou são os ministros da Igreja Evangelica?

Algumas pessoas que tinham comprado a Biblia Sagrada e ouvido a explicação do Evangelho pelo Capellão da Igreja de Mafamude, reuniram-se aos Domingos de manhã logo depois da missa para o estudo da Biblia. Nenhum d'elles pensava em sahir do gremio da Igreja Romana, o seu numero era pequeno e é provavel que não teria augmentado tão cedo, se a existencia d'esta Aula Biblica não tivesse sido annunciada do pulpito das Igrejas de Mafamude e Oliveira do Douro.

Na missa conventual e nos sermões da Quaresma foi denunciada a leitura da Sagrada Escriptura, e

aquelles que tinham comprado este livro foram intimados a entregal-o ou queimal-o; todos que tinham frequentado a Aula Biblica foram ameaçados com a excommunhão maior no caso que lá voltassem!

Os inimigos da verdade são sábios, mas tambem se enganam, e d'esta vez assim aconteceu.

A curiosidade publica foi despertada; muitos queriam possuir o livro prohibido, ainda outros desejavam ouvir o que se ensinava na Aula Biblica.

O numero d'assistentes a esta augmentou prodigiosamente, as unidades transformaram-se em dezenas, e as dezenas em centenas.

Então os parochos, temendo que os seus interesses diminuíssem, instigaram os seus amigos, convocaram os reaccionarios, e foram-se queixar ás authoridades ecclesiasticas, administrativas e judiciaes, gritando que a unidade catholica romana estava ameaçada, e a religião em perigo se as Biblias não fossem prohibidas, a aula biblica fechada, trancas e ferrolhos pregados na porta da mesma; emfim que Portugal era um feudo do papa e que todos os evangelicos e maçonicos deviam ser expulsos ou encarcerados!

Actualmente todos sabem que as perseguições por motivos de religião produzem um resultado diametralmente opposto áquelle que o fanatismo — a maior das loucuras humanas — espera conseguir por meio d'ellas. Para negar esta verdade, seria mister rasgar a historia...

As palavras do padre Vieira não se podem considerar suspeitas, e ha já dous seculos que este grande orador sagrado, estranhando que só o clero ficasse estacionario no meio do movimento geral, fazia a tal

respeito esta prophecia : « Se a Egreja não caminhar com o povo, o povo caminhará sem a Egreja, fóra da Egreja, contra a Egreja. »

A intolerancia religiosa póde produzir martyres ou crear hypocritas mas não póde fazer proselytos. A consciencia é livre. Podem atear á vontade as fogueiras dos autos de fé e as torturas da inquisição; mas de todos estes horrores nunca a intolerancia colheu o mais fugitivo triumpho.

A consciencia ficava sempre livre, porque as leis que regem o mundo moral são inalteraveis como as que governam o mundo physico.

A Egreja Catholica póde estar tranquilla. Caminhamos sempre para a luz e quando chegamos ao ponto desejado não haverá de certo em todo o mundo senão uma religião, a verdadeira.

Seguiu-se uma perseguição tão atroz que custa a crêr que estavamos na cidade invicta, o baluarte da liberdade que sustentou um cêrco tão heroicamente contra o exercito e os sectarios do governo reaccionario de D. Miguel.

Narremos alguns factos, mas falta-nos tempo e espaço para contar a decima parte das perseguições e obstaculos que pozeram deante d'aquelles que atelmaram em assistir á Aula Biblica. A maior parte d'estes tiveram medo e, temendo ser apontados como herejes e escolhidos para ser perseguidos, deixaram de assistir ás Aulas Biblicas, mas graças ao Altissimo alguns ficaram firmes e deram um bom testemunho no meio d'estas perseguições.

As pessoas em cujas casas tinham logar a Aula Biblica foram chamadas muitas vezes diante das autoridades e intimadas a não consentir que as Aulas Biblicas continuassem !

Estas responderam que nenhuma lei, decreto ou portaria impedia-lhes o direito de lèr qualquer livro ou cantar quaesquer hymnos, mesmo immoraes que fossem, em sua casa, muito menos a sagrada Escrip-tura, e que era impossivel allegar que a entoação dos hymnos incommodava alguem, porque a casa onde então se reuniam era isolada e retirada de po-voação alguma e para ficar inteiramente dentro da lei (visto que o regulamento sobre a liberdade de associação ainda então não se achava publicado) nunca consentiriam que mais que vinte pessoas se reunissem em sua casa ao mesmo tempo.

Sabiam que tinham por dever respeitar as aucto-ridades, por isso não deixariam de cumprir com qualquer ordem ou intimação que lhes fôsse dada por escripto, mas ao mesmo tempo appellariam su-eriormente contra esta arbitrariedade.

Ainda assim as auctoridades continuaram a amea-çar aquelles que assistiam á Aula Biblica, dizen-do que o seu procedimento estava causando grande escandalo e indignação a todos os bons catholicos romanos, por isso corriam grande risco de serem insultados, roubados, e até assassinados, suas casas queimadas e seus bens confiscados, visto que as auctoridades não dispunham de meios para garantir a protecção, a vida e a propriedade d'aquelles que tinham cahido no desagrado dos parochos.

A estas e muitas outras ameaças os leitores da Biblia responderam que não deixariam de ter as suas reuniões particulares para o estudo da Sagrada Es-criptura a não ser que estas fossem prohibidas por escripto.

Por muitas vezes a auctoridade mandou grande numero de cabos para impedir que as reuniões tives-

sem lugar, e por diversas vezes prenderam aquelles que entravam e sahiam da aula biblica, fechando-os na casa da guarda até ao outro dia, e depois ameaçando-os que seriam processados se lá voltassem.

Por vezes aquelles que foram impedidos pelos cabos a entrar na casa onde tinham lugar as aulas biblicas retiraram-se para um monte e alli escondidos entre os pinheiros ou atraz dos penedos entoaram hymnos, leram a Biblia e ergueram supplicas ao Altissimo.

As perseguições continuaram, muitos foram despedidos de seu trabalho e ficaram durante algum tempo sem meios de subsistencia; ainda outros foram despedidos das casas que habitavam e postos na rua.

Um velho tinha habitado durante vinte e quatro annos na mesma casa cujo jardim tinha transformado d'um deserto n'um pequeno paraizo.

Alegretes, ripado coberto de flôres e casa de fresco tudo feito pelas suas mãos, este jardim era sua alegria, seu passatempo, e seu encanto, mas o senhorio era membro da Associação Catholica e mandou chamar o pobre velho ameaçando-o que não queria um *protestante* por caseiro e que elle tinha de deixar o Evangelho ou a casa! O pobre velho chorou muito por ter de abandonar o jardim, o seu filho predilecto, mas ficou firme e não abandonou a sua fé.

Os colporteurs da Sociedade Biblica foram muitas vezes presos e encarcerados durante alguns mezes; uma vez por dois annos, e até condemnados injustamente contra a lei, contra a razão, contra os principios liberaes garantidos no Codigo fundamental da monarchia, e contra a doutrina expressa n'uma Portaria do governo que auctorisa a circulação da Sagrada

Escriptura publicada pela Sociedade Biblica de Londres.

Por tres vezes, diversas pessoas, a saber: José Gregorio, José Pereira e José Bichão foram presas e encarceradas por quinze dias debaixo do pretexto que não tinham tirado o chapéu a uma procissão que passava por longe.

Um joven foi amarrado com cordas e levado de rasto ao confesso ao Abbade d'Oliveira do Douro, mas este Rev. senhor teve mais sagacidade e mais caridade que os devotos perseguidores, e disse que a penitencia era um sacramento de vontade e não podia confessar alguém á força ou contra a sua vontade.

Ainda a outro rapaz grande foi negado o sustento por seus paes até que passasse a hora da Aula biblica, tentando d'esta maneira afastal-o do Evangelho, mas com a graça de Deus ficou firme.

No anno de 1868 o Rev. Angelo H. de Mora visitou Villa Nova de Gaya e administrou o sacramento da Sagrada Communhão n'uma casa particular a cinco pessoas.

Este acto despertou a attenção dos ultramontanos e a perseguição continuou com maior força. Falsas testemunhas foram procuradas e depozeram que este sacramento foi administrado n'uma rodella de nabo! Ainda outras depozeram que os frequentadores da Aula Biblica eram desordeiros, blasphemavam da religião, deitavam abaixo imagens sagradas e insultavam e escarneciam os ministros da religião.

Essas accusações eram tão futeis e tão destituidas de fundamento que os açosados não tomaram a sério o processo que formaram, nem ao principio trataram de se defender.

Uma ordem de prisão foi feita contra um mancebo,

administrador d'uma fabrica, mas o regedor Manoel da Rocha Romariz, a quem a ordem foi dada, negou-se a prender o mancebo, dizendo que muito mais depressa se demittiria do cargo de regedor do que prendel-o.

O mesmo regedor escreveu uma carta que foi lida no processo que se formou no 2.º Districto criminal, dizendo que tinha procurado o tal administrador da fabrica em toda a parte mas que não o encontrava, por isso suppunha que elle estava homiziado ou ausente!

Contamos este facto apenas para mostrar a repugnancia que havia da parte d'algumas autoridades em perseguir aquelles cujo unico crime era lêr a Biblia em lingua vulgar.

Só algumas semanas depois da ordem de prisão é que este mancebo foi preso na occasião em que ia á cidade conforme o seu costume invariavel. Prestou fiança d'um conto de reis e no dia 23 de novembro de 1868 foi julgado e condemnado em seis annos de desterro de sua patria, o que para elle seria uma morte moral e aniquilamento de seu negocio.

O advogado do reu o afamado jurisconsulto Alexandre Braga considerou que a accusação era um completo fiasco e ligou tão pouca importancia a este processo, pensando que era inteiramente impossivel uma condemnação na cidade invicta do Porto n'uma questão de liberdade de consciencia, que elle não duvidou sahir do tribunal no meio do julgamento para defender outra questão no tribunal commercial.

Depois da condemnação do reu este eminente advogado despertou-se e conseguiu que a Relação do Porto annulasse o processo por causa das muitas informalidades que continha; e no dia 21 de Ju-

nho de 1869 o reu foi novamente julgado perante o mesmo juiz dr. Costa Rebello.

A sua defesa foi feita eloquentemente e magistralmente pelo snr. Alexandre Braga e quando o digno juiz perguntou ao reu se elle tinha mais alguma cousa a dizer em sua defesa, elle apenas disse: «que nada tinha feito contra as leis de Deus ou dos homens e a sua consciencia de nada o accusava e se pelo contrario elle tivesse faltado ao cumprimento d'alguma lei não pedia para ser absolvido mas queria ser condemnado.»

Graças a Deus o jury pronunciou o seu veredictum «não está provado» e o reu foi absolvido.

O grande principio da liberdade de consciencia foi mantido.

A Deus seja dada toda a honra e soberania pela tolerancia e liberdade que hoje gosamos.

O reu foi accusado no libello «de ter no anno de 1867, feito por differentes vezes reunir varios individuos em sua casa, para injuriar, como effectivamente injuriou em objectos do seu culto a religião do reino, catholica apostolica romana, e de ter pelo mesmo tempo propagado doutrinas contrarias aos dogmas catholicos, tentando fazer conversões para uma religião reprovada pela egreja catholica.»

Contrariando, o reu allegou em sua defeza o seguinte :

Que nunca injuriára a religião do Estado, antes resava em sua casa o credo, o padre-nosso e o cantico da Virgem, rogando a Deus pelo bem-estar da egreja catholica, de S. M. el-rei o snr. D. Luiz I e dos bispos e padres.

Que não convidára pessoa alguma para assistir ás suas devoções, nem em sua casa se ensinava

outra doutrina que não fosse a contida na Sagrada Escripura auctorisada e approvada pela egreja catholica apostolica romana, como se via no respectivo exemplar que apresentava na audiencia.

Que, cantando hymnos em louvor da Santissima Trindade, estudando a Sagrada Escripura em sua propria casa com sua familia e amigos, não faltava ao respeito devido á religião do Estado.

Outro meio de perseguição e que effectivamente conseguiu afastar alguns de professar o Evangelho, foi pôr obstaculos e levantar conflictos na occasião d'algum obito, ameaçando que os *protestantes*, (appellido que deram a todos que protestaram contra as innovações de Roma,) não seriam enterrados em qualquer cemiterio ou pelo menos não seriam sepultados na sua freguezia.

Estas perseguições não fizeram mal algum aos fallecidos mas causaram grande afflicção e consternação ás suas familias.

As leis civis concedem a todos o direito de serem enterrados na sua freguezia e o artigo 13.º do decreto de 21 de Setembro de 1835 diz: «O parochou ou qualquer ecclesiastico beneficiado que desde que o cemiterio estiver designado e benzido consentir que algum cadaver seja enterrado dentro dos templos ou fóra do cemiterio, será por esse simples factu privado do beneficio, e ficará inhabil para obter outro.»

Ainda mais: «A circumstancia de haver sido negada a alguem a sepultura ecclesiastica não authorisa o parochou a fazer sepultar o cadaver fóra do cemiterio publico, porque a sepultura ecclesiastica no sentido restricto consiste nas ceremonias religiosas, e estes actos religiosos que o parochou

póde negar segundo os canones são inteiramente distinctos do acto civil do enterramento no cemiterio.. d'onde resulta que procede abusivamente a authoridade ecclesiastica quando impede o enterramento no cemiterio a titulo de que o fallecido morreu impenitente e fóra do gremio da egreja.»

Nada mais justo e razoavel.

Porém visto que os chamados *protestantes* n'aquelle tempo eram pobres e sem influencia, os parochos negaram-se a cumprir a lei, e as authoridades administrativas por vezes não fizeram caso, outras vezes adiaram a questão, e ainda algumas vezes tomaram o partido dos parochos, dando ordem que os *protestantes* fossem enterrados fóra da freguezia com o pretexto de não haver ainda uma parte reservada para os acatholicos.

Narraremos alguns factos entre muitos outros identicos.

Uma creança de seis semanas d'idade falleceu na freguezia de Mafamude em Maio de 1870, o parochou recusou que a creança fosse enterrada no cemiterio, por isso o pae remetteu o anjinho para o cemiterio de Agramonte, mas lá tambem o capellão recusou receber o cadaver, sendo este recolhido por caridade em casa do snr. Manoel dos Santos Carvalho, então morador no lugar do Bom Successo! Só no quinto dia depois do fallecimento, o governador civil tendo conhecimento do caso, mandou sepultar o cadaver no cemiterio de Agramonte! Pode-se imaginar a afflicção dos paes d'este anjinho.

Um velho lavrador morador ha muitos annos na freguezia de Mafamude, morreu depois de uma curta doença. O parochou negou-lhe a sepultura, com

o pretexto que não tinha pago os direitos de parochiano, mas realmente porque algumas pessoas de sua familia eram *Protestantes*. Os filhos do defunto levaram o cadaver para o cemiterio de Agramonte aonde foi d'esta vez promptamente sepultado. Semanas depois, o parochio convenceu-se que effectivamente o velho lavrador era bom catholico e conseguiu que seu cadaver fosse desenterrado e enterrado de novo em outra parte! Mas estes impedimentos, o sepultal-o longe da sua freguezia e desenterral-o de novo, tudo causou afflicção e desgosto aos doídos.

Falleceu em Oliveira, Maria de Jesus, viuva de um official do nosso exercito. O Administrador do concelho ordenou que o cadaver fosse sepultado no cemiterio geral d'esta freguezia. O sahimento funebre foi de dia, sendo o cadaver acompanhado até á sepultura pelo rev. capellão da Igreja Evangelica e por differentes pessoas filiadas n'este rito. No longo transito que o prestito percorreu nem uma chufa, nem um dito atrevido foi dirigido ás pessoas que o compunham. Com prazer registramos este facto. Prova elle que o povo das aldeias tantas vezes alcunhado de ignorante e atrevido, apesar de não haver chegado ainda a um elevado grau de civilisação, sabe comtudo respeitar as crenças dos outros.

Annos depois morreu na mesma freguezia Manuel Duarte Junior, e d'esta vez o rev. parochio oppoz-se a que o cadaver fosse sepultado no cemiterio da freguezia, mas o digno Administrador, dr. Castro Portugal foi pessoalmente a Oliveira acompanhado d'uma força armada, e mandando abrir o portão de ferro do cemiterio fez que a lei se cumprisse e o cadaver fosse lá enterrado.

Infelizmente este digno Administrador nem sempre mostrou a mesma energia em obrigar os parochos a cumprir a lei, dando sepultura aos parochianos dentro do cemiterio de sua freguezia, e muitos crentes evangelicos residentes nas freguezias d'Oliveira e Mafamude foram obrigados a enterrar os seus mortos no cemiterio de Agramonte quasi uma legua de distancia.

Um crente evangelico Sebastião Ferreira falleceu na freguezia de Mafamude. O digno e zeloso administrador do concelho era então o Dr. Ferreira Augusto que mandou que o cadaver fosse enterrado na freguezia de Mafamude, mas o parocho encomendado, agglomerou graade numero de *devotos* que á força tentaram obstar que o defunto fosse lá enterrado e ainda mais, conseguiu que o rev.<sup>mo</sup> Bispo do Porto telegraphasse ao governo, dizendo que havia grave conflicto na freguezia de Mafamude por causa do administrador do concelho ter dado ordens que o cadaver d'um *protestante* fosse enterrado no cemiterio d'aquella freguezia e que o conflicto só se evitaria dando ordens em contrario! Effectivamente vieram ordens de Lisboa ao Governador Civil para que o cadaver fosse sepultado fóra da freguezia e uma força numerosa de soldados da guarda municipal foi mandada para acompanhar o enterro!!

Algumas creanças filhas de evangelicos foram por algumas vezes enterradas no cemiterio geral de Mafamude e de Oliveira do Douro, por ordem das authoridades administrativas e em conformidade com a lei, mas sempre houve impedimento da parte dos parochos que algumas vezes chegaram a esconder o coveiro e foram precisas ordens terminantes do

administrador do concelho para que o coveiro apparecesse e a cova fosse aberta!

Ainda algumas vezes os parochos congregaram os seus freguezes depois da missa conventual, dizendo que o cemiterio estava profanado por causa de se achar lá sepultado um *protestante* de poucas semanas d'idade e que era mister benzer de novo o cemiterio! Jesus disse: «Deixae vir a mim os pequeninos». S. Marcos X, 14. Os parochos pelo contrario dizem que as creancinhas profanam os cemiterios!

Qual tem razão?

Emfim, depois de tantas perseguições e tantas scenas pouco edificantes, em 1894 a digna camara municipal de Gaya, então presidida pelo muito diguo e illustre cidadão, o fallecido Jayme Teixeira da Motta e Silva, mandou cumprir as ordens já ha muitos annos dadas por diversos governadores civis do Porto e separou um quarteirão dentro do cemiterio de Mafamude para os não-catholicos romanos.

Esperamos que este acto de justiça e esta separação no cemiterio, necessaria para satisfazer os escrúpulos de consciencia dos rev.<sup>os</sup> parochos, porá termo a tantas scenas dolorosas que teem dilacerado o coração das familias evangelicas na occasião de perderem algum membro de sua familia.

Na freguezia de Santa Marinha muito folgamos em dizer que *nunca* houve conflicto ou impedimento por parte dos parochos para impedir a sepultura dos *protestantes*. Honra lhes seja feita por sua tolerancia a este respeito.

Manoel de Pinho Soares, membro da Egreja Evangelica em Villa Nova, mas residente ha annos na freguezia de Macieira, concelho de Cambra, foi pessoalmente obrigado a abrir uma cova n'um monte,

onde enterrou sua sogra e sua mulher, porque o parochio negou dar-lhes sepultura no cemiterio da freguezia e o administrador do concelho não quiz obrigar o parochio a cumprir a lei!

Já dissemos que a auctoridade administrativa tinha prohibido a Aula Biblica debaixo do pretexto que esta era uma sociedade illegal que tinha por fim propagar doutrinas heterodoxas e contrarias á religião do reino, catholica, apostolica romana.

No anno de 1868 os crentes resolveram edificar uma Capella sem forma de templo tanto no interior como no exterior, e cercada por um muro de maneira que os transeuntes não podessem vêr a Capella da via publica.

A razão porque edificaram um templo não foi porque julgavam que Deus ouviria melhor as suas orações em casa feita para este fim do que em qual-quer outra; pelo contrario, sabiam que Deus pode ser adorado em toda a parte, (S. João IV, 21-24) mas elles desejavam ficar inteiramente ao abrigo da Carta Constitucional, art. VI que diz que todas as religiões serão permittidas *em casas para este fim destinadas*.

Edificaram o templo sem fórma alguma exterior de Capella, não porque julgavam que Deus pode ser adorado melhor em uma casa simples do que em casa apropriada, pelo contrario julgavam que a casa de Deus deve ser a mais bonita e a mais elegante possivel, mas visto que a Capella do Torne era o primeiro templo do rito reformado em Portugal destinado para nacionaes, julgavam que era mais prudente que este fosse feito dentro dos limites da lei, ~~sem~~ fórma alguma exterior de templo.

Folgamos muito em dizer que todos os fins que

tinhamos em vista edificando uma capella foram preenchidos.

Convenceram-se os crentes que o culto reformado tinha agora um aspecto mais independente e permanente.

As auctoridades conheceram que estavamos dentro da lei como cidadãos portuguezes, adorando a Deus segundo o Evangelho em uma casa para este fim destinada e edificada.

Os proprios desordeiros sempre respeitaram a Capella do Torne e alli *nunca* houve os tumultos, desacatos e a assuada que houve depois em outras casas de oração. Graças sejam dadas ao Altissimo!

Alguns annos depois, Deus mandou um forte temporal que derribou o muro alto que cercava a Capella do Torne. O muro foi concertado mas não reedificado, de maneira que a Capella já não ficava vedada aos olhos do publico.

Alguns annos depois foi preciso proceder a algumas obras no exterior da Capella, então a frente foi levantada e uma cruz de pedra alli collocada para mostrar que esta era uma casa de oração do rito christão. Ainda depois foi levantada uma torre pequena e alli collocado um relógio, para que toda a vizinhança pudesse vêr, ouvir e conhecer as horas do dia.

No mez de Outubro do anno de 1868 o Rev. H. H. Richmond, ministro evangelico methodista, visitou o Porto e obsequiosamente dedicou a Capella do Torne ao serviço de Deus, prégando duas vezes, administrando o Sacramento da Sagrada Communhão a alguns christãos, e administrando o Sacramento do Baptismo a uma creança que recebeu o nome de Ethelinda Jessie.

Durante mais que um anno houve alli oração todos os Domingos á tarde na lingua ingleza.

A oração era celebrada na Capella do Torne afim que esta fosse conhecida e por assim dizer, ganhasse posse como templo destinado ao culto evangelico, e a lingua ingleza era empregada para tentar evitar *ao principio* a ira e as perseguições do clero e outros que tanta opposição mostraram á leitura e prégação da Sagrada Escripura na lingua vulgar.

Em 1869 depois da absolvição de algumas pessoas que foram julgadas *pelo crime* de propagar o Evangelho, recebemos a visita do rev. Pires, portuguez de nascimento e então ministro evangelico na America, e este senhor obsequiosamente prégo e administrou a Sagrada communhão, usando o rito e a Liturgia da Egreja Episcopal, mas com esta excepção, não houve prégação do Evangelho na Capella do Torne na lingua vulgar até á primavera de 1870.

Desde Novembro de 1868 até Junho do anno seguinte a Aula Biblica foi suspensa. Em julho de 1869 foi começada de novo mas com character inteiramente particular, pois ainda se receiava que se esta fosse publica as portas da Aula Biblica seriam fechadas e a prégação do Evangelho outra vez prohibida.

Em Março de 1870 os crentes estavam lendo o capitulo IX de S. Marcos, e quando chegaram ao verso 22 «Se tu pódés crêr, tudo é possível ao que crê», resolveram pôr aquelle texto por obra e que no domingo seguinte o Culto Divino tivesse logar na Capella do Torne.

Na sexta feira d'essa semana estavam reunidos em oração para pedir a benção Divina sobre a prégação do Evangelho no proximo domingo, quando se recebeu uma parte telegraphica do rev. Antonio

de Mattos, portuguez de nascimento e então residente em Lisboa, dizendo que elle chegaria a Gaya n'aquella mesma noite, e offerecendo-se para prégar no domingo seguinte na Capella do Torne. Effectivamente Deus respondeu ás orações dos crentes porque desde aquelle domingo até hoje, os cultos teem continuado sem interrupção alguma e sempre tem havido socego e respeito, factos estes que devem encher de gratidão e jubilo o coração de todo o crente.

O rev. Antonio de Mattos não se demorou muitos mezes em Villa Nova de Gaya porque uma molestia aguda o obrigou a procurar allivio de seus padecimentos em outro clima, mas a sua estada aqui foi muito abençoada por Deus, não só em animar os crentes em Gaya, mas ainda em principiar a prégação do Evangelho na cidade do Porto.

Foi alugado um amplo salão na rua da Fabrica, então Praça de Santa Thereza, aos Ferros Velhos, e alli deu-se principio á prégação do Evangelho, mas alguns *fanaticos* auxiliados por uma grande multidão de povo baixo, assaltaram o salão por diversas vezes, apagavam as luzes, partiam vidros, quebravam bancos, gritavam, fazendo grande vozearia e assuada, que queriam vêr o *ídolo* que os protestantes adoravam!

Mas o rev. Antonio de Mattos era cidadão americano porque tinha residido durante alguns annos nos Estados Unidos, e foi protegido pelo consul d'aquella nação, o snr. James Fletcher e pelo ministro dos Estados Unidos residente em Lisboa, apesar que este ultimo era catholico romano.

O resultado d'este tumulto foi que Antonio da Costa ministro do reino, do ministerio presidido

pelo Marquez de Saldanha, não só publicou um decreto concedendo a liberdade de associação e reunião, mas ainda mandou ordens ao governador civil do Porto, ordenando-o que protegesse os Cultos Evangelicos porque Portugal era terra livre e que todos, tanto nacionaes como estrangeiros, estavam no direito de adorar a Deus conforme os dictames das suas consciencias.

Ainda depois que o Rev. Mattos se retirou do Porto, os fanaticos e desordeiros tentaram impedir a prégação do Evangelho, provocando tumulto e ameaçando todos, tanto senhoras como homens que entravam ou sahiam do Salão onde tinha lugar o Culto Evangelico; mas sempre fomos protegidos pelas auctoridades que mandaram cabos de policia não para perseguir e prender os crentes e impedir a prégação do Evangelho, (como tinha acontecido em Villa Nova), mas pelo contrario para garantir a liberdade de reunião e facilitar a entrada a todos que quizessem assistir ao Culto Divino segundo o rito da Igreja Reformada.

Por este tempo uma senhora, D. Frederica Smith que costumava dirigir uma pequena Aula Biblica, unicamente para mulheres, em sua propria casa, convidou a mesma pessoa que dirigia a Aula Biblica em Villa Nova de Gaya, para prégar o Evangelho em uma sala proxima á sua casa no lugar do Bom Successo, freguezia de Cedofeita, cidade do Porto.

Elle promptamente annuiu ao convite d'esta senhora.

O Culto Divino tinha lugar todas as segundas-feiras á noite com boa frequencia e muito socego; e alguns homens e mulheres sahiram da Igreja Romana e professaram o Evangelho, sendo um dos pri-

meiros o snr. Manoel dos Santos Carvalho, zeloso prégador do Evangelho e actualmente pastor da Igreja Evangelica no Cascão, cidade de Lisboa.

A prégação do Evangelho no lugar do Bom Successo continuou muitos annos n'um salão amplo e muito appropriado, sendo o pastor o snr. José Jones.

E' com prazer e gratidão que registramos aqui o nosso eterno reconhecimento á «Wesleyan Missionary Society» que, sabendo que haviam crentes na cidade do Porto, ovelhas sem pastor, obsequiosamente e desinteressadamente veio em nosso auxilio, enviando aqui o Rev. Roberto H. Moreton, natural de Buenos-Ayres.

Como este senhor fallava bem hespanhol, que era a sua lingua natal, apprendeu com muita facilidade o nosso idioma, e dentro em poucas semanas prégou o seu primeiro sermão.

O Rev. Moreton é muito, e justamente estimado, tanto por nacionaes como por estrangeiros, entre os quaes tem alcançado a estima geral.

Mas melhor ainda, a Igreja Methodista presidida por este senhor tem sido muito abençoada por Deus, e muitos teem alli professado o Evangelho.

Devido aos esforços do Rev. Moreton foi edificado em 1876, quasi no centro da cidade do Porto um bonito templo Evangelico no largo do Coronel Pacheco com as suas competentes Escolas e casa para o porteiro.

Este templo tem capacidade para 220 adultos sem fallar no grande salão escolar, nos baixos. Foi inaugurada em 25 de Março de 1877, e desde esta data, favorecida por Deus, a obra tem progredido sempre com resultados lisongeiros. Mais tarde foi preciso construir, nas trazeiras, duas salas para as escolas

primarias, e sobre estas, foi edificado um salão para 150 pessoas, para uso da União Christã Feminina e outras reuniões de character festivo.

Ha 110 membros commungantes filiados, e 228 alumnos nas escolas. Esta Igreja é o centro d'uma importante obra de evangelisação.

A Igreja Methodista tem ramificações em Massarellos, Lordello do Ouro, e Monte Pedral. Tem dois ministros e sete prégadores seculares.

O ministro coadjutor é o Rev. Alfredo H. da Silva, mancebo muito talentoso que tem sabido reunir em si o amor á Biblia e á patria, a caridade christã e o brio nacional.

Fazemos votos para que elle continue a ser sempre muito abençoado por Deus e um instrumento em Suas mãos para trazer muitas almas ao Salvador.

Em 1880 quando foi organizada a Igreja Lusitana governada por um Synodo nacional inteiramente independente de qualquer Igreja ou authoridade estrangeira, a congregação do Torne por voto unanime de seus membros, resolveu unir-se á Igreja Lusitana que acceita em toda a sua inteireza e pureza a fé Catholica e a ordem Apostolica da Igreja primitiva conforme foi acceite pela antiga Igreja Bracharense durante muitos seculos, e regeitando todas as innovações de Roma moderna.

Esta congregação augmentou de maneira que na primitiva Capella não havia lugar para todos que desejavam assistir aos Officios Divinos, por isso em 1893 foi principiada a edificação d'outro templo muito maior e mais elegante, sendo a planta e os desenhos da mobilia feitos pelo Rev. Dr. Pope então presidente do Synodo da Igreja Lusitana a quem tributamos

o nosso reconhecimento pelo grande auxilio que nos prestou.

O primeiro presidente do Synodo tambem doou a esta congregação uma bonita pia baptismal feita de pedra marmore de Mafra.

O *novo templo de S. João Evangelista*, feito principalmente a expensas d'um particular e assim chamado em memoria do muito caritativo negociante d'esta praça o fallecido snr. João Cassels, foi dedicado ao Culto Divino em 15 de abril de 1894.

Esta Igreja tem assentos para 330 pessoas mas muitas vezes durante os Officios Divinos da Semana Santa, na Festa das Colheitas e ainda na occasião das Conferencias que teem lugar n'este templo, não só estão todos os lugares cheios, mas ficam muitas pessoas em pé.

Os serviços divinos são celebrados pelo menos tres vezes cada semana, sendo a maior parte dos assistentes differentes a cada serviço, por isso o numero d'aquelles que frequentam o culto n'esta igreja com mais ou menos regularidade não póde ser inferior a 500 pessoas.

Ha 140 membros commungantes, sendo a Sagrada Eucharistia celebrada todos os domingos.

Outras congregações no Porto e em Gaya foram em parte formadas por membros d'esta congregação, com que muito nos folgamos.

Muitos teem mudado de residencia e já não são considerados como membros d'esta congregação, outros teem emigrado para as nossas possessões na Africa, ou para a America, e n'aquellas terras longinquas teem mostrado a luz do Evangelho.

A maior parte d'aquelles que assistem ao culto divino são artistas e suas familias, e folgamos muito

com isto, pois «aos pobres é annunciado o Evangelho», porém os ouvintes não são exclusivamente de uma só classe da sociedade, pelo contrario grande numero de senhoras, medicos, advogados, officiaes do exercito, militares e empregados publicos assistem frequentemente aos officios divinos, e muitos que são conscienciosamente catholicos romanos não só frequentam este templo bastantes vezes, mas até enviam as suas offertas na occasião da festa em acção de graças pelas colheitas.

Desejamos render humildes graças ao Altissimo pela maravilhosa mudança que temos visto durante os ultimos quarenta annos.

A Deus seja dada toda a honra, poder e soberania pela liberdade de consciencia que agora gosamos em nossa querida patria, e pelo augmento que tem havido na prégação do Evangelho.

O nosso fim em prégar o Evangelho *não é converter homems a qualquer opinião ou doutrina theologica, não é convidar alguem para abandonar um rito ou fórma de adorar a Deus para abraçar outro*, que julgamos mais conforme com o uso da igreja primitiva, mas o nosso fim é prégar Christo crucificado. «Quando eu fôr levantado da terra, todas as coisas attrahirei a mim mesmo». (S. João XII. 32).

O nosso desejo é que todos abandonem as obras carnaes e produzam os fructos do Espirito, e por isso nunca deixaremos de implorar a graça do Santo Espirito que é o unico que pôde converter os homems das trévas á luz do Evangelho.

O anno passado o dinheiro recebido pela junta parochial em quotas, collectas e donativos foi de 1:180\$435, mas isto é muito inferior ao que é preciso para custear todas as despesas da igreja e escolas,

por isso convidamos quem lêr estas linhas para nos auxiliar com um donativo grande ou pequeno, conforme Deus o tiver abençoado e conforme estiver em seu coração, porque Deus ama ao que dá com alegria.

Além dos cultos publicos n'esta egreja ha:

*Aulas Biblicas* de manhã e de tarde aos Domingos, sendo aquella regularmente frequentada por 200 crianças e tambem por muitos adultos.

*Culto Evangelico* todos os Domingos á noite em diferentes casas particulares.

*Classe de Costura* em auxilio de missões aos pagãos uma vez por semana.

*Ensaio de Musica e Hymnos* 3 vezes por semana. Ha um *Gabinete de Leitura* por artistas, onde estes podem ler jornaes e livros.

Todos os mezes teem lugar uma reunião para Preces, Acção de Graças e Testemunho dedicada aos membros da Liga de Esforço Christão, sendo frequentada por 40 membros e geralmente animada.

A Liga Juvenil tem uma reunião para Oração uma vez cada semana, quando cada alumno repete um texto da Biblia de cór. A frequencia é de 36 crianças de ambos os sexos.

Convidamos todos os crentes que desejem trabalhar no Evangelho, a ensinar na Aula Dominical, ou, a nos ajudar nos Cultos Evangelicos, ou, a assistir aos ensaios e auxiliar os Côros com as suas vozes, porque ha muita necessidade de obreiros na vinha do Senhor.

**Um seminarista.** — Nos annos 1894 e 1895 alguns estudantes do Lyceu e da Escola medica Cirurgica assistiram por vezes aos Serviços Divinos n'esta egreja e um d'elles ficou muito impressionado com aquillo que ouviu, especialmente n'uma Conferencia

sobre Missões na China quando fallou o rev. Guilherme Cassels, agora Bispo da China occidental, e que se verificou no dia 16 de Dezembro de 1894. Depois de fundar os preparatorios no Lyceu Central do Porto entrou no Seminario diocesano d'este bispado, onde quasi acabou o curso, mas como a sua consciencia repugnava sugeitar-se ao juramento que tinha de fazer antes de tomar ordens, depois de uma lucta terrivel na sua alma, sahiu do seminario em Julho de 1898 e pouco depois pediu para ser admittido na congregação de S. João Evangelista.

Augusto Nogueira, assim se chamava o ex-terceiranista do seminario expoz com muita modestia mas ao mesmo tempo com fervor e franqueza os motivos que o induziram a abandonar a carreira ecclesiastica na Igreja Romana para professar o Evangelho com toda a sua simplicidade e pureza e disse: Que o estudo da Historia e sobretudo a leitura da Sagrada Escripura tinha-lhe mostrado os erros, superstições e innovações de Roma, e que depois de uma terrivel lucta interna e muita oração resolveu sahir da Igreja Romana.

Em Agosto de 1899 na occasião que grassava a peste na cidade do Porto, o snr. Nogueira commetteu a grave falta de abandonar a sua cadeira de professor, retirando-se para a casa dos seus paes que viviam n'uma aldeia obscura cerca de 8 legoas d'esta cidade.

Em Dezembro de 1899 houve uma grande desgraça em sua casa, morrendo repentinamente tres pessoas de sua familia, quebrando elle uma perna e ficando gravemente enfermo e entrevado durante 20 mezes.

Sar. Nogueira tem-nos dito muitas vezes que co-

nheceu n'esta afflicção a mão de Deus, «porque o Senhor castiga ao que ama; e açouta a todo o que recebe por filho» Hebreus, XII, 6, e diz que Deus serviu-se d'este meio para lhe mostrar o erro que tinha feito em sahir da Igreja Evangelica.

Em Maio de 1901 logo que pôde fazer uma jornada com bastante difficuldade, veio a Gaya visitar o ministro de sua congregação, confessar o seu erro, e pedir perdão.

Por morte de seus paes snr. Augusto Nogueira tinha ficado senhor de uma pequena herdade e podia ter vivido modestamente na sua aldeia, mas o seu desejo era prégar o Evangelho, por isso em 1903 logo que estava restabelecido pediu para ser admittido no Curso Theologico estabelecido em Villa Nova de Gaya sem receber subsidio algum.

Nos annos de 1904 e 1905 muitas vezes veio de sua aldeia de propósito para assistir ao Serviço Divino e algumas vezes fez a pratica nos Côros Evangelicos com geral acceitação.

No principio do anno de 1906 depois que D. Maria Amalia da Silva, muito zelosa professora de quem temos as mais gratas recordações casou-se e foi para a cidade do Pará, Snr. Nogueira foi nomeado professor da escola do Torne, lugar que tem exercido com proficiencia e habilidade e por algumas vezes tem feito Conferencias religiosas no Salão parochial onde tem dado provas de ser um bom orador e sempre é ouvido com agrado por um numeroso auditorio.

Snr. Nogueira tem contado os tropeços e obstaculos que encontrou da parte dos parentes, amigos e superiores, e que nunca poderia ter resistido a não ser amparado com a protecção Divina, mas que auxiliado com a graça do Espirito Santo esperava con-

tinuar firme e triumphar sobre os inimigos carnaes e espirituaes.

Sabemos que o snr. Nogueira não contou a metade das difficuldades e perseguições a que está sujeito um padre ou seminarista quando deseja professar o Evangelho em toda a sua pureza; por isso pedimos a todos os nossos irmãos que orem fervorosamente ao Altissimo para que elle continue firme até ao fim da sua carreira.

**União Christã da Mocidade.**—No anno 1895 foi fundada em Villa Nova de Gaya uma União Christã da Mocidade tendo a sua séde na sala parochial que lhe foi cedida pelo ministro da Egreja de S. João Evangelista. Seu principio foi bem modesto, mas quando o Snr. Joaquim Pinto da Conceição foi eleito presidente em 1897 ganhou novas forças avigorando-se, por isso depois de ser edificada a Capella-Escola no Prado em 1904, o ministro cedeu-lhe gratuitamente o uso d'um amplo Salão pensando que teria alli maior campo para alargar as suas operações.

O primeiro presidente na sua nova séde foi o Rev. Manoel Gonçalves de Souza, depois o Snr. José Pereira Martins, e em seguida o Rev.<sup>do</sup> André B. Cassels.

No anno 1906 a União novamente mudou a sua séde para uma casa perto da Capella do Bom Pastor, obsequiosamente offerecida pelo presidente, aonde, permitta Deus que continue a ter largos annos de vida.

No dia 5 de Novembro de 1906 o rev.<sup>mo</sup> William Edward Collins D. D. Bispo de Gibraltar professor de Historia Ecclesiastica, King's College London, presidente da Sociedade de Historia Ecclesiastica e um dos bispos mais eruditos da Communhão Anglicana dignou-se visitar as Capellas do Redempçor e de S.

João Evangelista. N'esta ajoelhou-se diante do altar orando durante algum tempo, e em seguida visitou as escolas e o Salão Parochial onde obsequiosamente dignou-se ouvir lêr uma mensagem que lhe foi entregue pela junta parochial. Eis a mensagem:

Rev.<sup>m</sup> Pae em Deus,

Os membros da congregação de S. João Evangelista em Villa Nova de Gaya muito penhorados e jubilosos agradecem a vossa veneranda visita a esta insignificante congregação.

Somos pobres em bens e despidos de sabedoria, todavia já chegou ao nosso conhecimento os grandes beneficios que v. ex.<sup>ca</sup> rev.<sup>m</sup> tem derramado sobre a Igreja Catholica não só como Presidente da «Church Historical Society», mas tambem como prelado de uma diocese enorme e importantissima.

Somos pequenos e humildes, mas resolutos e firmes na Fé Catholica e Ordem Apostolica, e (por motivos alheios á nossa vontade) fomos obrigados a separar-nos da Igreja Romana por causa de suas innovações modernas e das condições illegaes de communhão impostas por aquella Igreja, mas em companhia de todas as congregações e todos os membros da Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica, desejamos manter intacto em toda a sua inteireza e pureza a doutrina catholica da Igreja primitiva e unida, a ordem Apostolica e tambem os usos da antiga igreja Bracharense, durante muitos seculòs independente do jugo estrangeiro de Roma.

Não pretendemos fundar uma nova religião; que-remos (como reza o Prefacio da nossa Liturgia) sómente expurgar a religião christã das corrupções seculares, reivindicar as liberdades da primitiva Egre-

ja Lusitana, e diffundir por toda a nossa patria uma doutrina que seja Catholica e Apostolica, n'uma Igreja portugueza, e independente, mas não romana.

E' evidente que n'esta obra não podemos prescindir dos homens e dos seculos que nos tem precedido, Hespanha, a parte oriental da peninsula ibérica teve o seu rito proprio e nacional; e Portugal teve tambem o seu, posto que não fosse tão distincto como o Mozarabe. D'este antigo rito portuguez restam ainda vestigios na Liturgia e nos usos da Igreja Bracharense.

O nosso Livro d'Oração Commum não é uma composição nova mas quasi na sua totalidade transcripto d'outras antigas Liturgias, especialmente da Bracharense, da Mozarabe, da Gallicana, da Romana, da Anglicana, etc. Os seus hymnos de louvor, as suas orações mais sublimes, não pertencem sómente a uma igreja qualquer, são herança commum do Christianismo.

Somos poucos, fracos e frageis, mas confiamos em nosso unico Salvador e Mediador Jesus Christo e não cessaremos de supplicar ao Altissimo para que a vossa veneranda pessoa seja conservada durante muitos annos para proveito de suas ovelhas e da christandade em geral, e humildemente:

Pedimos a v.<sup>a</sup> ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> a graça de nos lançar a benção apostolica.

Villa Nova de Gaya, 5 de Novembro de 1906.

Segue-se as assignaturas do ministro e dos membros da Junta Parochial.

O Ex.<sup>mo</sup> e Reverendissimo Bispo de Gibraltar dignou-se responder n'estas palavras: Tenho muito sympathia com a Igreja Lusitana C. A. e E. e folgo muito por ter este ensejo de visitar algumas das vos-

sas Igrejas. Ouvi com o mais vivo interesse a mensagem que me entregastes, que foi tão claramente lida, (que apesar de ser estrangeiro) comprehendí tudo e concordo inteiramente com a doutrina exposta na mesma. Aconselho-vos a nunca criticar ou atacar aquelles que tiverem opiniões contrarias ás vossas, e affirmo, se continuardes firmes na fé e conservardes intactos os usos da antiga Igreja Catholica, exarados na Liturgia e Canones da Igreja Lusitana, e sobre tudo se manterdes a organização Catholica, o caracter nacional, as antigas liberdades e a independencia da vossa Igreja, então com a Benção Divina, esta planta pequena tornar-se-ha uma arvore grande produzindo abundantes fructos (S. João XV, 5), e sereis respeitados pelos vossos irmãos em outros paizes e ramos da Santa Igreja Catholica.

Sempre seguirei com interesse o movimento da Igreja Lusitana e tenho prazer em vos lançar a Benção Apostolica.

O bispo dignou despedir-se pessoalmente dos membros da Junta Parochial e de muitas outras pessoas presentes.

Foi com muita gratidão ao Altissimo que ouvimos as palavras consoladoras do Rev.<sup>mo</sup> Bispo, especialmente no que disse a respeito do caracter nacional da Igreja Lusitana.

**Capella-Escola do Prado** ás Devezas, Villa Nova de Gaya. — Como no lugar das Devezas que dista cerca de um kilometro e meio da Capella de S. João Evangelista ha uma numerosa população operaria, e não existia alli nenhum templo Christão de qualquer rito, e como tambem vagueavam pelas ruas bandos de creanças sem instrucção (porque a professora da unica escola official alli apesar de muito

zelosa não podia admittir nem a metade d'estas creanças na sua escola) um ministro da Igreja Lusitana concebeu a ideia de edificar uma Capella-Escola no logar das Devezas. No anno de 1900 conseguiu comprar um campo em boas condições e tractou immediatamente de levantar um edificio que pudesse servir de succursal á Igreja de S. João Evangelista.

A empreza foi muito custosa por diversas razões, sendo uma ser preciso edificar o templo sobre estacas de pinheiro, visto não se encontrar alicerce em terra firme.

O edificio consiste em um templo, pequeno com assentos para 180 pessoas; as paredes interiores e janellas são adornadas com pinturas representando diversas passagens da Sagrada Escriptura, textos, e emblemas christãos muito bem executados e sobre a Sagrada meza acha-se uma vitrina magnifica, uma das melhores em Portugal, representando Christo a Luz do Mundo batendo á porta do coração. Esta vitrina tem sido admirada por todos os que visitam a Capella.

No mesmo edificio ha duas amplas Salas de Escola, uma para cada sexo, bem ventiladas em boas condições hygienicas, e um **amplo salão** que foi emprestado gratuitamente á União Christã da Mocidade aonde depois o Rev.<sup>do</sup> Dr. João Harden ensinou os estudantes do curso theologico assim como tambem uma casa de habitação para o professor.

Este edificio foi feito á custa de um ministro com intenção de doal-o á Igreja Lusitana, mas reservando os direitos do usufructo e gerencia durante a sua vida.

Logo que esta Capella foi edificada, em maio de 1901 o ministro da Igreja de S. João Evangelista con-

vidou o Rev.<sup>do</sup> André B. Cassels para se encarregar dos Serviços Divinos n'uma noite de cada semana, ao que elle muito obsequiosamente annuiu, havendo geralmente muito boa assistencia, até que em 1905 foi principiado um serviço religioso na freguezia da Magdalena, e então a prégação na Capella do Prado á Sexta-feira foi suspensa.

Em 1904, logo que o Rev.<sup>do</sup> Dr. Harden pôde prégar em nossa lingua, o ministro da Capella de S. João Evangelista convidou este erudito professor a exercer o lugar de Capellão da Capella do Prado emquanto elle ficasse em Portugal. O Rev.<sup>do</sup> Dr. João Harden B. D. muito obsequiosamente annuiu a nosso pedido, o que, segundo a nossa opinião, foi proveitoso para o desenvolvimento de novos préadores do Evangelho debaixo da direcção de tão habil professor, mas a assistencia de fieis aos Officios Divinos nos Domingos tem infelizmente continuado a ser escassa.

● **Rev.<sup>do</sup> Manoel Gonçalves de Souza.** — ex-conego *doutoral* da Sé de Loanda em Agosto de 1900 resignou espontaneamente a curadia da freguezia de Lordello na diocese do Porto e pouco tempo depois affiliou-se na congregação de S. João Evangelista. Em 40 de Novembro do mesmo anno uniu-se nos santos laços do matrimonio com D. Julia Adelaide Bizarro da Silva. O competente registo civil conforme as leis d'este paiz teve lugar na administração do bairro oriental do Porto e a cerimonia e benção religiosa na Capella de S. João Evagelista, sendo padrinhos o Rev.<sup>do</sup> Alfredo H. da Silva, ministro evangelico e snr. Antonio Julio de Souza Oliveira, negociante da cidade do Porto.

O Rev.<sup>do</sup> conego Souza nunca foi ministro da

Egreja Lusitana, mas obsequiosamente prégou algumas vezes em Gaya. No seu 1.º sermão no Dom. 16 de Dezembro de 1900 começou por dizer que dava graças ao Altissimo por ter abandonado os erros de Roma para abraçar as doutrinas sublimes e verdadeiras e a luz pura da Sagrada Escriptura.

Disse que não podendo fallar de todos os novos dogmas e innovações de Roma, fallava da Cónfissão Auricular, das Indulgencias e do celibato do clero; e comparou o ensino de Roma moderna com o ensino de Jesus, dos Apostolos e da Egreja Primitiva, citando grande numero de textos biblicos e trechos dos padres dos primeiros seculos para provar o que affirmava.

O rev. Sousa que era um orador sagrado de certa fama na Egreja Romana e prégou em muitos pulpitos na cidade de Lisboa, deu próvas de dotes oratorios muito apreciaveis.

Nunca nos esqueçamos de pedir ao Altissimo que elle seja todos os dias renovado pela sabedoria divina e a graça do Espirito Santo, sem a qual ninguem pode resistir os dardos inflammados do maligno e dos seus satellites.

A capella estava perfeitamente cheia, ficando muitas pessoas de pé por falta de lugar nos bancos.

Em Maio de 1901 foi nomeado professor da nova Escola do Prado, lugar das Devezas.

Foi eleito presidente da União Christã da Mocidade estabelecida n'aquelle lugar, e muito assiduamente trabalhou na confecção dos novos estatutos que foram approvados durante a sua gerencia.

Em Outubro de 1902 o Rev. Souza, por motivos particulares e desgostos na familia, resignou a sua cadeira de professor e emigrou para as ilhas do Ca-

bo Verde e depois para S. Thomé aonde ainda reside empregando-se no commercio.

Informam-nos que tem lá feito algumas conferencias sobre o Evangelho.

Julgamos ser util e muito interessante publicar n'este opusculo uma carta que foi dirigida pela junta parochial da Igreja de S. João Evangelista ao Rv.<sup>mo</sup> Eduardo Herzog D. D. bispo da Igreja Antiga Catholica na Suissa, pedindo informações a respeito das Associações de Jovens n'aquelle paiz modelo.

Tambem publicamos a resposta que aquella eminente authoridade ecclesiastica muito obsequiosamente dignou enviar-nos, e que está repleta de fraternidade e sympathia Christã para com a Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica.

Ao *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo*

*da Igreja Antiga Catholica* **SUISSA**

Reverendo Pae em Deus:

Os membros da Junta da congregação de S. João Evangelista da Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica tem lido dos progressos da Igreja Antiga Catholica na Suissa, do grande zelo com que tem combatido pela fé da Igreja Primitiva e Unida, das muitas difficuldades que tem encontrado na sua lucta heroica contra os dogmas do Vaticano, e dos triumphos obtidos sobre o Ultramontanismo pela benção do Altissimo.

Bem sabemos que pedir qualquer informação é abusar da muito conhecida bondade de Vossa Reverendissima e roubar o seu tempo precioso, mas animados com a muita delicadeza e affabilidade com

que o congresso Velho Catholico recebeu o Rev.<sup>mo</sup> Lord Plunket Arcebispo de Dublin e o Rev.<sup>mo</sup> D. Juan Cabrera, Bispo da Igreja Reformada em Hespanha (então Bispo eleito) ambos representantes das Igrejas na Peninsula Iberica em 1892 na cidade de Lucerne, e conhecendo as resoluções tomadas n'aquelle importante Congresso repletas de caridade e fraternidade christã para com outras Igrejas nacionaes que, mantendo a mesma fé catholica da primitiva Igreja «tem todavia direito para determinar o seu modo de pensar e obrar independentemente de «qualquer influencia estrangeira e na administração «ter em conta os costumes nacionaes e as differenças de educação e trações.»

Humildemente pedimos a Vossa reverendissima a graça de nos dar algumas informações a respeito das Uniões Christãs e das Sociedades de Esforço Christão que existem na Suissa.

Pedimos a Vossa Reverendissima o favor de nos informar se as Uniões Christãs da Mocidade são inteiramente independentes da Igreja Velha Catholica ou se não subordinadas á Igreja?

Tambem pedimos o favor de nos informar se existem entre vós Sociedades ou Ligas de Esforço Christão, e no caso affirmativo se estas Ligas são sempre irmandades filiadas em uma certa congregação sendo realmente uma parte integral d'ella, conforme acontece em outros paizes e sendo sempre o presbytero o presidente nato da Liga?

Pedimos estas informações porque as Uniões Christãs da Mocidade e as Ligas de Esforço Christão tem tido ultimamente muito desenvolvimento entre nós.

A Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evan

gelica é humilde e por emquanto pequena, mas firme na Fé Catholica e Ordem Apostolica; possui apenas sete Templos, sete Escolas, com cêrca de mil alumnos, tem sete congregações organisadas, quatro missões e pouco mais que mil membros, e foi obrigada a separar-se da Igreja Romana por causa de suas innovações modernas e condições illegaes de communhão impostas por aquella Igreja, mas mantém intacta em toda a sua inteireza e pureza a doutrina catholica da Igreja primitiva e unida, a ordem Apostolica, e tambem os usos da Antiga Igreja Bracharense, durante muitos seculos independente do jugo estrangeiro de Roma.

Não pretendemos fundar uma nova religião; queremos (como resa o Prefacio da nossa Liturgia e os Canones, que tomamos a liberdade de offerecer a Vossa Reverendissima) expurgar a religião christã das corrupções seculares e reivindicar as liberdades da primitiva Igreja Lusitana, e diffundir por toda a nossa patria uma doutrina que seja Catholica e Apostolica, n'uma Igreja portugueza, independente, mas não romana.

E' evidente que n'esta obra não podemos prescindir dos homens e dos seculos que nos tem precedido. Hespanha, a parte oriental da peninsula ibérica teve o seu rito proprio e nacional; e Portugal teve tambem o seu, posto que não fosse tão distincto como o Mozarabe. D'este antigo rito portuguez restam ainda vestigios na Liturgia e nos usos da Igreja Bracharense.

O nosso Livro d'Oração Commum não é uma composição nova mas quasi na sua totalidade transcripto d'outras antigas Liturgias, especialmente da Bracharense, da Mozarabe, da Gallicana, da Romana, da

Anglicana, etc. Os seus hymnos de louvor, as suas orações mais sublimes não pertencem sómente a uma Igreja qualquer, são herança commum do Christianismo.

Somos poucos, fracos e frageis, mas confiamos em nosso unico Salvador e Mediador Jesus Christo, e não cessaremos de supplicar ao Altissimo para que a vossa veneranda pessoa seja conservada durante muitos annos para proveito de suas ovelhas e da christandade em geral, e

Humildemente pedimos a V. Ex.ª Rev.ª a mercê de responder á nossa humilde carta e ao mesmo tempo imploramos a graça de nos lançar a benção apostolica.

Villa Nova de Gaya, 31 de Março de 1907.

O Thesoureiro,

*João Guedes*

O Secretario,

*José Pereira Pina Cabral*

Os vogaes,

*José Teixeira da Fonseca*

*Alberto Armindo d'Almeida*

*Frank Jobling*

*Bernardino Francisco Ferreira*

O Presbytero,

*Diogo Cassels*

Resposta do Bispo da “Igreja antiga Catholica”, na Suissa.

Berne.—23 d’Abril 1907.

Caro e respeitavel irmão no Senhor,

A expressão de sentimentos fraternaes de que vossa carta me dá uma prova tão preciosa, commoveu-me muito e agradeço-vos sinceramente.

As vossas communicações confirmaram o que o Comité Central da vossa Igreja teve a bondade de me escrever em nome do vosso Synodo.

Emquanto ás sociedades sobre as quaes desejaes obter algumas informações, devo primeiro dizer que não temos na nossa Igreja Uniões que tenham por nome sociedades d'Esforço Christão. Aqui na parochia de Berne por exemplo temos as sociedades seguintes:

I. **Sociedade de senhoras** com 143 membros, tendo por fim obras de caridade.

II. **Côro mixto** com cerca de 50 membros, fim: cantar canticos liturgicos a 4 vozes.

III. **Sociedade de Catholicos ante-clericaes** com 157 membros, fim: conferencias publicas, reuniões familiares.

IV. "**Constantia**" sociedade de jovens catholicos christãos com 35 membros, fim: instrucções sobre os principios da nossa Igreja, e manutenção de relações amigaveis.

V. "**Catholica**", sociedade de estudantes catholicos christãos, sobre tudo dos que estudam na nossa Faculdade de Theologia na Universidade de Berne.

VI. **Commissão de propaganda**, composta de homens e senhoras espalhados nos differentes quarteirões da cidade; fins: angariar meios para os correligionarios que carecem d'auxilio.

Ha sociedades semelhantes a estas em *todas* as parochias principaes. Estas sociedades tem de tempos a tempos assembleias geraes. Assim teremos breve uma festa dos côros mixtos á qual devem assistir 600 a 700 coristas.

Na Igreja *protestante* da Suissa ha um grande numero de Uniões Christãs de jovens, mas estas não tem relações officiaes com a nossa Igreja.

**As nossas sociedades de jovens** que contem

cerca de 1:000 membros são em toda a parte sob a superintendencia e a direcção dos ecclesiasticos, mas permittimos-lhes em geral uma perfeita independencia, e os presidentes são eleitos pelos proprios associados. A administração livre é para os jovens uma boa escola para aprenderem a governar-se a si mesmos.

A nossa igreja inteira insiste muito em sua autonomia. *Está claro que deixamos de muito boa vontade a cada Igreja irmã a mesma independencia.*

Porisso eu creio que fazeis muito bem em manter a vossa tradição nacional. As Igrejas nacionaes sempre tiveram os seus ritos especiaes, nenhuma auctoridade estrangeira tem o direito de os supprimir.

Muito lhe agradecerei querendo mandar-me um exemplar da vossa Liturgia, e de vossos canones.

Faço votos mui sinceros para que Deus abençõe toda a vossa Igreja. Possa ella vir a ser o fermento de uma reforma religiosa e ecclesiastica no vosso bello paiz.

Recebei as expressões de meus sentimentos fraternaes e dedicados.

(assignado) Eduardo Herzog. Bispo.

*Outra carta*

Berne. = 25 d'Abril 1907-

Querido e respeitavel irmão no Senhor,

Acabo de receber o livro liturgico que tivestes a bondade de me enviar, o qual eu muito agradeço, e terei muito gosto em tomar conhecimento do seu contheudo.

Peço licença para enviar um exemplar do nosso Livro d'Oração e de Canticos.

Talvez não saibaes que as nossas parochias se encontram na sua maioria na Suissa allemã, e por

esta razão o nosso culto é celebrado na lingua allemã.

A edição franceza da nossa Liturgia acha-se esgotada presentemente, por isso enviar-vos-hei um exemplar em allemão.

Repetindo a expressão dos meus sentimentos fraternaes, peço-vos para acceitar as minhas cordeaes saudações.

(assignado) Ed. Herzog.

Bispo

Depois da nossa carta com data de 31 de Março não tornamos a escrever, mas o Reverendissimo Bispo da «Egreja Antiga Catholica» na Suissa depois de ter recebido o *Livro de Oração Commum*, os *Canones da Egreja Lusitana*, um pamphleto e jornaes com a historia da nossa Egreja, dignou-se ainda escrever-nos outra carta com data de 11 de Maio, na qual elle diz: «E' com a mais profunda satisfação que li tudo o que fizeram o favor de me remetter e não encontrei coisissima alguma que não seja tambem ensinada pela nossa egreja. Fiquei tambem admirado em tomar conhecimento da excellente ordem que tendes estabelecido na administração tanto interna como externa da vossa egreja»...

«Desde o principio temos sempre procurado evitar discussões theologicas. Nós não discutimos as decisões dos Concilios Eucumenicos, mas simplesmente temos tomado em consideração que estas assembleias eram dos representantes da Egreja não dividida. Nós conservamos a fé da Egreja indivisa, e estamos tão longe como vós de qualquer veneração supersticiosa das imagens.»

**O VII Congresso da Egreja Antiga Catho-**

**Hica**, teve lugar na cidade de Haya, Hollanda nos dias 2, 3, 4 e 5 de Setembro de 1907. O pastor da Igreja de S. João Evangelista annuindo aos amaveis convites do «Comité préparatoire» e do Rev.<sup>mo</sup> Bispo Eduardo Herzog D.D. foi assistir ao congresso. Apesar de ir apenas como visitante e amigo e não como representante official do Synodo, foi recebido com muita sympathia, e por duas vezes foi muito obsequiosamente convidado a tomar um logar ao lado dos bispos, obsequio que muito agradecemos, porque o consideramos como prova de fraternidade christã para com a Igreja Lusitana. No ultimo dia do congresso o presbytero mais antigo de nossa Igreja, ao convite do presidente da mesa fez uma pequena allocução da qual extrahimos o seguinte: «Desejo aproveitar esta occasião para agradecer a S.<sup>a</sup> Eminencia o Arcebispo de Utrecht, ao Rev.<sup>mo</sup> Bispo de Haarlem, ao Rev.<sup>mo</sup> Dr. E. Herzog Bispo da Igreja Antiga Catholica na Suissa e tambem ao *Comité Préparatoire* a honra que me fez, e o amavel convite que me enviou, para assistir a este Congresso Internacional, que tem sido para mim um grande privilegio.

Seria improprio e até ridiculo n'um simples e obscuro presbytero da Igreja Lusitana Catholica Apostolica e Evangelica atrevêr-se a dizer coisissima alguma que podesse ser considerado como elogio d'esta assembleia composta de tantos reverendos e muito respeitados padres na fé, mas peço-vos para perdoar o meu atrevimento, permittindo que do fundo de meu coração offereça humildes e sinceras acções de graças ao Nosso Unico Senhor e Salvador Jesus Christo, que as Antigas Igrejas Catholicas na Hollanda, Allemanha, e Suissa teem sido instrumentos nas

mãos do Altissimo a trazer mais perto a realisação da Oração de Christo, a unidade do Christianismo: «Para que todos elles sejam um». S. João XVII, 21.

A Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica é pequena mas «*Deo Gratia*,» vae progredindo. Ha actualmente sete Igrejas organisadas em templos proprios e espaçosos, e mais cinco missões, um total de doze congregações.

O nosso ritual não é tão faustoso nem tão complicado como o vosso na Hollanda, mas desejamos manter intactas a antiga fé catholica e a ordem apostolica, a unidade na certeza, a liberdade na duvida e a caridade em tudo, e creio que o nosso muito amado Bispo Herzog que tem examinado a nossa Liturgia e os nossos canones confirmará o que acabo de proferir. Confieemos em Deus, pois esperamos que um dia sejam removidas as difficuldades e que um bispo possa ser eleito e consagrado para a Igreja Catholica reformada em Portugal.

Agradeço-vos sinceramente a vossa bondade e amabilidade para commigo. *Adeus!* e, (como o pastor mais antigo me disse hontem) confio que todos nós nos encontraremos no céu pelos merecimentos de Nosso Salvador Jesus Christo, «a Esse gloria na Igreja por todas as gerações e pelos seculos dos seculos. Amen».

O Rev<sup>mo</sup> Bispo Herzog respondeu em termos extremamente sympathicos e fraternaes para com a Igreja Lusitana.

**Oliveira do Douro.** — Em abril de 1907 alguns membros da Liga de Esforço Christão annexa á Igreja de S. João Evangelista iniciaram umas conferencias evangelicas n'esta freguezia em casa de José Soares d'Oliveira, escrivão do Tribunal do Commercio, e de

Arnaldo Moreira, barbeiro, ambos ex-alunos da escola do Torne, e pouco depois 83 pessoas, na maior parte paes de familia, todas residentes na freguezia de Oliveira pediram a creação d'uma escola alli. Um grupo de esforçadores, prometteram pagar o aluguel de uma sala espaçosa em boas condições hygienicas e mobilal-a. O rev. José Maria Leite Bonaparte obsequiosamente offereceu-se para ser o professor da escola, e o digno presidente do Synodo approvou este offerecimento e auctorisou a creação da escola, que foi inaugurada com uma sessão solemne no dia 6 de Outubro de 1907.

Permitta Deus, que esta nova escola e casa de oração seja muito abençoada pelo Altissimo em proveito da instrucção tanto de adultos como de crianças, e para a edificação de muitas almas.

A *Escola do Torne* acha-se estabelecida em dois predios pertencentes á igreja de S. João Evangelista. N'esta escola ha uma aula infantil, aulas de instrucção primaria para o sexo masculino e feminino, aula de instrucção secundaria e aula nocturna, sendo estas frequentadas por 250 alumnos ao todo.

Desde o anno de 1883 os alumnos d'esta escola teem tido as seguintes approvações: Em instrucção primaria elementar, 333; admissão aos lyceus ou instrucção primaria do 2.º grau, 231; instrucção complementar, 2.º grau, 17; instrucção secundaria e especial, 263; magisterio primario, 14.

Alguns d'estes são professores n'esta escola, e outros professores em diversas escolas publicas e particulares.

Total: 858 approvações em exames publicos, que dá uma média de 34,3 por anno, e pelo menos ou-

tros 860 alumnos sahiram da escola, sabendo lêr, escrever e contar, mas por diversos motivos não fizeram exame.

Muitos alumnos e ex-alumnos d'esta escola são agora empregados commerciaes e publicos, outros são artistas, negociantes e officiaes do exercito, dous são ministros da Igreja Luzitana, e outros dous estudantes esperam um dia receber ordens sacras.

Esta Escola é sustentada em grande parte por um particular, mas é publica para todos que queiram frequental-a. Segue se á risca o programma official e são adoptados os livros aucthorisados superiormente.

O *Templo do Redemptor* foi edificado em 1882 a expensas d'um particular. E' bem situado, perto do jardim de S. Lazaro, na cidade do Porto, e tem assentos para 270 pessoas. Foi inaugurado no dia 15 d'abril de 1883, prégando o rev. padre Guilherme Dias, primeiro ministro d'esta congregação que sempre fez parte da igreja Lusitana.

Pouco depois foi edificada uma casa d'escola onde foram inauguradas aulas d'instrucção primaria.

Durante os primeiros annos a congregação foi muito numerosa, mas em 1892, quando o rev. Dias resignou o logar de ministro e se retirou para o Brazil, a congregação tinha diminuido.

Em 1894 o snr. Frederico Flower foi licenciado como prégador e ministro secular d'esta igreja, e em 1901 foi instituido Diacono. Desde aquelle tempo a congregação que era então bastante reduzida, tem crescido em numero, assiduidade, respeito, e crêmos tambem em graça diante do Senhor.

Devido aos esforços do snr. Flower foi edificada uma casa ampla para escolas d'ambos os sexos e para habitação do porteiro. Existem agora 44 mem-

bro commungantes, uma congregação de 150 pessoas, e 120 creanças d'ambos os sexos nas escolas. Muito sentimos que as obrigações seculares d'este zeloso ministro o impedem de receber ordens de presbytero.

A Igreja do Redemptor tem estabelecido Conferencias Biblicas no Largo da Povoá, onde muitas pessoas assistem semanalmente á prgação do Evangelho.

*Egreja do Bom Pastor, Candal, Villa Nova de Gaya.* Em 1883 foi edificada á custa do Snr. André B. Cassels uma casa d'escola ampla e espaçosa que foi inaugurada em Fevereiro de 1884 e n'esta sala foram celebrados cultos divinos todos os Domingos. Em 1886 o mesmo Snr. André B. Cassels edificou inteiramente á sua custa o templo do Bom Pastor que tem assentos para 250 pessoas.

Este templo foi dedicado ao Culto Divino em 6 de Janeiro de 1887.

Em 1889 a congregação do Bom Pastor foi formalmente organizada, elegeu uma junta parochial e um representante ao synodo e aggregou-se á Igreja Lusitana. Em 1891 o Snr. A. B. Cassels foi instituido diacono pelo arcebispo de Dublin, Irlanda, e em Junho de 1895 recebeu ordens de presbytero que lhe foram conferidas pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. D. Juan Bautista Cabrera, venerando Bispo da Igreja Hespanhola, tomando parte n'este solemnissimo acto, impondo as mãos sobre o ordenando juntamente com o Bispo, os presbyteros Thomaz G. Pope D. D, Diogo Cassels e Augusto Torres.

A Escola do Bom Pastor annexa ao templo é frequentada por 250 alumnos d'ambos os sexos e sustentada quasi exclusivamente pelo muito zeloso

ministro d'esta Egreja. Esta contem 87 membros comungantes.

E' com o maximo prazer e gratidão ao Altissimo que registamos aqui o facto que os Cultos Divinos, as Aulas Biblicas, ensaios de musica e as reuniões para oração são muito bem concorridos. A congregação é computada em 350 pessoas.

Esta Egreja Evangelica é a unica na península hispanica onde o Serviço Divino é inteiramente coral, sendo as respostas na Lithurgia todas cantadas por um côro numeroso e bem ensaiado d'ambos os sexos.

Annexa a esta Egreja ha uma forte, bem organizada e muito desenvolvida União Christã da Mocidade do sexo feminino dirigida pela Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. May Cassels presidente da mesma.

O ministro d'esta congregação, auxiliado por alguns membros, tem feito missões evangelicas em diversos logares normalmente na freguezia de Magdalena e nas cidades de Guimarães e Vianna, e não obstante algumas perseguições tem sido geralmente bem recebidos, sendo a prégação do Evangelho frequentada por grande numero de pessoas.

## CAPITULO V

**A Organização da Igreja Luzitana Catholica Apostolica e Evangelica como Igreja Catholica e Nacional em Portugal.**— Roma não é infallivel, pelo contrario na idade media e até na moderna augmentou dogmas e introduziu usos e ritos não conhecidos na Igreja primitiva dos primeiros sete Concilios Eucumenicos.

Sem duvida, durante a idade media, grande numero de abusos se tinham introduzido na disciplina e no mechanismo da sociedade catholica romana.

O celibato do clero, a venda escandalosa das indulgencias, e os abusos na confissão auricular levantaram celeumas e provocaram protestos em todos os paizes.

Houve sempre homens grandes e virtuosos que luctassem contra esses abusos, mas nem sempre conseguiram modera-los e mormente vencê-los. Na epocha dos concilios de Constança e de Basilêa, os ultimos concilios sinceros e livres que a historia ecclesiastica memora, sorriu para a igreja uma esperança de reforma, mas em breve essa esperança desvaneceu-se. Os abusos adquiriram novo vigor quando o renascimento veio substituir as tendencias christãs pelas tendencias pagãs, e se tornaram possiveis papas como Alexandre VI e Leão X, mais devotos da trindade de Momo, Venus e Baccho que da trindade evangelica. Assim tornou-se indispensavel uma reforma que felizmente se effectuou em varios paizes mas no centro da Europa, especialmente na Allemanha, Suissa e França não foi acompanhada pelos bispos que na sua grande maioria collocaram-se contra a reforma, contra o povo e contra a liberdade religiosa. A

reforma no centro da Europa desprovida do governo hierarchico tomou uma feição revolucionaria rejeitando a successão e a ordem apostolica, a liturgia catholica e os costumes da igreja primitiva.

Na Suecia e Noruega porém foi conservada a hierarchia ecclesiastica que se julga de instituição Divina.

Na Inglaterra felizmente conservou-se não só a successão apostolica e a liturgia catholica em grande parte, como também os usos e ritos da igreja primitiva dos sete concilios eucumenios, mas na igreja anglicana houve divergencia entre os eruditos theologos a respeito do 2.º concilio de Nicea A. D. 787.

No seculo XVII a Reforma Catholica na França foi abraçada por 4 bispos, muitos presbyteros e grande numero de leigos. A alma d'esta reforma foi Cornelio Jansen, celebre theologo que nasceu em Akkoi, Hollanda, depois professor de theologia na cidade de Bayonne, França, onde elle se tornou eminente no estudo das Escripturas Sagradas e nas obras de S. Agostinho, o mais erudito theologo da Igreja primitiva. A obra prima de Cornelio Jansen foi *Augustinus* onde elle inculcou as doutrinas evangelicas; a predestinação, a omnisciencia de Deus, e a salvação de graça só pelos merecimentos de Jesus, e onde também condemnou toda a especie de idolatria, mariolatria e superstição, e protestou contra as innovações do Jesuitismo.

Os jansenistas foram muito perseguidos na França, e todos que não quizeram renunciar as suas opiniões foram expulsos no reinado de Luiz XIV. Muitos refugiaram-se na Hollanda onde encontraram um asylo, e durante dous seculos conservaram, não sem difficuldade, a successão apostolica e a pura doutrina evangelica, mas isolados e separados do

resto do Christianismo o seu numero que primeiramente era de centenas de milhares tornou-se cada vez mais diminuto até que no anno de 1870 contava apenas seis mil almas.

A promulgação das novissimas e monstruosas doutrinas, da Immaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria, e da infallibilidade papal motivaram um novo protesto da parte da igreja catholica reformada na Hollanda, mas depois que esta igreja estendeu as mãos para ajudar os seus irmãos na Allemanha, Suissa, e Austria conferindo-lhes o dom do episcopado e consagrando varios bispos, a benção divina tem redundado na sua propria casa e de novo *tem augmentado muito* em numero, desenvolvendo uma vida e força até então desconhecidas.

A Igreja oriental (catholica grega) nunca acceitou as innovações de Roma moderna e quando o papa Leão XIII publicou uma carta encyclica na qual elle convidou a Igreja orthodoxa, Catholica e Apostolica de Christo para se unir ao throno papal, esta igreja respondeu nos seguintes termos: «A Igreja Oriental não tem cessado de mostrar á igreja papal pelos seus escriptos e cartas encyclicas que emquanto ella continua em suas innovações, toda a ideia de união não passa de uma coisa vã e vasia... Para a realização d'este piedoso desejo é necessario definir a base e ponto de partida e estes não podem ser outros senão o ensino do evangelho (como unica base da fé) e dos sete concilios eucumenicos. A igreja oriental está prompta a acceitar tudo, (no caso de ainda não acceitar) que as igrejas oriental e occidental acceitaram em commum antes do seculo IX.» Esta resposta foi assignada na residencia patriarchal de Constanti-

nopla no mez de Agosto e no anno de salvação de 1895 por treze bispos da egreja catholica grega.

As Egrejas Historicas, isto é, todas as Egrejas Orientaes, e as Egrejas Episcopaes no Occidente, não regeitam nenhuma tradição, rito ou cerimonia, só pelo facto de ser antigo ou adoptado pela Egreja Romana; pelo contrario, procuram seguir os modelos antigos, pondo de parte o que parece mau, e conservando o que é bom e Biblico.

E acceitam as decisões dos sete primeiros Concilios Eucumenicos da Egreja Primitiva, em quanto a Egreja se conservava unida, e relativamente pura.

**Os grandes Concilios.** — *Eucumenicos* de Nicea, Constantinopla, Epheso e Chalcedon publicaram as suas decisões como as suas interpretações da palavra de Deus.

Elles não decretaram cousa alguma «como necessaria á salvação» que não podesse ser provado pela Sagrada Escripura.

Toda a christandade recebeu as suas interpretações como sãs e verdadeiras; e até hoje, os seus decretos têm sido admittidos por toda a Egreja Catholica, como artigos verdadeiros de fé.

Isto tem-lhes dado o carimbo da authoridade Biblica e consentimento Catholico, que a constituição dos Concilios por si mesma nunca lhes teria dado. Vêde (Harold Browne pag. 490).

O numero de Concilios Eucumenicos conforme a Egreja Romana é de vinte; mas só sete são reconhecidos por toda a Egreja Universal tanto no Oriente como no Occidente, a saber:

- 1.º O Concilio em Jerusalem presidido por S. Thiago menor. A. D. 52 (Actos dos Apostolos, XV).
- 2.º O de Nicea (A. D. 325).

- 3.º O 1.º de Constantinopla, A. D. 381.
- 4.º O de Epheso A. D. 431.
- 5.º O de Chalcedon A. D. 451.
- 6.º O 2.º de Constantinopla A. D. 553.
- 7.º O 3.º de Constantinopla (\*) A. D. 680.
- 8.º O 2.º de Nicea (A. D. 787).

No principio do seculo IV celebrou-se (A. D. 305) na Elvira, cidade de Betica, Hespanha, um concilio no qual tomaram parte 19 bispos, sendo quatro d'estes da Lusitania. *N'este concilio se combateu a idolatria, os espectaculos ferozes, o adulterio, o divorcio, etc.*

No VI seculo celebraram-se dous celebres concilios em Braga, Egreja contada (e com razão), entre as mais illustres de toda a Hespanha. O 1.º d'estes concilios em que tomaram parte oito prelados e foi presidido pelo bispo Lucrecio, reuniu-se em A. D. 561, e o 2.º em A. D. 572 prescreveu a adopção do rito bracarense (e não o rito romano) em todas as Igrejas. Não pretendemos que estes concilios fossem eucumenicos, todavia os Christãos em Portugal devem ainda recordar com jubilo a celebração d'estes Concilios da Egreja Primitiva na península Hespanica, e devem acatar com respeito as suas deliberações.

Os Concilios Geraes podem errar, e algumas vezes têm errado e por isso as cousas que ordenam como necessarias para a salvação, não têm força nem auctoridade quando se não possa declarar que são tiradas da Escriptura Sagrada. (XXI art. de fé da E. L. C. A. E.)

A promulgação das novissimas e monstruosas

---

(\*) Harold Browne erudito theologo da Egreja Anglicana, chama a este Concilio o 6.º não contando o primeiro em Jerusalem.

doutrinas, a Immaculada Conceição da Bemaventurada Virgem e a infallibilidade papal motivaram grandes protestos dentro e fóra do proprio Concilio do Vaticano.

Com admiração de toda a gente sincera no anno de 1854 foi transformado em dogma uma superstição de visionarios, erro até então apenas tolerado nos dominios do opiniativo. A Immaculada Conceição de Maria, dogma definido pelo papa Pio IX, forçadamente conduz á deificação da mulher e á ruina do Christianismo pela base, tornando inconcebivel a Redempção e diminuindo o valor do Sacrificio de Christo na Cruz rasgando e calcando não só o ensino das Sagradas Escripuras mas tambem a doutrina dos Credos Christãos e os decretos de *todos os Concilios!!*

Se a mãe de Jesus Christo é Divina, então a nossa religião não é monotheista.

A Sagrada Escripura diz-nos claramente que a mãe de Jesus foi bemdita pelo Anjo Gabriel, por Santa Izabel, e pelo Espirito Santo, e conforme as palavras propheticas da magnificat «Será bemaventurada por todas as gerações», e toda a Igreja Catholica, tanto no occidente como no oriente (exceptuando os Arianos) sempre acreditou e ensinou a virgindade perpetua da mãe de Jesus Christo.

A Sagrada Escripura, os Credos da Igreja Primitiva, a saber: o dos Apostolos, o dos padres do Concilio de Nicêa e o de S. Athanasio, «*todos os Concilios da Igreja Universal*», (não fallamos das superstições e especulações opiniativas de alguns visionarios) e «*toda*» a Igreja Catholica, tanto no Oriente como no Occidente, *sempre* ensinou que «A Fé Catholica consiste em adorarmos um Deus em Trin-

dade e a Trindade em Unidade,» que «Christo, a segunda pessoa da Santissima Trindade tem duas naturezas, Divina e humana, que emquanto á Divindade tem só Pae, o Padre Eterno, e emquanto á humanidade tem só mãe, a Bemaventurada Virgem Maria».

«Esta é a fé Catholica, na qual o que não crêr fielmente não poderá ser salvo». (Credo de S. Athanasio .

Foi sempre um dos caracteres essenciaes do catholicismo; a perpetualidade da fé e a sua identidade atravez dos seculos. Ninguem se atreverá a negal-o. O symbolo salvo pelo concilio de Nicea e pelos esforços de S. Athanasio continuou até nós immutavel.

As novidades religiosas vem sempre perturbar as consciencias, (1) e o marianismo, ou a deificação da mulher, a mulher-Deus, a mulher-redemptora, (recurso tremendo nas mãos dos jesuitas), lisongeando a paixão mais energica do sexo fragil, a vaidade, a converte em instrumento para dilacerar e corromper a sociedade, a familia e a patria.

Aquelle que ensina qualquer doutrina nova não só fica incurso na anathema da Igreja, mas, (o que ainda é peor), cae na ira de Deus. «Se algum lhe ajuntar alguma coisa, Deus o castigará com as pragas, que estão escriptas n'este Livro». (Apocalypse XXII, v. 18).

Em 1870 o Bispo Strossmayer, Dr. Dollinger, D. Antonio Martins Bispo de Vizeu e mais alguns poucos tiveram a coragem de protestar contra a Infalli-

---

(1) Não ha duvida; o Papa Leão XIII na sua carta encyclica deu a sua approvação a um *Rosario* que ensina a divindade da mãe do Salvador, doutrina inteiramente opposta aos dogmas de toda a Igreja Catholica!

bilidade Papal. O ultimo, como é geralmente sabido, recusou a sua assignatura ao novo dogma e teve de sahir precipitadamente de Roma, e não sem difficuldade conseguiu livrar-se do imminente perigo de vida em que se achava como consequencia de seu arrojô. A Reforma Catholica em Portugal foi iniciada pelo Bispo de Vizeu protestando no Concilio do Vaticano contra os novissimos dogmas, apesar que tanto este Bispo como o Bispo Stross-mayer (que fez um eloquentissimo e irrefutavel discurso contra a infallibilidade papal no Concilio do Vaticano) nunca sahiram da Igreja de Roma.

A Reforma Catholica em Portugal foi alimentada e poderosamente auxiliada pelo grande historiador e eximio classico Alexandre Herculano, protestando eloquentemente na imprensa contra todas as innovações de Roma moderna.

Os onze ecclesiasticos que sahiram da Igreja Romana pouco depois da promulgação dos novos dogmas no Concilio do Vaticano nunca pretenderam fundar uma nova religião, mas sómente expurgar a Religião Christã das corrupções seculares e reivindicar as liberdades da Igreja Lusitana por tanto tempo sujeita ao jugo estrangeiro de Roma, e diffundir por todo este paiz uma doutrina que fosse *Catholica e Apostolica n'uma Igreja Portugueza e não Romana*. O movimento era essencialmente Catholico e nacional.

Longe de abandonar, resolveram desde o principio manter intacta a Ordem Apostolica e conservar inviolavel o ministerio antigo de Bispos, Presbyteros e Diaconos, e quando perderam a esperanza de o Bispo de Vizeu se unir á Reforma, elegeram o Rev.º P.º Angel Herreros de Mora, Bispo da Igreja Reformada. Procedendo assim sabiam que poderiam pas-

ser bastantes annos até que elle fosse consagrado, mas desejavam affirmar a sua adhesão á ordem Apostolica que consideravam de instituição Divina.

Desejavam manter e conservar *toda* a doutrina catholica e a prova é que emquanto não fosse preparada uma Liturgia nacional em lingua vulgar sobre a base dos antigos ritos, Bracarense, Mosarabica, Romana e anglicana, usaram uma traducção da Liturgia da Egreja Episcopal Reformada dos Estados-Unidos.

O movimento era inteiramente e essencialmente nacional e não dependia nem de inspiração, nem de instrucções, nem de subsidio do estrangeiro; era um brado inteiramente nacional, contra as innovações de Roma. E' verdade que o Padre Angel Herreros de Mora era natural do reino visinho, mas como os naturaes d'aquelle paiz são da mesma raça latina, falam quasi o mesmo idioma, perfeitamente intelligivel e na sua maioria professam a mesma religião n'este caso o Rev.º Mora não podia ser considerado como estrangeiro.

No 1.º Capitulo sobre A Reforma em Portugal publicado na «Egreja Lusitana» de Outubro de 1897 e nos numeros 104, 105, 106 e 107 do «Evangelista» do mesmo anno mostramos que desde os primeiros seculos da nossa era existia na Peninsula Hispanica uma Egreja Christã e que aquella antiga Egreja era não só orthodoxa e Catholica mas tambem Evangelica, e que não reconhecia as pretensões arrogantes dos Bispos de Roma a uma primazia e por conseguinte não lhes foi sujeita.

O proprio Cardeal Aguirre na sua obra «Collecção dos Concilios da Hespanha», diz que no seculo VI se

celebraram dois celebres Concilios em Braga que prescreveram a adopção do rito Bracarense (muito differente do rito Romano) em todas as Igrejas d'aquella provincia ecclesiastica.

Se é verdade que o rei D. Affonso Henriques por motivos politicos sujeitou a antiga Igreja Lusitana á Sé de Roma, offerecendo-se por feudatario ao Papa; tambem é verdade que os seus successores negaram-se a pagar este tributo, que alguns reis zombaram das excommunhões do Papa, que *D. Pedro I instituiu o beneplacito regio*, sem o qual as bullas pontificaes não tinham valor algum em Portugal, e que alguns Arcebispos de Braga luctaram tenazmente pelos privilegios e independencia da Igreja Lusitana.

Depois que os Jesuitas e a Inquisição dominaram em Portugal toda a reforma dentro ou fóra da Igreja Romana era inteiramente impossivel; trevas medonhas cobriram a face da nossa patria, a liberdade de consciencia era prohibida e o Santo Officio perseguia com ferro e fogo qualquer que mostrasse a mais pequena descrença ou que mesmo indagasse sobre a origem dos novos dogmas e innovações do Jesuitismo.

Roma reinava suprema e utilisava seu poder em abafar as consciencias e esmagar a liberdade civil e religiosa, em impedir o progresso scientifico e em matar a iniciativa industrial.

No anno de 1878, logo que a publicação do regulamento do Registo Civil tornou possivel a organização da Igreja Lusitana, tres das congregações em Lisboa e Rio de Mouro dirigiram a um Synodo Episcopal das Igrejas Anglicanas um memorial pedindo a sua sympathia e apoio.

Este memorial foi bem acolhido. O Synodo manifestou muita sympathia pela nossa Igreja e sugge-

riu que o Bispo Riley da Igreja Mexicana de Jesus e o Rev.<sup>m</sup> Arcebispo de Dublin fossem convidados a visitar a Península e prestar-nos o auxilio que mais conviesse nas actuaes circumstancias da nossa Igreja.

Effectivamente no anno de 1880 o Rev.<sup>m</sup> Bispo da Igreja Mexicana foi o primeiro a annuir ao convite que lhe foi feito e visitou a nossa Igreja.

Copiamos o seguinte do relatorio da Igreja do anno de 1878.

«Desejamos conservar a ordem apostolica de bispos, presbyteros e diaconos, porque julgamos ser ella a que mais se conforma com as Escripturas Sagradas e os costumes da Igreja primitiva, mas ao mesmo tempo não desejamos condemnar as outras igrejas christãs reformadas, que tendo a mesma fé essencial adoptaram uma outra fórma de governo ecclesiastico. Acolhemos de boa vontade todos os esforços para uma reforma segundo o modelo da igreja primitiva. *Não exigimos uma uniformidade rigida*, reprovamos divisões desnecessarias: e a todos os que se approximam de nós, fugindo do jugo do erro e da superstição, offerecemos o auxilio e os privilegios que lhes forem aceitaveis, e que não estejam em contradição com os nossos principios nos formularios na nossa Igreja.

O nosso desejo é pois, fundar uma igreja, que seja Portuguesa, episcopal, catholica, primitiva e evangelica, que, tomando mais tarde a sua posição nacional e independente, mantenha a harmonia e a união fraternal com as outras igrejas episcopaes reformadas em todo o mundo».

Em Março do anno de 1880, por occasião da visita do Bispo da Igreja Mexicana de Jesus, reuniu-se em Lisboa o primeiro Synodo da Igreja Lusitana, e

foi formulado e approvedo o Regulamento geral da Igreja Lusitana composto de XXXI artigos, do qual copiamos o seguinte :

Art. II. «Esta Igreja, seguindo o ensino das Sagradas Escripturas, inspiradas por Deus, repellindo qualquer doutrina e pratica contraria, e desejando guardal-as fielmente, e diffundil-as n'este reino, sustenta a fé, a ordem, e as praticas da Primitiva Igreja Christã.

Art. III. Esta Igreja continuará e conservará inviolavel o ministerio antigo de Bispos, Presbyteros e Diaconos, canonicamente ordenados, com todos os seus direitos e privilegios respectivos.

Art. VI. Em cada congregação formalmente organisada, a Assembleia respectiva elegerá uma Junta Parochial.

Art. IX. Haverá um Synodo em cada Diocese, composto de dois representantes de cada congregação, eleitos pela Junta Parochial respectiva, um, ministro ou ministro eleito, e outro Secular».

Do relatorio da Igreja com data de 5 d'abril de 1880, copiamos o seguinte :

«Se alguns ha que já sympathisam connosco, convidamol-os, com todo o sentimento fraternal e amor christão, a unir-se connosco, e enviar representantes a nosso Synodo Diocesano.

Escusado é lembrar-vos, queridos irmãos, que no nosso paiz o erro religioso é organizado e unido, e portanto poderoso. A união faz a força. Nós devemos por isso ser unidos entre nós mesmos pelos laços da mesma fé e da mesma disciplina, e proceder sempre no espirito da oração do nosso querido Salvador. «Rogo—que todos sejam um, como Tu, ó Pae, em mim, e eu em Ti—que tambem elles sejam um em nós,

para que o mundo creia que Tu me enviaste.» S. João XVII. 20, 21.

Assim a Igreja de Deus no nosso paiz será edificada; e caminhando no temor de Deus, e na consolação do Espirito Santo se multiplicará.

Em 30 de maio de 1880 a congregação da rua da Conceição á Praça das Flôres cujo fundador foi o rev. A. H. de Mora e presidida então pelo rev. Henrique Ribeiro Ferreira d'Albuquerque, resolveu aggregar-se á Igreja Lusitana e cumpridas as devidas formalidades, elegeu o seu presidente e o sr. Augusto Carlos Villas como representantes ao Synodo Diocesano.

Tambem em 20 de junho do mesmo anno, a Congregação Evangelica em Villa Nova de Gaya por voto de seus membros resolveu aggregar-se á Igreja Lusitana, e em 15 d'agosto por voto unanime confirmou a mesma decisão e elegeu os snrs. Diogo Cassels e José Pinto d'Oliveira como representantes ao Synodo Diocesano.

Foram convidados todos estes senhores a tomar assento na sessão do Synodo, no dia 2 de Dezembro, quando resou-se solemnemente o Te-Deum em acção de graças por tão fausto acontecimento.

N'esta sessão a Commissão Diocesana apresentou um esboço de Regulamento da Organização Parochial á discussão. As discussões foram longas e animadas mas reinou a maior harmonia e foram votados os 4 Canones do Regulamento Parochial actualmente em vigor.

Na mesma sessão foi nomeada uma commissão composta do rev.º Dr. Godefredo Pope D. D., o erudito classico o Rev. José Nunes Chaves, o rev. Henrique Ribeiro de Albuquerque, mui versado nas li-

turgias Bracarense e Mozarabe, e Diogo Cassels para preparar um livro de Oração Commun.

Todos os membros d'esta commissão e especialmente o presidente do Synodo já tinham os seus trabalhos bastante adeantados porque durante alguns annos tinham trabalhado particularmente n'esta obra.

Esta commissão compulsou, além d'outras liturgias antigas, a bracarense, a mosarabe, a romana e as das egrejas reformadas, procurando sempre seguir os modelos antigos, pondo de parte o que lhe parecia mau, e conservando o que julgava bom e biblico.

Em 1882 a Commissão apresentou a Liturgia ao conselho de Bispos que informou favoravelmente, e ao Synodo que a approvou com breves modificações e ordenou que fosse impressa para uso das congregações.

O Officio da Sagrada Eucharistia é sem duvida o serviço principal da Igreja Christã, e este Officio a saber:

O Introito, os officios correspondentes ao tempo, Glorias, Laudes, pequenas ladainhas, Officios proprios para cada domingo e dia santo, o Credo Niceno, o Offertorio, a Oblação, a Absolvição, a Intercessão geral, a Commemoração, o Osculo de Paz, prefacios proprios segundo o tempo, Trisagion, Oração de humilde accesso, recitação da Instituição, Fracção, Prece para o Espirito Santo, Libera-nos, Christo Cordeiro Paschal, a acção de graças post communhão, Gloria in excelsis Dei, Dominus vobiscum e a Benção Apostolica foram na sua maioria copiados dos Missaes Bracharense, Mozarabe e Gothico. E' verdade que a phraseologia foi muitas vezes modificada e traduzida em linguagem familiar e algumas in-

vocações medievas foram omitidas, mas a base primitiva foi sempre conservada.

A Oração da Manhã e da Tarde foram compiladas segundo o modelo Anglicano, que foi em grande parte copiado das Matinas e Vesperas do breviario romano.

Na opinião de alguns eruditos theologos o Livro de Oração, especialmente o Serviço Eucharistico da Igreja Lusitana, expurgou as corrupções medievas e innovações modernas, conservando todavia a doutrina Catholica, os usos da Igreja Primitiva e a ordem Apostolica.

Abaixo publicamos alguns paragraphos do Prefacio do Livro de Oração Commum.

«Em nome do Pae e do Filho e do Espirito Santo. Amen.

Pois que, na boa providencia de Deus, se tornou conveniente que a Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica, tenha, como Igreja Nacional e Independente, o seu proprio Livro de Oração Commum, o Synodo Geral d'esta Igreja, composto dos seus representantes, Clerigos e Seculares, reunido em sessão solemne na cidade de Lisboa no dia 20 de dezembro do anno de nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e dois, approvou esta Liturgia, e ordenou que fosse impressa para uso das congregações, que façam parte da Igreja Lusitana».

«Não pretendemos fundar uma nova religião; queremos tão sómente expurgar a Religião Christã das corrupções seculares, reivindicar as liberdades da primitiva Igreja Lusitana — por tanto tempo sujeita ao jugo estrangeiro de Roma — e diffundir por todo este paiz uma doutrina *que seja a catholica e apostolica, n'uma igreja portugueza e não romana.*»

«No decurso dos seculos introduziram-se na Egre-

ja Christã tradições e costumes tendentes a invalidar a palavra de Deus; e o poder sempre crescente do Bispo de Roma—poder nunca reconhecido pela Igreja Primitiva, e até hoje negado pelas Igrejas Gregas do Oriente—proporcionou-lhe occasiões de destruir a independencia de varias Igrejas nacionaes do Occidente, impondo-lhes, sobre o pretexto d'uma apreçoada *unidade*, a liturgia e a supremacia romana.»

«Assim tornou-se indispensavel uma reforma, que felizmente já se effectuou em varios paizes da Europa.»

«Hespanha, a parte oriental da Peninsula Iberica, teve, como ninguem ignora, o seu rito proprio e nacional, conhecido pelo nome de *Mozarabe* ou *Gothico*; e Portugal, a parte occidental da mesma Peninsula, teve tambem o seu, posto que menos distincto que o *Mozarabe*. D'este antigo rito portuguez restam ainda bastantes vestigios na Liturgia e nos usos da Igreja Bracarense.»

A Igreja Lusitana C. A. e Ev. acceita as tres ordens de jerarchia ecclesiastica que sempre existiram na Igreja Christã, que julga de instituição Divina e tem adoptado um Serviço Liturgico em grande parte tirado dos Ritos Bracharense, Mozarabe ou Gothico, e Gallicano que foram usados na Peninsula Hispanica antes do Romano.

A Igreja Lusitana, conforme o seu sub-titulo indica, não professa uma fé nova, mas venera tudo quanto é antigo.

A Igreja Lusitana mantem em toda a sua integridade e pureza, toda a doutrina Catholica e Apostolica professada pela Igreja primitiva e ensinada por Jesus e pelos Apostolos conforme se encontra na Sagrada Escripura que é a unica regra de fé, e acceita

a authoridade de todos os Concilios Ecumenicos durante os primeiros sete seculos até á separação da Igreja do Oriente por causa do Culto das imagens.

A Igreja Lusitana professa a mesma doutrina, e segue um rito muito semelhante ao da antiga Igreja Bracarense que durante tantos seculos foi usado em Portugal, e ainda mais, professa exactamente a mesma doutrina que a Propria Igreja Romana professou durante muitos seculos, isto é, até que o Ultramontanismo e o Jesuitismo dominaram a Igreja Romana no reinado de D. João III substituindo a antiga fé pelas doutrinas do Syllabus e perseguindo com ferro, fogo e a Inquisição todos quantos protestassem contra as imposições de Roma. A Igreja Lusitana conserva as antigas estações ecclesiasticas, que são muito respeitaveis pela sua antiguidade, e muito uteis para recordar ao povo, em annual successão, as grandes doutrinas da nossa fé.

Respeitamos tudo o que é antigo e nacional, é claro que não podemos prescindir dos homens e dos seculos que nos tem precedido.

Não é essencial que as tradicções e ceremonias sejam em toda a parte as mesmas, e inteiramente semelhantes; porque em todos os tempos têm sido diversas, e podem ser alteradas segundo a diversidade de paizes, tempos e costumes nacionaes, com tanto que nada se estabeleça contrario á Palavra de Deus.

A Igreja Lusitana em companhia com a Igreja Oriental e toda a Igreja Catholica reformada no occidente protesta contra o culto ás imagens.

Protesta contra o celibato obrigatorio do clero ordenado pelo Papa Gregorio VII, 1074 depois de Christo.

Protesta contra Dispensas e Indulgencias estabelecidas pelo Concilio de Verona, 1184 annos depois de Christo.

Protesta contra Confissão Auricular obrigatoria estabelecida pelo Concilio de Latrão (A. D. 1215).

Protesta contra a doutrina do Purgatorio declarada como dogma pelo Concilio de Florença (A. D. 1438).

Protesta contra a negação do Calix aos leigos no Sacramento da Sagrada Eucharistia e a definição da Sagrada Communhão em uma só especie pelo Concilio de Basileia em 1414.

Protesta contra a definição do Concilio de Trento que a tradição vale tanto como a Palavra de Deus (A. D. 1563).

Protesta contra o novissimo dogma da immaculada Conceição da Virgem definido pelo Papa Pio IX em 1854.

Protesta contra o novissimo dogma da infallibilidade do Papa proclamado pelo Concilio do Vaticano (A. D. 1870), e contra outras innovações do Jesuitismo e Ultramontanismo, poderes nunca reconhecidos pela Igreja primitiva e ainda hoje rejeitados pela Igreja Oriental, pela Igreja Antiga Catholica e pelas Igrejas Reformadas.

Finalmente protesta contra a *deificação* da Bemaventurada Virgem Maria, authorisada pelo Papa Leão XIII na Sua Carta Encyclica em 1897 sobre o Rosario, na qual a sempre Virgem é classificada como Redemptora e Salvadora do genero humano, o que é não só inteiramente contrario ao ensino da Igreja primitiva mas até da Igreja Romana medieval.

Nem um só dos novos dogmas contra os quaes nós protestamos foram ensinados ou praticados pela

Egreja Catholica Romana durante os primeiros séculos e alguns só foram definidos como dogmas em nossos dias! Emfim o nosso lemma é:

Verdade Evangelica—Ordem apostolica.

Unidade na certeza. Liberdade na duvida.

E Caridade em tudo.

No anno de 1883 foi fundada pelo Rev. P.<sup>o</sup> Guilherme Dias da Cunha, a congregação do Redemptor na cidade do Porto, que tambem aggregou se á Egreja Lusitana, elegendo como seus representantes ao Synodo, o respectivo ministro e o snr. José Luiz Teixeira.

No anno de 1889 a congregação do Bom Pastor, lugar do Candal, Villa Nova de Gaya, tambem reuniu-se á Egreja Lusitana, elegendo como seus representantes ao Synodo o seu ministro, André B. Cassels e o snr. Frederico Flower.

No anno de 1894 a Egreja Lusitana fundou uma missão em Setubal de maneira que é actualmente composta de sete Egrejas organisadas em templos proprios e espaçosos e mais um em construcção em Vianna do Castello e cinco missões, total doze congregações.

Pouco depois da organização da Egreja Lusitana os ex.<sup>mos</sup> e rev.<sup>mos</sup> Bispo Riley da Egreja Mexicana, Lord Plunket Bispo de Meath (depois Arcebispo de Dublin) o Bispo de Down, o Bispo de Clogher, e depois o Bispo Cabrera da Egreja Hespanhola obsequiosamente acceitaram o convite do Synodo da Egreja Lusitana para constituir um Conselho provisório de Bispos.

A Egreja Lusitana não tem bispo seu mas esperamos em Deus, que dentro de poucos annos ha de ser consagrado um.

Todos os bispos d'este conselho visitaram Portugal por diversas vezes, administraram o rito de confirmação a grande numero de neophytos, conferiram ordens por diversas vezes e consagraram duas egrejas mas sempre disseram que não vinham exercer jurisdicção ou poder algum na Igreja Lusitana, pelo contrario o nosso grande amigo e ex-Arcebispo de Dublin, apezar de estrangeiro, dizia e repetia em todos os seus discursos e escriptos em Irlanda. «A Igreja Lusitana é independente e nacional, os seus membros não pedem que lhes enviemos missionarios, ou professores, elles pedem as nossas orações, a nossa sympathia e o nosso auxilio». O mesmo Arcebispo em todas as suas visitas a Portugal e á Hespanha dizia constantemente: «Não tenho jurisdicção alguma n'este paiz, mas só venho cá ao convite de vosso synodo para mostrar-vos a minha sympathia e para exercer as funcções episcopaes que necessitaes emquanto não tendes um bispo vosso na Peninsula Hispanica».

No grande congresso da Igreja antiga Catholica celebrado em Lucerna (Suissa) em 1892 as Igrejas da Peninsula Hispanica eram representadas pelo Lord Plunket, Arcebispo de Dublin, presidente do conselho dos Bispos da Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica, então já organizada, e pelo Rev. Cabrera então bispo eleito da Igreja Hespanhola.

N'aquelle congresso Internacional aonde havia representantes das Igrejas Russa, Catholica Grega, (ou orthodoxa), Allemã, Suissa, Hollandeza (ou Jansenista), Franceza, Austriaca, Anglicana, Irlandeza, Americana, Italiana e Hespanhola, foram adoptadas

algumas resoluções importantes que já foram transcriptas n'este livrinho.

E' de nossa obrigação manter a Independencia e o character Nacional da Igreja Lusitana embora que d'isto proviesse alguma falta de auxilio ou prejuizo material. Acontece porém o contrario porque o Rev.<sup>mo</sup> Bispo da China Occidental e o Rev.<sup>mo</sup> Bispo de Gibraltar, que nos visitaram o anno p. p. e que sympathisam muito com a Igreja Lusitana e conhecem pessoalmente os Bispos da Igreja Anglicana, asseguraram ao redactor d'este periodico que a *unica maneira* de ganhar a sympathia dos bispos Anglicanos era: «Conservar e manter intacto o character Catholico e Nacional da Igreja Lusitana.» Não pertence a nós julgar ninguem. Não negamos que na Igreja Catholica Romana ha presbyteros que prégam o Evangelho (as boas novas de Salvação) só pelos merecimentos de Nosso Salvador Jesus Christo, e folgamos muito saber que nas igrejas dissidentes e não episcopaes, muitos (e talvez a maioria) acceitam a doutrina Catholica e orthodoxa em toda a sua pureza, só não acceitam hierarchia ecclesiastica (que julgamos de instituição divina) e adoptam outra forma de governo.

O que precisamos em Portugal, não é doutrinas *novas* mas a volta ao verdadeiro Catholicismo da Igreja unida e primitiva.

A Igreja Lusitana C. A. e Ev. só tem razão de existir como organização Episcopal e Orthodoxa tendo por base — **O Catholicismo Antigo e a Independencia Nacional.**

No Congresso Internacional da Igreja Antiga Catholica que teve lugar na cidade de Lucerne, Suissa, em Setembro de 1892, as Igrejas Catholicas Refor-

madas em Hespanha e Portugal foram representadas pelo Rev.<sup>mo</sup> Bispo Juan Cabrera (então bispo eleito) e o Rev.<sup>mo</sup> Lord Plunket, Arcebispo de Dublin e presidente do conselho de bispos da Igreja Lusitana Catholica, Apostolica e Evangelica; este ultimo fez alli dois notaveis discursos, um dos quaes vae publicado no fim d'este capitulo e que põe em evidencia os principios verdadeiramente catholicos e essencialmente evangelicos que foram sempre sustentados por aquelle eminente Arcebispo.

N'aquelle Congresso o Rev.<sup>mo</sup> Arcebispo de Dublin convidou os bispos Reinkens de Allemanha e Herzog da Suissa para conferir ordens episcopaes a dois presbyteros canonica e devidamente eleitos pelos Synodos das Igrejas reformadas na peninsula hispanica. Os bispos promptamente manifestaram por sua parte desejo de annuir ao pedido, mas já estavam compromettidos para não tomar este passo sem ser de combinação com os bispos hollandezes (Jansenistas) os quaes *n'aquella occasião* não deram o seu consentimento.

Em 1894 o Arcebispo de Dublin, com o consentimento de seus collegas, resolveu visitar a Hespanha e conferir ordens episcopaes ao presbytero, o Rev. Juan B. Cabrera.

Em 29 de Junho de 1894 foi convocado o Synodo da Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica especialmente para eleger um bispo.

A eleição cahiu por unanimidade no Rev. Conego Godofredo P. Pope, doutor em theologia, e nem outra coisa se podia esperar, visto que o Rev. presidente do Synodo não só gosava a inteira confiança de todo o clero e leigos nacionaes e estrangeiros, mas tambem era authoridade erudita em todos os assum-

*ganisação ecclesiastica que possui*, (as palavras em gripho são textualmente a opinião do Rev.<sup>mo</sup> Bispo Herzog da Suissa).

No anno de 1897 o Rev. Dr. Pope deu a entender que accitaria o episcopado se então não houvesse impedimento á sua consagração, porisso no outomno d'este anno todos os membros do Synodo, tanto clerigos como leigos, redigiram e enviaram pelo presbytero mais velho do synodo uma petição aos Arcebispos e Bispos da Egreja irlandeza humilamente pedindo-lhes para consagrar o Rev. Conego Pope D. D., presidente do Synodo, como primeiro Bispo da Egreja Lusitana

Abaixo publicamos a resposta do Rev.<sup>mo</sup> Arcebispo de Armagh, primaz da Egreja Irlandeza.

*Paço Archiepiscopal.*

Armagh—Irlanda 17 de Novembro de 1897.

«Rev.<sup>do</sup> e caro Senhor.

Recebi devidamente o vosso favor de 4 do corrente com uma petição da Egreja Lusitana dirigida a mim e aos outros Bispos Irlandezes, e uma tradução certificada da mesma em inglez.

«O programma da nossa reunião hontem que estava elaborado já ha muito, não permittiu uma discussão demorada, nem foi possivel chegar de prompto a uma decisão envolvendo principios ecclesiasticos de tão grande importancia.

A decisão não pode ser dada antes da reunião dos Arcebispos e Bispos em Fevereiro de 1898.

Não deixarei de vos informar do resultado com a menor demora possivel.

«Aproveito a occasião de vos assegurar da minha boa vontade pessoal e tambem da de meus irmãos episcopaes para convosco assim como para com

todos os outros povos christãos que estão luctando justamente para alcançar a liberdade, e a minha esperança que a vossa communhão seja guiada á plenitude da verdade catholica e conduzida á conformidade com o nosso ramo Apostolico e Reformado da Igreja de Christo, purificada tanto das superstições medievaes como dos excessos modernos.

Vosso dedicado em Christo

(assignado)

William Armagh

Primaz de toda a Irlanda.

Copia da Resolução passada em Armagh — 28 de Abril, de 1898, na reunião dos Arcebispos e Bispos da Igreja d'Irlanda convocada para considerar o memorial enviado pelo Rev. Diogo Cassels e outros á sua Eminencia o Lord Primaz d'Irlanda, pedindo que o Rev. Conego Pope fosse consagrado Bispo da Igreja Lusitana:

«Que os Bispos da Igreja d'Irlanda desejam expressar a sua sincera sympathia com os membros da Igreja Lusitana em sua heroica lucta a favor da fé Catholica, Apostolica e Evangelica, fazendo votos que, com a benção de Deus Altissimo, elles cresçam em numero e em influencia e se tornem um grande poder em seu paiz.

«Os bispos estão muito anciosos para auxilia-los de qualquer maneira que lhes seja possivel, mas sentem não poder presentemente proceder á consagração de um bispo,» (assignado) William Armagh.

**Conclusão.** Temos tido gosto em escrever muito resumidamente a historia da antiga Igreja Lusitana e em narrar, embora muito resumidamente, alguns factos de nosso conhecimento da historia da reforma em Portugal e ainda a historia da organisa-

ção da Igreja Lusitana, Catholica, Apostolica e Evangelica á qual assistimos.

Condemnamos o vicio, a impostura e as innovações, mas não atacamos os antigos usos, nem a antiga fé catholica, que abraçamos na sua inteireza e nunca criticamos de nossos irmãos em Christo, quer na Igreja Romana, quer nas igrejas não episcopaes por causa dos seus ritos ou das suas opiniões religiosas.

Dêmos graças ao Altissimo por nos ter dado vida e saude na nossa velhice para completar este humilde trabalho.

Agora entregamos esta pequena Obra, a reforma religiosa na nossa patria, e tambem a Igreja Lusitana, tudo nas mãos d'um Deus Omnipotente e d'um Salvador misericordiosissimo, Elle fará o que fôr justo e agradavel aos seus olhos. A graça de Nosso Senhor Jesus Christo seja com todos vós. Amen e Amen.

Resta-nos ainda publicar no fim d'este opusculo, conforme promettemos, o notavel discurso que fez o nosso grande amigo e bemfeitor o fallecido Lord Plunket, Arcebispo de Dublin, no Congresso da Igreja antiga Catholica, na cidade de Lucerna, Suissa, em Setembro de 1892.

*Eis a Allocução :*

Caros irmãos no Senhor :

Represento aqui hoje uma das mais pequenas Igrejas do mundo christão. Espero porém que não julgareis que fallo com vangloria se acrescentar que a Igreja da Irlanda, apezar de não contar mais de 600:000 almas, é uma das mais antigas e mais illustres das Igrejas que tem tomado parte na historia do passado. A Igreja que represento foi, como bem sabeis, organizada primeiramente por S.

Patricio no seculo quinto e por sete centos annos foi uma Igreja independente, inteiramente livre do poder papal, pois esta Igreja tem a honra de sêr uma das ultimas Igrejas no occidente da Europa a submeter-se á supremacia da Igreja de Roma! Ainda mais. Existem certos escriptos de S. Patricio os quaes são admittidos por auctoridades escolasticas como genuinos e authenticos. Em estes escriptos S. Patricio narra a historia de sua vida passada, encorporando a confissão de sua Fé.

Na sua autobiographia elle não diz uma unica palavra a respeito de têr recebido commissão de Roma nem a respeito de sêr elle sujeito de maneira alguma a interferencia estrangeira.

Sua confissão de Fé é identica, quasi palavra por palavra, ao Credo Niceno, e não contem nem sequer um d'esses novos dogmas que foram subsequente-mente formulados pelo Concilio de Trento.

Por alguns trezentos e cincoenta annos depois de sua submissão a Roma a Igreja da Irlanda esteve debaixo do jugo papal. Com a Reforma porém, esta Igreja rompeu essas cadeias e voltou aos caminhos antigos, tornando a ganhar assim a sua liberdade antiga e lançando para longe a accumulção do erro que tinha obscurecido a Fé durante os annos da escuridão.

Todos os seus bispos, creio que só com duas excepções, abraçaram a Fé reformada, e é dos bispos que acceitaram essa Fé que eu e meus irmãos do Episcopado Irlandez derivamos a nossa linhagem. A Igreja da Irlanda, sendo assim Igreja Episcopal e ao mesmo tempo livre do jugo papal, tem especial direito de representar a Igreja Antiga da Irlanda em um sentido que não pertence a qualquer outra

denominação religiosa n'esse paiz. Em outras palavras, tanto por sua descendencia como pelo caracter de seus preceitos é a Igreja Antiga Catholica, e como tal tem razão muito especial para sympathisar com aquelles a quem é devido convocar este Congresso!

Mas não só tem a Igreja da Irlanda grandes razões de sentir uma tal sympathia. Tem tambem dado provas d'esta sympathia por mais d'uma vez de um modo pratico. Não me refiro agora ao que a Suissa, assim como tambem outras terras do Continente da Europa, devem aos trabalhos dos missionarios irlandezes taes como o S. Gallo e S. Columbano no passado. Resumir-me-hei a fallar de uma epocha mais recente.

O meu irmão em Christo, Bispo Reinkens, sabe como no passado se tem recebido da Irlanda auxilio para sustentar estudantes em theologia na cidade de Bonn.

O Bispo Herzog pôde-vos dizer que auxilio semelhante tem sido dado em Berne. Mas a nossa sympathia tem chegado tambem até outros centros Antigos Catholicos.

No 1.º de Dezembro d'este anno espero, se Deus quizer, inaugurar e consagrar um novo templo em Madrid, o qual foi edificado por christãos da Igreja Episcopal da Irlanda para os reformadores Antigos Catholicos d'aquella cidade, á custa de duas a trez mil libras esterlinas.

Com referencia a este assumpto, peço licença para dizer que ficaria agradecido se alguns dos meus ouvintes podessem estar presentes na cerimonia mencionada.

E agora, caros irmãos, espero que tenho dito bas-

tante para mostrar que ha alguma razão para que a Igreja da Irlanda seja representada n'este Congresso hoje.

Mais uma palavra. Se não se julgar como atrevimento da minha parte que eu, que tenho assistido a este Congresso simplesmente como espectador e para mostrar sympathia, dê a minha opinião sobre os vossos trabalhos, desejava dizer quanto me tem interessado o que aqui se tem passado. Desejava especialmente dar-vos os meus parabens pelo espirito liberal com o qual tendes indicado o que parece constituir uma base para a Federação nas Igrejas Antigas Catholicas. Peço que me desculpeis por me atrever a dizer que aceitei muito gostosamente a vossa decisão para omittir de tal base a referencia á Declaração de Utrecht que ella continha primitivamente. Digo isto, não porque deixo de approvar essa Declaração no abstracto. Eu mesmo assignaria-a conscienciosamente.

Contem porem, na minha opinião, uma definição de doutrina demasiada minuciosa, acima e alem da que se acha formulada nos nossos credos, para servir de base para União Christã em qualquer escala grande. Os Oito Artigos d'essa Declaração parecem com effeito, deixai-me assim dizer, occupar uma posição analoga á dos Trinta e Nove Artigos da Comunhão Anglicana.

Estes Artigos servem em cada caso um fim valioso em relação ás Igrejas que os formaram. Emquanto que estas Declarações de Doutrina não forem representadas em sentido algum como acrescentadas aos credos Eucumenicos, ou como condição de affiliação na Igreja, tanto seria contra a razão que nós por nossa parte protestassemos contra os vossos

«Oito Artigos» ou que vós denunciásseis os nossos trinta e nove.

Mas nem uma nem outra Declaração parece, pelo menos na minha opinião, sêr de character bastante vasto para fornecer uma base para esta federação maior que, que se não me engano com respeito ao espirito d'este Congresso, todos temos tanto a peito. Em todo o caso, caros irmãos, julgo que concordaremos todos n'isto, que não é nem nas Declarações de Doutrina que têm sido adoptadas, nem nos discursos que têm sido feitos n'esta ou em outras Conferencias, que a causa da União será poderosamente augmentada. Estas Declarações e estes discursos têm, é verdade, uma importancia especial. Porém, muito depois de estarem esquecidos, os resultados abençoados que são necessariamente a consequencia de cumprimentos fraternaes, convivencia social, e amizade christã tal como tem havido entre nós durante estes dias passados, continuarão ainda secreta e silenciosamente a trabalhar para o mesmo fim. Sim, meus irmãos, demos graças a nosso Deus porque d'uma maneira e d'outra a causa da União Christã continua a augmentar maravilhosamente de dia a dia.

Eu, por minha parte, conhecendo taes progressos como os que se teem visto tanto em Grindelwald como aqui em Lucerna, confesso que presencio tudo não só com gratidão mas tambem com um certo sentimento de respeito, pois conheço que o que agora presencio é obra não do homem mas do Espirito Santo,—esse Espirito pelo qual toda a Igreja é governada e sanctificada—esse Deus que é tudo em tudo !

E agora, meus irmãos, por parte da Igreja que re-

presento aqui hoje, offereço-vos uma saudação fraternal, felicito-vos sobre a posição imponente de utilidade e dignidade a qual já tendes alcançado e invoco sobre vós e vossa bôa obra a benção do Deus Altissimo, em nome do Pai, do Filho e do Espirito Santo. Amen.

**O Rev. R. S. Oldham.**—representante do Arcebispo de Canterbury, que fallou em Allemão disse: Tem sido para mim um grande privilegio assistir a este Congresso da Igreja Antiga Catholica.

Ha vinte annos que estive presente como convidado no grande Congresso dos Antigos Catholicos que teve logar em Cologne em 1872.

Ahi vi pela primeira vez o grande Döllinger, e ahi tomei conhecimento (o qual resultou mais tarde em sincera amizade) com outro vulto, na minha opinião tão grande como elle, refiro-me ao vosso caro Bispo Reinkens. Pois estou certo que chegará o tempo quando elle será universalmente reconhecido como um dos maiores Bispos d'este seculo.

Desde 1872 dediquei-me a estudar o Antigo Catholicismo, fazendo por comprehender a sua origem e os seus verdadeiros principios e fins.

O resultado foi que tornei-me em Antigo Catholico enthusiastico. E isto não operou mudança alguma em mim. Já era Anglicano enthusiastico e fiquei convencido que os principios e fins do Antigo Catholicismo eram *absolutamente identicos aos da minha Igreja.*

Consta-me que os Jesuitas nunca se cançam de fallar dos seus milhões, mas os Antigos Catholicos tambem têm os seus. Pois os milhões de Anglicanos na Gran-Bretanha e na Irlanda, nas Colonias Britanicas e nos Estados Unidos da America, todos são An-

tigos Catholicos de nascimento, reconheçam elles este facto ou não.

Mas o que me dá hoje um prazer todo especial é que fui escolhido para trazer-vos uma mensagem affectuosa e sincera do Arcebispo de Canterbury, conhecido por todos como cabeça de todos os Anglicanos em todo o mundo. O Arcebispo de Canterbury sauda-vos como irmãos em nosso Senhor Jesus Christo. Elle invoca a benção de Deus sobre as vossas deliberações e tem a firme certeza que estas hão de concorrer para a paz e o bem-estar da Igreja Catholica.

Porém isto não é tudo. Em Julho de 1888 mais de cem Bispos das Igrejas Anglicanas de todas as partes do mundo se ajuntaram no Paço Episcopal de Lambeth para uma Conferencia. Esta Assembleia, á qual presidiu, como era natural, o Arcebispo de Canterbury, fez certas resoluções com referencia ás relações ecclesiasticas entre as Igrejas Anglicanas e os Antigos Catholicos. Essas resoluções distinguiram-se bastante umas das outras consoante o character e as circumstancias das Igrejas ou comunidades Antigas Catholicas em diversos paizes, mas todas eram permeadas pelo mesmo tom de sympathia fraternal, e é egual sympathia fraternal á qual o Arcebispo me encarregou de dar viva expressão n'este Congresso. Está claro que uma tal sympathia entre Igrejas Christãs tem forçosamente de ser viva, que não se contenta com meras palavras mas que se dá a conhecer por obras. O grande fim que todos devemos ter em vista é uma communhão reciproca. E mesmo quando não seja possivel attingir isto de repente ou sem difficuldade, nunca devemos ficar satisfeitos até podermos todos nos reunir deante do mesmo altar.

Será bom, talvez, que todos consideremos se não seria possível fazer progressos mais rapidos para alcançar este santo e importante fim, se o amor do Senhor e Salvador de todos reinasse plenamente em nossos corações.

Terei muito gosto em communicar ao Arcebispo de Canterbury o feliz progresso de todos os trabalhos d'este Congresso. Que o Santo Espirito de Deus vos allumie e vos fortaleça de tão subido modo que possais conseguir os fins sublimes para os quaes trabalhaes como Antigos Catholicos nos diversos paizes da Europa, para a gloria do seu santo nome e para o bem-estar espirital da Egreja Catholica em todo o mundo!—

*O Rev.<sup>mo</sup> Bispo de Salisbury da Egreja Anglicana* tambem fez um interessante e importantissimo discurso que nos é impossivel reproduzir por extenso por falta de espaço, mas traduzimos alguns paragraphos do principio do mesmo.

Reverendissimos Irmãos e Padres, muito amados e dignos companheiros na Fé.—

E' para mim um grande gozo encontrar-me aqui tomando parte no culto publico n'esta bella e imponente Egreja denominada Christus Kirche a qual dá um novo encanto e uma belleza especial á cidade de Lucerna, no mesmo sitio aonde tive a honra de me encontrar o anno passado ao lado de meu digno e muito respeitado irmão, Bispo Herzog, na occasião do lançamento da Pedra Fundamental.

O amavel convite da illustre direcção d'este congresso forneceu-me a occasião importante de vos dirigir algumas poucas palavras de amor fraternal n'esta casa de Deus—occasião que sinto ser tanto

mais importante por têr de fallar-vos não só por mim como tambem a pedido do meu Reverendissimo collega o Arcebispo de Dublin que tem mostrado um interesse tão vivo na obra Antiga Catholica, e isto já desde muito tempo. Vós, irmãos e amigos Antigos Catholicos, tendes diante de vós um fim elevado e grandioso. Concedei-me licença, por vossa bondade que, d'este lugar santo accrescente ainda algumas palavras sinceras com respeito aos meios que na minha opinião parecem ser os mais poderosos para attingir esse fim.

O primeiro passo será sem duvida manifestar amor christão a todos os nossos irmãos na fé. E' este um dever muito facil dizer-se, é porem talvez a mais custosa de todas as emprezas o formar uma resolução firme e tambem pol-a em pratica, de defender a nossa propria causa sem todavia offender aquelles que pensam d'outra maneira com palavras asperas e faltas de caridade, e quando fôr necessario atacar os outros fazel-o só com o coração triste e pesaroso.

Sua Ex.<sup>a</sup> Lord Plunket, Arcebispo de Dublin, em um banquete realisado no ultimo dia do Congresso da Igreja Antiga Catholica, na cidade de Lucerna, fez o seguinte discurso, repleto de caridade Catholica, que julgamos necessario traduzir por inteiro, porque mostra a sympathia e fraternidade christã do grande Arcebispo para com todas as Igrejas Antiga-Catholicas, quer no oriente, no occidente ou no centro da Europa.—Eis o discurso:

Caros e muito honrados amigos.

Retribuo os meus sinceros agradecimentos áquelles que tiveram a bondade de convidar-me para dirigir algumas palavras a esta assembleia.

Sinto-me acanhado, sem duvida, por ter de fallar n'uma lingua quasi desconhecida para muitos aqui presentes, todavia, considero-me feliz por ter esta occasião de dizer quanto estimo o privilegio de ter sido convidado para assistir a este Congresso Antigo Catholico, apesar de não ser esta a vez primeira que semelhante favor me tem sido concedido.

Faz agora quasi 20 annos que tive a honra de ser convidado a assistir á segunda Conferencia Antiga Catholica que se reuniu em Bonn. Então recebi uma cordeal saudação dos labios do grande Dr. Döllinger e na verdade, posso dizer que préso, com o mais profundo orgulho, a occasião que então tive de apertar a mão d'aquelle distincto theologo, a cuja sabedoria e talento — sim — e a cuja coragem, tambem, não só os interesses da Igreja Antiga Catholica, mas os de toda a Igreja Christã na sua inteireza, são devedores da mais vasta gratidão.

Tenho fallado da coragem do Dr. Döllinger, e fallo com justiça, porque não devemos esquecer que, quando muitos outros se retiravam da lucta, com os corações enfraquecidos depois de terem proferido palavras corajosas, elle não só as proferiu com coragem, como, tambem luctou heroicamente, atrevendo-se, mesmo, a incorrer na pena da excomunhão da Igreja de Roma, do que fingir acreditar n'aquillo que elle sabia ser, tanto theologica como historicamente, uma falsidade, uma mentira.

Referindo-me ao Dr. Döllinger não posso deixar de contar um caso da sua vida.

Tres dias depois da promulgação do dogma da Infallibilidade Papal, o Arc.<sup>po</sup> de Munich convocou para uma reunião, todos os professores do collegio de que o Dr. Döllinger era lente. -- «Roma tem fallado».

disse, «e agora não temos nada mais a fazer do que obedecer»; e, virando-se para o Dr. Döllinger, acrescentou:— «E agora, Dr., não é melhor tentar esquecer o passado e continuar novamente a trabalhar pela Igreja» ao que o Dr. Döllinger replicou:— «Sim, pela Igreja Antiga.» O Arc.<sup>o</sup> ficou perplexo:— «Ha só uma Igreja», respondeu elle, «e é sempre antiga». A' vista d'isto, o Dr. Döllinger virou-se, e, com as lagrimas nos olhos, disse:— «E' verdade, mas os homens fizeram uma *igreja nova!* Tenho recordado estas palavras, meus amigos, porque formam a medulla e a origem do movimento antigo Catholico que este Congresso representa e que nos trouxe aqui hoje. Roma fez uma Igreja Nova. Pelos recentes decretos do Vaticano, pelos novos dogmas do concilio de Trento, sim, e pelas innovações ainda mais atrazadas, Roma tem feito, repito, uma Igreja nova. Todos os que, hoje, aqui estamos reunidos e todos os outros que não estão resolvidos a acatar o jugo Papal, não queremos acceitar esta nova Igreja. Estamos resolvidos a ficar no nosso posto, ao lado da Igreja Antiga! Mas as minhas obrigações á causa velha catholica não findam aqui. Na mesma conferencia de Bonn tive o prazer de travar conhecimento com o nobre prelado que sempre tem sido, e de facto continua a ser «Um pae em Deus» d'este movimento; refiro-me a meu irmão no Senhor, bispo Reinkens. Quanto esta causa deve ao Bispo Reinkens, só a eternidade o descobrirá, e quando assim fallo, não me refiro unicamente aos seus vastos conhecimentos e sabedoria, apesar de serem grandes, indubitavelmente, mas especialmente pelo exemplo dado ao seu rebanho, pela sua piedade pessoal e espiritualidade d'alma. Quão bom é para o seu povo

ter um tal estandarte diante de si, é desnecessario dizer, mas tenho a certeza que exprimo os sentimentos de todos aqui presentes, quando digo que qualquer igreja que tenha falta d'este alimento espiritual, depois de tudo feito, não é mais do que um corpo sem vida e sem alma.

Mas ainda tenho de me desempenhar d'outra vida. Não posso esquecer que a Igreja Antiga Catholica me doou outro amigo na pessoa de meu caro irmão, bispo Herzog, justamente amado e respeitado pelo seu povo, e, como preside á Igreja Antiga Catholica, no paiz em que este Congresso se acha reunido, merece honra especial da nossa parte n'este dia. Emquanto a mim não esquecerei facilmente o proveito e o prazer que experimentei, mantendo conversas christãs com o bispo Herzog, e a benigna recepção que, em mais d'uma occasião, encontrei no seu lar hospitaleiro; e agora estes favores cumeáram na presente occasião, em que me é dada a honra de assistir a este imponente Congresso. E agora, em quanto ao Congresso que direi eu? E' sufficiente apontar o admiravel poder da atracção que elle tem exercido em reunir visitantes de todas as partes do mundo civilisado. Representantes de igrejas sympathisantes, não sómente d'Allemanha, Austria, Hollanda, França, Inglaterra, Italia e Hespanha, mas tambem de S. Petersburg, da Grecia, de Jerusalem, da Finlandia, dos Estados Unidos da America e das Antilhas, concorreram a esta reunião! Os astrónomos, como sabemos, estão acostumados a calcular o tamanho e o peso das estrellas, até as mais distantes, pela força attractiva que manifestam e pelas perturbações que causam em relação a outros corpos celestes. Certamente, quando nós contemplamos a

maravilhosa atracção centripeta d'este Congresso, tornando-se o centro, ao qual tantos amigos têm sido attraídos irresistivelmente, cada coração contemplativo deve ficar impressionado com a importante posição que desde já é occupada pela Igreja Antiga Catholica e o grande destino que a espera n'um futuro não distante.

Só tenho a accrescentar que o privilegio que me foi concedido de fallar n'esta assembleia é augmentado pela occasião que se me proporciona de fazer um brinde que eu tenho a certeza que será cordalmente recebido por todos a quem me dirijo. Tenho a honra de levantar um brinde ao meu caro irmão no Senhor — o Arcebispo de Patras (Grecia). O meo facto que n'esta reunião um arcebispo de Dublin seja encontrado prestando uma homenagem a um arcebispo do longinquo oriente, é por si só uma prova das feições cosmopolitas do vosso Congresso, ás quaes já me referi. E' mais um motivo de satisfação saber que estou fazendo um brinde a um, que na qualidade de descobridor e editor d'um antiquissimo exemplar manuscripto d'um commentario por Euthymio, os amigos da litteratura, e especialmente os amigos da litteratura christã devem eterna gratidão. Nem é desapropriado que este brinde seja proposto por um arcebispo Irlandez, porque não posso esquecer que muitas das feições distinctivas que caracterisavam a antiga Igreja Irlandeza claramente foram de origem oriental. A'quelles que se encontram, assim como nós, em antagonismo com a Igreja de Roma, não pode deixar de ser interessante lembrar que é, em grande parte, devido áquellas mesmas tradições oriundas do Oriente, que a Igreja, que eu represento, permaneceu em conflicto com o Pa-

pado durante muitos seculos e só quasi mil annos depois da introducção do christianismo n'aquella ilha, Irlanda succumbiu pela primeira vez ao jugo Romano! E agora, sem mais delongas, faço um brinde ao Arcebispo de Patras.

*Permitta Deus que a Egreja Lusitana Catholica, Apostolica e Evangelica sempre siga os passos, imite a fé, e copie a Caridade Catholica d'aquelle servo de Deus, e nosso grande amigo, Lord Plunket, Arcebispo de Dublin.*

FIM

---